

Diana Wynne Jones

OS MUNDOS DE

CRESTOMANCI

MIL MÁGICAS

GERAÇÃO

S
EDITORIAL



A Série Os Mundos de Crestomanci é composta
dos seguintes títulos:

Vida Encantada
As Vidas de Christopher Chant
Os Magos de Caprona
A Semana dos Bruxos
Mil Mágicas

Diana Wynne Jones

Ilustrações de Tim Stevens

MIL MÁGICAS

Tradução de
ELIANA SABINO



GERAÇÃO

EDITORIAL

Mil Mágicas

Editor e Publisher: Luiz Fernando Emediato

Diretora Editorial: Fernanda Emediato

Tradução: Eliana Sabino

Capa: Alan Maia

Ilustrações: Tim Stevens

Diagramação: Vanderlucio Vieira

Revisão: Maria de Lourdes (Tucha)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Jones, Diana Wynne

Mil mágicas / Diana Wynne Jones ; ilustrações de Tim Stevens; [tradução de Eliana Sabino], — São Paulo : Geração Editorial, 2008. — (Coleção os mundos de Crestomanci)

Título original: Mixed magics

ISBN 978-85-61501-05-1

1. Ficção — Literatura infanto-juvenil

I. Stevens, Tim. II. Título. III. Série.

08-06060 CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático: 1. Ficção : Literatura infanto-juvenil 028.5 2. Ficção : Literatura junenil 028.52008

Impresso no Brasil Printred in Brazil

1a. Edição — outubro de 2008

Nota da Autora

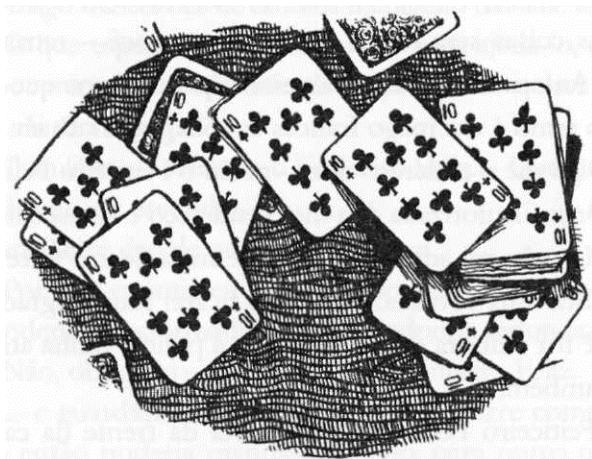
Há milhares de mundos, todos diferentes do nosso. O mundo de Crestomanci é vizinho ao nosso, e a diferença entre os dois é que no mundo dele a magia é tão comum quanto a música é no nosso mundo. Esse mundo está cheio de pessoas praticando magia — feiticeiros, bruxas, taumaturgos, bruxos, faquires, mágicos, mandingueiros, magos, xamãs, adivinhos e muitos outros, desde a mais humilde Bruxa Autorizada até o mais poderoso dos magos. Os magos são estranhos, e poderosos. A magia deles é diferente e mais forte, e muitos deles têm mais de uma vida.

Portanto, se alguém não controlasse todos esses atarefados usuários de magia, as pessoas comuns teriam problemas terríveis e provavelmente acabariam escravas. Assim, o governo indica o mago mais forte que existe para assegurar-se de que ninguém usará a magia de maneira incorreta. Esse mago tem nove vidas e é conhecido como “o Crestomanci”. Pronuncia-se como se escreve. Ele precisa ter uma personalidade forte, assim como uma magia poderosa.

Índice

Um feiticeiro ao volante
O ladrão de Almas
O centésimo sonho de Carol Oneir
O filósofo de Theare





Um feiticeiro ao volante

*

O Feiticeiro Feliz era um azarado de nascença. Perdera sua magia quando Crestomanci a tomou dele, e com isso ele ficou também sem o seu ganha-pão. Assim, decidiu entrar para a vida de crimes roubando um automóvel (porque adorava automóveis) para vender. Encontrou um lindo exemplar na rua principal de Wolvercote, mas perdeu a cabeça quando um policial de bicicleta flagrou-o tentando arrombar a tranca da porta e aproximou-se para saber o que ele estava fazendo. Ele saiu correndo.

O policial saiu pedalando atrás dele, soprando seu apito, e o Feiticeiro Feliz pulou o muro mais próximo e continuou correndo, ainda escutando o apito, até chegar ao quintal de uma ex-Bruxa Autorizada que era sua amiga.

— Que é que devo fazer? — perguntou, ofegante.

— Como é que eu posso saber? Não estou acostumada a fazer as coisas sem magia tanto quanto você — retrucou a Bruxa Autorizada. — A única pessoa que conheço que ainda está no ramo é um mago francês em Shepherd's Bush.

— Diga-me o endereço dele — pediu o Feiticeiro Feliz. A Bruxa Autorizada deu-lhe o endereço e acrescentou:

— Mas não vai adiantar nada de nada. Jean-Pierre sempre cobra uma fortuna. Agora eu ficarei muito agradecida se você for embora daqui antes que a polícia venha atrás de mim também.

O Feiticeiro Feliz saiu pela porta da frente da casa da Bruxa na Rua do Encontro das Feiticeiras e tomou um susto ao escutar o apito do policial ainda soando a distância. Percebendo que não tinha tempo a perder, ele dirigiu-se às pressas à loja de brinquedos mais próxima e gastou sua última moeda de 25 centavos comprando uma pistola de brinquedo. Armado com ela, entrou na primeira agência dos Correios que encontrou.

— O dinheiro ou a vida! — bradou para a Encarregada.

O Feiticeiro Feliz era um rapaz corpulento. Tinha a aparência de estar sempre precisando barbear-se, e para a Encarregada era óbvio que ele era uma pessoa desesperada. Então permitiu que ele esvaziasse o cofre.

O Feiticeiro Feliz colocou no bolso o dinheiro e a pistola e pegou um táxi para um longo percurso até Shepherd's Bush, com a sensação de que, se não podia ter um carro próprio, um táxi era a segunda melhor coisa. Custou muito caro, mas ele chegou ao escritório do mago

francês ainda com 273 libras esterlinas, 6 xelins e 4 centavos no bolso.

O mago francês deu de ombros num gesto bastante francês.

— O que espera que eu possa fazer para ajudá-lo, amigo? Eu, por mim, tento não ofender a polícia. Se quiser minha ajuda vai ter de pagar.

— Cem libras — ofereceu o Feiticeiro Feliz. — Quero que dê um jeito de me esconder.

Jean-Pierre deu de ombros outra vez.

— Por essa quantia eu poderia escondê-lo de duas maneiras. Poderia transformá-lo em uma pedrinha redonda...

— Não, obrigado — interrompeu o Feiticeiro Feliz.

— ...e guardá-lo numa gaveta — Jean-Pierre completou. — Ou então poderia mandá-lo de vez para outro mundo. Poderia até mandá-lo para um mundo onde você teria a sua magia...

— Teria a magia de volta? — perguntou o Feiticeiro Feliz.

— ...mas isso lhe custaria o dobro. Sim, naturalmente você poderá ter a sua magia de volta se for para algum lugar onde Crestomanci não tenha poder. Aquele homem não é todo-poderoso.

— Então irei para um lugar desses — o Feiticeiro Feliz aceitou.

— Muito bem. — Com expressão entediada Jean-Pierre pegou um baralho e abriu as cartas em leque. — Tire uma carta. Isso vai decidir qual será o mundo que você vai enfeitar com sua cara barbuda.

Quando o Feiticeiro Feliz estendeu a mão para pegar uma carta, Jean-Pierre afastou o baralho.

— Seja qual for o mundo, o dinheiro de lá será totalmente diferente das suas libras e dos seus xelins e centavos — declarou. Você pode muito bem me dar tudo o que tem.

Assim, o Feiticeiro Feliz entregou todas as suas 273 libras e todos os seus 6 xelins e 4 centavos. Então teve permissão para pegar uma carta. Era o 10 de paus. Ora, não é uma carta ruim, pensou o Feiticeiro Feliz. Ele não era um cartomante, naturalmente, mas sabia que o 10 de paus queria dizer que alguém seria intimidado por um valentão. Decidiu que seria ele o valentão e devolveu a carta. Jean-Pierre, em um gesto descuidado, jogou todas as cartas sobre uma mesa. O Feiticeiro Feliz teve tempo apenas para constatar que todas as cartas eram 10 de paus, antes de encontrar-se ainda em Shepherd's Bush, mas em um mundo inteiramente diferente.

Estava parado no que parecia ser um estacionamento junto a uma rua larga. Nessa rua os automóveis passavam em disparada, em número muito maior do que ele já havia visto em sua vida, além de caminhões e um ou outro ônibus grande e vermelho. Além disso, havia carros estacionados à volta dele. Era mesmo um ótimo mundo!

O Feiticeiro Feliz aspirou o delicioso cheiro de gasolina e virou-se para o automóvel estacionado mais próximo para ver como ele funcionava. Parecia ser diferente daquele que ele havia tentado roubar em Wolvercote. Como experiência, fez um gesto mágico por cima do capo do carro. Para seu deleite, o capo ergueu-se cerca de uma polegada. O mago francês não havia mentido. Ele tinha a sua magia de novo.

O Feiticeiro Feliz estava prestes a levantar o capô e mergulhar nos mistérios sob ele quando avistou uma mulher grandona, de farda, com uma faixa amarela em volta do quepe, caminhando com ar decidido na direção dele. Devia ser uma policial. Agora que tinha de novo a sua magia, o Feiticeiro Feliz não entrou em pânico. Simplesmente soltou o capô do carro e saiu andando tranqüilamente. Para surpresa dele, a policial não o seguiu. Limitou-se a lançar-lhe um olhar de profundo desprezo e a enfiar um pedaço de papel sob o limpador do pára-brisa do carro.

Mesmo assim o Feiticeiro Feliz achou mais prudente continuar caminhando. Foi até outra rua sem deixar de observar os carros, até que alguma coisa levou-o a olhar para cima. A sua frente havia uma grandiosa edificação de mármore. BANCO DA CIDADE, diziam suntuosas letras douradas. Ora, pensou o Feiticeiro Feliz, ali estava uma maneira melhor de conseguir um automóvel do que simplesmente roubar. Se assaltasse aquele banco poderia comprar um carro todo dele. Tirou do bolso a pistola de brinquedo e entrou pela imponente porta.

Lá dentro o ambiente era silencioso, elegante e tranqüilo. Embora houvesse bastante gente à espera diante dos caixas ou andando por ali, ninguém deu mostras de ter percebido o Feiticeiro Feliz ali parado, hesitante, brandindo a pistola. Ele foi obrigado a sair empurrando para o lado as pessoas da fila mais próxima e apontar a pistola para a mulher do outro lado do guichê.

— O dinheiro ou a vida — disse.

Ai, sim, as pessoas demonstraram perceber. Alguém soltou um grito. A mulher atrás do guichê empalideceu e

colocou o polegar sobre um botão perto da gaveta de dinheiro.

— Quanto... quanto dinheiro, senhor? — gaguejou ela.

— Tudo — o Feiticeiro Feliz respondeu. — E depressa.

Mais tarde ele se perguntou se não teria sido um pouco guloso demais. Porém parecia tão fácil... Todos, dos dois lados do comprido balcão de guichês, estavam paralisados, olhando para ele, com medo da pistola. E a mulher abriu prontamente a gaveta de dinheiro e começou a contar os maços de notas de cinco libras com gestos desajeitados por causa da pressa e da ansiedade.

Enquanto ela fazia isso, a porta do banco se abriu e alguém entrou. O Feiticeiro Feliz olhou de relance por cima do ombro e viu que se tratava apenas de um homenzinho de terno listrado que tinha os olhos fixos nele, como todas as outras pessoas. A mulher estava passando o primeiro maço de dinheiro para Feiticeiro Feliz quando o homenzinho gritou com voz bem forte:

— Não seja tola! Ele está só brincando! Essa pistola não é de verdade!

Imediatamente todo mundo voltou-se contra o Feiticeiro Feliz. Três homens tentaram agarrá-lo. Uma senhora girou a bolsa e atingiu-o na cabeça, dizendo:

— Tome isto, seu ladrão!

Uma campainha começou a soar muito alto. E, pior ainda, em algum lugar no lado de fora começou uma sirene infernal que ficava cada vez mais perto.

— E a polícia chegando — gritou a velhinha, reiniciando o ataque ao Feiticeiro Feliz.

O Feiticeiro Feliz virou-se e correu, com todos tentando pará-lo e pondo-se em seu caminho. A última pessoa que lhe barrou a passagem foi o homenzinho de terno listrado. Ele agarrou o Feiticeiro Feliz pela manga e disse:

— Espere um minuto...

A essa altura o Feiticeiro Feliz estava tão desesperado que disparou a pistola de brinquedo contra ele. Um jato de água saiu da pistola e atingiu o homenzinho em um olho, encharcando-lhe o elegante terno. O homenzinho curvou-se e soltou-o. O Feiticeiro Feliz irrompeu porta afora do banco.

Na rua, a sirene era ensurdecadora. Vinha de um carro branco com o letreiro polícia e uma luz azul piscando no teto, que descia a rua em disparada na direção dele. Havia um carro bastante bonito estacionado rente à calçada, virado na direção da viatura policial. Um carro grande, brilhante, caro. Mesmo em pânico e sem saber como a polícia havia sido chamada tão depressa, aquele automóvel chamou a atenção do Feiticeiro Feliz. Quando o carro da polícia freou ruidosamente e alguns policiais começaram a saltar, o Feiticeiro Feliz abriu a porta do belo carro, pulou para trás do volante e ligou o motor em uma explosão de magia desesperada.

Atrás dele os policiais tornaram a entrar no carro, que deu meia-volta com os pneus cantando e saiu a persegui-lo. O Feiticeiro Feliz viu a aproximação deles pelo espelhinho que alguém tivera o senso prático de fixar no pára-brisa. Ele fez uma curva fechada numa esquina e desapareceu de vista. Mas o carro da polícia o seguiu. O Feiticeiro Feliz virou outra esquina e mais outra. Mas o carro policial agarrava-se a ele como uma sanguessuga.

O Feiticeiro Feliz tomou consciência de que era melhor economizar um pouco da magia que estava utilizando para fazer o veículo andar e usá-la para dar-lhe uma aparência diferente. Assim, enquanto virava disparado outra esquina e desembocava na rua larga que ele havia visto ao chegar, usou o restinho da magia para pintar o carro de cor-de-rosa forte. Para seu alívio, o carro da polícia passou por ele e distanciou-se.

O Feiticeiro Feliz relaxou um pouco. Tinha agora um belo automóvel e parecia estar seguro no momento. Mas ainda precisava aprender como fazer aquela coisa funcionar sem ser por magia, e, como ele logo descobriu, havia todo tipo de regras para dirigir que ele nunca havia imaginado.

Para começar, todos os carros trafegavam na pista da esquerda, e os motoristas aparentemente ficavam muito zangados quando encontravam um grande automóvel cor-de-rosa vindo na direção deles pelo lado errado da rua. Além disso, havia algumas ruas em que todos os carros pareciam estar vindo em direção ao carro cor-de-rosa, e as pessoas dentro desses carros faziam gestos irados, apontavam, buzonavam para o Feiticeiro Feliz. Ainda por cima, às vezes havia luzes nos cruzamentos e as pessoas pareciam não gostar se alguém passava por elas quando estavam vermelhas.

O Feiticeiro Feliz não era muito inteligente, mas logo compreendeu que não era comum que um carro fosse cor-de-rosa. Um carro cor-de-rosa que desobedecia a todas aquelas regras não podia passar despercebido. Assim, enquanto continuava em frente procurando uma rua tranquila onde pudesse aprender como o carro funcionava realmente, ele pensava em outra maneira de disfarçar o

veículo. Viu que todos os carros tinham na frente e atrás uma placa com letras e números. Aquilo facilitava as coisas.

Mudou o número da placa dianteira para FC100 e a traseira para XYZ123 e deixou que o carro retornasse à sua bela cor cinza brilhante. Dirigiu com prudência até chegar a ruas desertas com casas silenciosas. A essa altura estava muito cansado. Nunca tivera grande magia; além disso, estava fora de prática. Sentiu-se feliz ao estacionar para procurar o botão que ligava o motor.

Havia fileiras de botões, mas nenhum deles parecia ser o que ele estava procurando. Um botão esguichou água em toda a janela da frente. Outro abriu as janelas laterais, deixando entrar um sopro de vento úmido. Outro fez luzes piscarem. Outro ainda disparou uma buzina tão alta que fez o Feiticeiro Feliz dar um pulo. As pessoas iam reparar!

Ele entrou em pânico. Seu pescoço começou a ficar quente e depois frio, com um lugarzinho especialmente frio e nervoso, no centro, na nuca, logo acima do colarinho. Ele tentou outro botão. Esse tocava música. O botão seguinte produziu vozes: “Câmbio e desligo... Sim. Cor-de-rosa. Não sei como ele conseguiu mudar a cor tão depressa, mas sem dúvida é ele...”

O Feiticeiro Feliz constatou, com um pânico ainda maior, que estava escutando a polícia magicamente, e que ainda estavam à procura dele. Apavorado, apertou outro botão, e os limpadores do pára-brisa puseram-se a mover-se furiosamente sobre o vidro, retirando a água que o primeiro botão havia esguichado.

— Hã... — fez o Feiticeiro Feliz, levando a mão à nuca para esfregar o lugar frio e apavorado.

Esse lugar estava ligado a um comprido focinho morno e peludo. O proprietário do focinho, fosse quem fosse, não gostou de ser esfregado. Soltou um rosnado profundo, juntamente com uma lufada de ar quente e fedorento.

O Feiticeiro Feliz encolheu o braço. Em seu pavor, apertou outro botão, que fez o encosto do banco onde ele estava sentado inclinar-se suavemente para trás até uma posição horizontal, deixando-o deitado de costas. Encontrou-se cara a cara com o maior cachorro que já vira. Era uma fera de cor avermelhada com caninos brancos de dimensões compatíveis com o tamanho do animal. Evidentemente, além do automóvel ele roubara também um cachorro.

— Grrr — repetiu o animal, baixando a cabeça até que o rosnado começou a vibrar dentro do crânio do Feiticeiro Feliz como uma britadeira no asfalto, e farejou-lhe o rosto ruidosamente.

— Saia daí — ordenou o Feiticeiro Feliz com voz trêmula.

Foi pior. Alguma coisa irrompeu do banco traseiro, ao lado do enorme cão. Uma voz baixa e aguda, parecendo bastante sonolenta, perguntou:

— Papai, por que foi que paramos?

— Ah, meu Deus! — o Feiticeiro Feliz exclamou.

Voltou os olhos lentamente para o lado sob a cara do cachorrão. De fato, no banco traseiro, ao lado do animal, havia uma criança de cabelos ruivos e fisionomia sonolenta.

— Você não é o meu pai — ela declarou em tom acusador. O Feiticeiro Feliz até que gostava de crianças em geral, mas sabia que teria de dar um jeito de livrar-se

daquela. O roubo de um carro, de um cachorro e de um menino certamente daria prisão perpétua. As pessoas realmente não gostavam que se roubassem crianças.

Freneticamente ele inclinou-se para frente e pôs-se a apertar botões. As luzes se acenderam, os limpadores funcionaram e pararam, vozes falaram, uma buzina soou, mas finalmente ele apertou o botão correto e o encosto ergueu-se com elegância até a posição vertical. Ele usou sua magia na porta traseira, que se abriu de supetão.

— Saiam — ordenou. — Vocês dois. Fiquem aí esperando seu pai.

O cão e a criança viraram-se para olhar a porta aberta. Depois tornaram a virar-se para o Feiticeiro Feliz, confusos e levemente indignados. Afinal de contas, o carro era deles.

O Feiticeiro Feliz tentou outra abordagem.

— Cachorro bonito, pode sair. Menino bonito.

— Grrrr — respondeu o cachorro.

— Eu não sou menino — contestou a criança.

— Eu estava falando com o cachorro — apressou-se a dizer o Feiticeiro Feliz.

O rosnado aumentou de intensidade, chegando a sacudir o carro. Talvez o cachorro também não fosse menino. O Feiticeiro Feliz sabia reconhecer uma derrota. Era uma pena, sendo um carro tão bom, mas aquele mundo estava cheio de carros. Poderia roubar um quando bem desejasse, contanto que se certificasse de que estava vazio. Ele fechou a porta traseira e fez menção de abrir a dele.

O cachorro foi mais rápido. Antes que ele alcançasse a maçaneta, os dentes enormes cravaram-se no ombro do seu paletó, atravessando o pano. Ele os sentia furando-lhe a pele. E o animal rosnava mais alto do que nunca.

— Solte — o Feiticeiro Feliz pediu sem esperança e ficou imóvel.

— Siga em frente — a criança comandou.

— Por quê? — o Feiticeiro Feliz quis saber.

— Porque eu gosto de andar de carro. Towser vai soltar você quando o carro começar a andar.

— Não sei fazer o carro andar — revelou o Feiticeiro Feliz em tom contrariado.

— Seu burro! Papai usa aquelas chaves ali, e aperta os pedais com os pés — a menina ensinou.

Towser confirmou isso com outro rosnado e enfiou os dentes um pouquinho mais. Era óbvio que Towser conhecia o seu trabalho, e esse trabalho, ao que parecia, era reforçar tudo o que a criança dizia. O Feiticeiro Feliz deu um suspiro, pensando nos anos de cadeia, mas encontrou as chaves e localizou os pedais. Girou as chaves. Apertou os pedais. O motor funcionou com um rugido.

Então outra voz disse:

— Você se esqueceu de colocar o cinto de segurança. Não posso prosseguir até você fazer isso.

Foi aí que o Feiticeiro Feliz tomou consciência de que seus problemas haviam apenas começado. Agora era um automóvel valentão que o intimidava. Não tinha idéia de onde ficava o cinto de segurança, mas é impressionante o que uma pessoa consegue fazer quando uma boca cheia de dentes brancos está agarrada ao ombro dela. O Feiticeiro Feliz encontrou o cinto de segurança. Afivelou-o no lugar. Encontrou um bastão onde estava escrito “para frente” e empurrou-o. Apertou os pedais. O motor roncou, porém mais nada aconteceu.

— Você está desperdiçando gasolina — o carro anunciou com voz zangada. — Solte o freio de mão. Não posso pros...

O Feiticeiro Feliz encontrou uma espécie de varinha no chão e moveu-a. Ela abaixou-se com a rapidez de um crocodilo fechando a boca, e o carro deu um salto para frente.

— Você está desperdiçando gasolina — o automóvel repetiu enfadonhamente. — Solte o pedal do freio. Não posso prosseguir...

Por sorte, já que o rosnado de Towser era mais forte do que a voz do carro, o Feiticeiro Feliz tirou o pé esquerdo do pedal primeiro. O veículo saiu em disparada rua abaixo.

— Você está desperdiçando gasolina — o carro avisou.

— Ah, cale a boca — disse o Feiticeiro Feliz.

Mas nada fazia o carro calar, ele descobriu, a menos que não apertasse o pedal direito com tanta força. Towser, no entanto, parecia ter ficado satisfeito desde que o carro começara a mover-se. Ele soltou o Feiticeiro Feliz e imobilizou-se atrás dele, enquanto a criança entoava:

— Em frente, em frente, siga em frente.

O Feiticeiro Feliz seguiu em frente. Quando uma criança, um cachorro do tamanho de Towser e um carro juntam-se para intimidar alguém, não há outra coisa a fazer senão obedecer. Pelo menos era fácil dirigir aquele carro. Tudo o que o Feiticeiro Feliz precisava fazer era ficar ali sentado sem apertar demais o pedal e virar nas ruas mais vazias. Ele tinha tempo para pensar. Sabia o nome do cachorro. Se conseguisse descobrir o nome da

criança, então poderia jogar um feitiço nos dois para que o liberassem.

— Qual é o seu nome? — perguntou, entrando em uma estrada larga e reta, com três pistas.

— Jemima Jane — disse a criança. — Em frente, em frente, siga em frente.

O Feiticeiro Feliz seguiu em frente, resmungando um feitiço. Enquanto ele fazia isso, Towser deu um salto acrobático e aterrissou no banco do carona, onde ficou sentado em pose régia, olhos fixos na estrada à frente. O Feiticeiro Feliz encolheu-se para afastar-se dele e terminou o feitiço balbuciando. O bicho era grande como um leão!

— Você está desperdiçando gasolina — o carro comentou. Talvez essas coisas tenham feito o Feiticeiro Feliz errar o feitiço. Tudo o que aconteceu foi que Towser ficou invisível.

No mesmo instante ouviu-se um guincho alto vindo do banco traseiro.

— Onde está o Towser?

O espaço invisível no banco do carona rosnou horivelmente. O Feiticeiro Feliz não sabia onde os dentes do cão estavam. Apressou-se a desfazer o feitiço. Towser agigantou-se ao seu lado com ar de reprovação.

— Não vá fazer isso de novo! — disse Jemima Jane.

— Não farei, se nós todos descermos do carro — o Feiticeiro Feliz respondeu com esperteza.

Essa sugestão foi recebida com silêncio e uma sensação de desprezo. O Feiticeiro Feliz desistiu por enquanto e continuou dirigindo. Já não havia casas, apenas árvores, capim e algumas vacas, e a estrada perdia-se na distância, aparentemente interminável. O belo carro cinzento,

com placa FC100 na frente e XYZ123 atrás, seguiu em frente durante quase uma hora. O sol começava a se pôr em meio a nuvens sanguinolentas atrás de algumas colinas verdes.

— Quero jantar — Jemima Jane anunciou.

Ouvindo a palavra “jantar”, Towser bocejou e começou a babar. Virou-se para olhar pensativamente para o Feiticeiro Feliz, obviamente perguntando-se quais pedaços dele seriam mais saborosos.

— Towser está com fome também — informou Jemima Jane. O Feiticeiro Feliz olhou de lado e deparou com a enorme língua cor-de-rosa do cão repousando sobre os grandes dentes brancos.

— Vou parar no primeiro lugar que aparecer — disse.

E pôs-se a bolar planos para escapar dos dois (e do carro também) no instante em que permitissem que ele parasse. Se ficasse invisível, para que o cão não pudesse encontrá-lo...

Parecia que a sorte desta vez estava do lado dele. Justamente nesse momento surgiu uma grande placa azul com os dizeres Posto Harbury, com a imagem de um garfo e uma faca sob o letreiro. O Feiticeiro Feliz entrou no posto cantando os pneus.

— Você está desperdiçando gasolina — protestou o carro.

O Feiticeiro Feliz não deu atenção. Estacionou bruscamente entre vários outros carros, tornou-se invisível e tentou saltar do veículo. Mas havia esquecido o cinto de segurança. Ficou preso por ele o tempo suficiente para Towser fincar os dentes na manga do seu paletó, e aquilo, pelo jeito, bastou para que o cão ficasse invisível também.

— Você se esqueceu de puxar o freio de mão — o carro avisou.

— Droga! — exclamou o Feiticeiro Feliz, em tom de desespero, e puxou o freio de mão. Não foi fácil, com os dentes invisíveis de Towser rasgando-lhe o braço.

— Você tem de me trazer um montão de comida — Jemima Jane declarou, sem parecer perturbada pelo desaparecimento dos dois. — Towser, faça ele me trazer sorvete.

O Feiticeiro Feliz saiu do carro arrastando o cão invisível. Tentou mais um truque.

— Venha comigo para me mostrar o sorvete que você quer — disse de longe.

Várias pessoas no estacionamento olharam em volta para ver de onde vinha aquela voz invisível.

— Quero ficar no carro. Estou cansada — Jemima Jane resmungou.

Os dentes invisíveis cravados no braço do Feiticeiro Feliz rosnaram baixinho. Uma baba invisível molhou-lhe a mão.

— Ora, está bem — ele disse.

Dirigiu-se ao restaurante, acompanhado pelos passos de quatro pesadas patas invisíveis.

Talvez fosse bom que ambos estivessem invisíveis. Havia um grande cartaz na porta: proibido cachorros. E o Feiticeiro Feliz continuava sem dinheiro. Ele foi até o comprido balcão e pegou tortas e bolinhos com a mão que Towser havia deixado livre. Enfiou tudo no bolso para que ficassem invisíveis também.

Alguém apontou para a broa, que ele pegou em seguida, e gritou:

— Vejam! Um fantasma!

Então, ouviram-se gritos vindos da outra extremidade do balcão. O Feiticeiro Feliz olhou pra lá. Uma grande fatia de bolo de chocolate, com um buraco em forma de focinho, avançava a meio metro de altura. Towser estava se servindo também. As pessoas recuaram aos gritos. O pedaço de bolo saiu em disparada pelas portas de vidro. No mesmo instante alguém arrancou a broa da mão do Feiticeiro Feliz.

Era a moça da caixa, que não tinha medo de fantasmas.

— Ei, homem invisível ou coisa que o valha, devolva isso!

O Feiticeiro Feliz entrou em pânico novamente e correu atrás da fatia de bolo. Pretendia continuar correndo, o mais depressa que pudesse, na direção oposta à do belo carro. Mas assim que cruzou a porta deparou com o pedaço de bolo à sua espera no chão. Um rosnado de advertência e um bafo quente em sua mão sugeriram que ele pegasse o bolo do chão e fosse andando. Dentes na perna da sua calça confirmaram essa sugestão. Desanimado, o Feiticeiro Feliz obedeceu.

— Cadê o meu sorvete? — perguntou Jemima Jane, a ingrata.

— Não havia — respondeu o Feiticeiro Feliz enquanto Towser o empurrava para dentro do carro, e jogou o bolo, os bolinhos e uma torta de carne de porco no banco traseiro. — Contenta-se com o que você tem.

— Por quê? — Jemima Jane quis saber.

O Feiticeiro Feliz desistiu. Tornou-se visível novamente e sentou-se atrás do volante para comer a outra torta. De vez em quando sentia o focinho de Towser a cheirá-lo para ter certeza de que ele não fugiria. Entre um

bafo e outro, ele ouvia o ruído da mastigação do cachorro. Era um ruído tão forte que Feiticeiro Feliz ficou feliz com a invisibilidade do animal. Olhou para trás, para ter certeza. E ali estava Towser, visível novamente em toda a sua imensidão, sentado no banco traseiro e lambendo os enormes beiços. Quanto a Jemima Jane... o Feiticeiro Feliz foi obrigado a desviar os olhos. Ela estava toda suja de chocolate. Havia um rio de chocolate descendo pela frente do vestido e chocolate empapando-lhe os cachos ruivos como se fosse lama.

— Por que o carro não está andando? — ela perguntou. — Em frente!

Imediatamente Towser ficou de pé para reforçar a ordem.

— Já vai, já vai — disse o Feiticeiro Feliz, apressando-se a ligar o motor.

— Você se esqueceu de colocar o cinto de segurança — lembrou o automóvel em tom um tanto pedante. Quando o carro se pôs em movimento, ele acrescentou: — Já está escuro. É preciso acender os faróis.

O Feiticeiro Feliz ligou o limpador do pára-brisa, baixou os vidros das janelas, tocou música e, finalmente, conseguiu acender os faróis. Tornou a pegar a estrada, odiando todos os três. E seguiu em frente. Jemima Jane levantou-se do banco atrás dele. O chocolate a deixara assustadoramente cheia de energia. Ela queria conversar. Agarrou uma das orelhas do Feiticeiro Feliz com a mão grudenta de chocolate para equilibrar-se e soprou ondas de chocolate e perguntas na outra.

— Para que você pegou o nosso carro? Para que servem esses espinhos no seu queixo? Por que não gosta que eu puxe o seu nariz? Por que você não cheira bem?

Para onde estamos indo? Vamos andar de carro a noite inteira?

E muitas outras perguntas como essas.

O Feiticeiro Feliz foi forçado a responder a todas essas perguntas de maneira correta. Quando ele não respondia, Jemima Jane puxava-lhe o cabelo ou torcia-lhe a orelha, ou puxava-lhe o nariz. Se a resposta não agradasse à Jemima Jane, Towser erguia-se rosnando, e o Feiticeiro Feliz precisava pensar depressa em uma resposta melhor. Não demorou até ele estar tão sujo de chocolate quanto Jemima Jane estava. Ele tinha certeza de que seria impossível alguém ser mais infeliz.

Mas estava enganado. Towser, de repente, levantou-se e cambaleou no banco traseiro do carro fazendo barulhos estranhos.

— Towser vai vomitar — Jemima Jane avisou.

O Feiticeiro Feliz freou o carro repentinamente no acostamento e abriu as quatro portas. Pensava que Towser teria de sair, e ele então poderia acelerar e deixar o cachorro na estrada.

Enquanto o Feiticeiro Feliz pensava assim, Towser aterrissou pesadamente em cima dele. Sentado sobre ele, o animal livrou-se do bolo na beira da estrada. Demorou algum tempo. Enquanto isso, o Feiticeiro Feliz se perguntava se Towser realmente pesava tanto quanto uma vaca ou se apenas dava essa impressão.

— Agora siga, siga em frente — Jemima Jane ordenou quando Towser finalmente terminou.

O Feiticeiro Feliz obedeceu. Seguiu em frente. Então foi a vez de o carro piscar para ele uma luz vermelha, dizendo:

— Você está ficando sem gasolina.

— Ótimo — exclamou o Feiticeiro Feliz com emoção.

— Siga em frente — Jemima Jane ordenou, e Towser, como sempre, reforçou.

O Feiticeiro Feliz dirigiu durante toda a noite. Um cheiro novo e desagradável agora enchia o carro. Não combinava muito bem com chocolate. O Feiticeiro Feliz supunha que Towser era o responsável. Continuou dirigindo. O carro repetia tediosamente o comentário sobre gasolina, até que, quando passavam por uma placa dizendo Posto Bentwell, o carro de repente mudou a cantilena e disse:

— Você começou a usar a reserva de gasolina. — E num acesso de tagarelice continuou: — Você só tem gasolina para mais 15 quilômetros. Você está ficando sem gasolina...

— Já ouvi — disse o Feiticeiro Feliz. E, para Jemima Jane e Towser, declarou, com grande alívio: — Vou ter de parar.

Para impedir que Jemima Jane lhe ordenasse seguir em frente e porque o novo cheiro misturado ao chocolate estava ficando cada vez pior, ele acrescentou:

— E que cheiro é este aqui dentro?

— Sou eu — Jemima Jane informou, com certo tom de desafio. — Fiz na calça. A culpa é sua. Você não me levou ao banheiro feminino.

Diante disso, Towser imediatamente levantou-se, rosnando, e o carro acrescentou:

— Você está ficando sem gasolina.



O Feiticeiro Feliz gemeu alto e entrou em disparada no Posto Bentwell. O carro informou em tom de reprovação que ele estava desperdiçando gasolina e depois acrescentou que ele estava ficando sem ela, mas o Feiticeiro Feliz estava perturbado demais para cuidar disso. Ele saltou do carro e mais uma vez tentou fugir correndo. Towser saltou atrás dele e cravou os dentes na perna da calça, agora em farrapos, do Feiticeiro Feliz. E Jemima Jane saltou atrás de Towser.

— Quero que me leve ao banheiro feminino. Você vai ter de trocar minha calcinha. A calcinha limpa está na mala lá atrás.

— Não posso levar você ao banheiro feminino! — o Feiticeiro Feliz protestou.

Ele não tinha idéia do que fazer. O que uma pessoa faria? A situação era a seguinte: um Feiticeiro adulto do sexo masculino, uma criança do sexo feminino e um cachorro agarrado à perna da calça do Feiticeiro que poderia ser do sexo masculino ou feminino. Iriam ao banheiro masculino ou ao feminino? O Feiticeiro Feliz simplesmente não sabia.

E teve de resolver o assunto publicamente, no estacionamento. Aquilo o deixou nauseado. Era a última gota. Jemima Jane deu-lhe instruções em voz alta, ressonante e autoritária. Towser rosnava com regularidade. Enquanto se esfalfava naquela tarefa inglória, o Feiticeiro Feliz escutava risinhos abafados de pessoas que se agrupavam em volta. Ele mal prestou atenção nelas. A essa altura era um Feiticeiro alquebrado. Quando ergueu os olhos e se encontrou no centro de um círculo de policiais, com o homenzinho de terno listrado parado ao lado dele, ele sentiu apenas um grande alívio.

— Não vou reagir nem fugir — disse.

— Oi, papai! — Jemima Jane gritou.

De repente ela tinha uma aparência encantadora, apesar do chocolate. E Towser também mudou de personalidade, esfregando-se nas pernas do homenzinho, ganhando como um filhote.

O homenzinho pegou Jemima Jane no colo, apesar do chocolate, e lançou um olhar severo para o Feiticeiro Feliz.

— Se você tiver feito algum mal à Prudence, ou ao cachorro, está perdido, sabe? — declarou.

— Feito algum mal? — repetiu o Feiticeiro Feliz histericamente. — Essa menina é a maior mandona do mundo, depois do carro e desse cachorro! E o cachorro, além disso, é ladrão! Eu, sim, fui a vítima! De qualquer maneira, ela disse que se chamava Jemima Jane.

— Isso é um truque que lhe ensinei, para impedir que alguém tente enfeitiçá-la pelo nome — o homenzinho explicou, rindo. — O cachorro também tem um nome secreto. Todos os Cães-Demônios Kathauack têm. Sabe quem sou eu, Feiticeiro?

— Não — admitiu o Feiticeiro Feliz, tentando não olhar respeitosamente para o cachorro alegre e brincalhão. Já ouvira falar nos Cães-Demônios. O animal, provavelmente, tinha mais magia do que ele.

— Kathusa, o mago financeiro — o homem informou. — Sou o agente de Crestomanci neste mundo. Aquele vigarista do Jean-Pierre fica mandando pessoas para cá, e todas elas se metem em confusão. Compete a mim recolhê-las. Eu estava entrando no banco para ajudar você, Feiticeiro, e você vai e rouba o meu carro!

— Ah! — fez o Feiticeiro Feliz.

Os policiais pigarrearam e começaram a fechar o círculo. O Feiticeiro Feliz resignou-se a passar um longo tempo na cadeia.

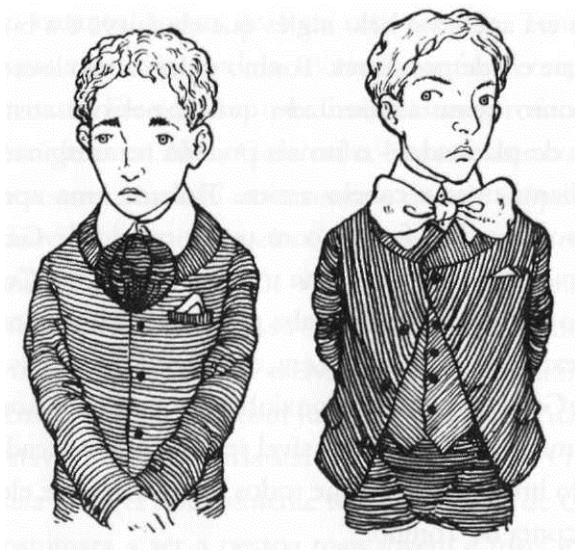
Mas Kathusa ergueu a mão e os policiais estacaram. Ele voltou-se para o Feiticeiro Feliz.

— Escute aqui, Feiticeiro, você tem uma escolha. Preciso de um homem para cuidar dos meus automóveis e levar Towser para se exercitar. Você pode fazer isso e levar uma vida honesta ou pode ir para a prisão. Qual vai ser?

Era uma escolha terrível. Towser encarou o Feiticeiro Feliz nos olhos e lambeu os beiços. O Feiticeiro Feliz resolveu que preferia a prisão. Mas Jemima Jane — ou, melhor, Prudence — virou-se para os policiais, sorridente.

— Ele vai cuidar de mim e do Towser — anunciou.
— Ele gosta quando lhe puxam o nariz.

O Feiticeiro Feliz tentou não soltar um gemido.



O ladrão de almas

*

Gato Chant não estava totalmente feliz — nem consigo mesmo, nem com as outras pessoas. O motivo era o menino italiano que Crestomanci havia trazido inesperadamente para o Castelo Crestomanci ao voltar de sua viagem à Itália.

— Gato, este é Antônio Montana. Vai descobrir que ele tem uma magia muito interessante.

Gato olhou para o menino italiano, e o menino italiano estendeu-lhe a mão dizendo:

— Muito prazer. Por favor, me chame de Tonino.

Seu inglês era excelente, com uma leve pausa no final de cada palavra, como se ele estivesse acostumado a usar palavras que em sua maioria terminavam em “o”. Nesse instante Gato percebeu que ficaria contando os dias

até alguém levar Tonino de volta para a Itália. E tinha esperanças de que alguém fizesse isso logo.

Não era apenas o belo inglês que ele falava e a boa educação que ele demonstrava. Tonino tinha cabelo louro — daquele louro quase acinzentado que as pessoas costumam chamar de platinado — e jamais poderia ter imaginado que um italiano tivesse cabelo assim. Tinham uma aparência muito sofisticada e faziam com que o cabelo de Gato, em comparação, ficasse com uma tosca cor de palha. Como se isso não bastasse, Tonino tinha olhos castanhos confiantes e uma expressão emotiva, e era, evidentemente, mais jovem do que Gato. Parecia tão bonzinho que Gato apertou-lhe a mão o mais brevemente possível sem ser mal-educado, percebendo imediatamente que todos esperavam que ele fosse tomar conta de Tonino.

— Prazer em conhecê-lo — mentiu. E, realmente, Crestomanci disse:

— Gato, tenho certeza de que posso confiar a você a tarefa de mostrar as coisas para Tonino e ficar de olho nele até ele tomar pé na Inglaterra.

Gato suspirou. Sabia que ia ficar muito entediado.

Mas foi pior do que isso. As outras crianças do castelo achavam Tonino uma gracinha. Todas fizeram o possível para ficarem amigas dele. Julia, a filha de Crestomanci, com a maior paciência ensinou a Tonino todos os jogos que se jogavam na Inglaterra, inclusive o etiquete. O filho de Crestomanci, Roger, participava das aulas de etiquete e depois passava horas, na maior seriedade, comparando feitiços com Tonino. A enteada de Crestomanci, Janet, passava outras horas interrogando Tonino entusiasmadamente sobre a Itália. Janet vinha de um outro mundo,

onde a Itália era muito diferente, e estava interessada nas diferenças.

No entanto, apesar de toda essa atenção, Tonino vivia com uma expressão perdida, solitária, que fazia com que Gato o evitasse. Ele percebia que Tonino estava profundamente saudosos de casa. Aliás, Gato tinha bastante certeza de que Tonino estava sentindo exatamente o que ele próprio sentira quando viera para o Castelo Crestomanci, e não conseguia reprimir a contrariedade de ver alguém tendo sentimentos que eram dele. Sabia que isso era burrice — e era, em parte, o motivo pelo qual ele não estava feliz consigo mesmo. Mas também não estava feliz com Julia, Roger e Janet. Achava que eles estavam dando demasiada atenção a Tonino. O fato era que Julia e Roger normalmente tomavam conta de Gato. Ele se acostumara a ser a pessoa mais jovem e mais infeliz do castelo, até que Tonino apareceu e roubou-lhe a importância. Gato sabia perfeitamente disso, mas saber não fazia a menor diferença no modo como ele se sentia.

Para piorar as coisas, o próprio Crestomanci mostrava-se extremamente interessado na magia de Tonino. Passou grande parte dos dias seguintes com Tonino fazendo experiências para descobrir qual era exatamente a extensão dos poderes do menino, enquanto Gato, que estava acostumado a ser a pessoa que tinha a magia interessante, era obrigado a se contentar em lutar com os problemas da Teoria da Magia sozinho no escritório de Crestomanci.

— Parece que Tonino consegue não apenas reforçar os feitiços alheios, como também usar qualquer magia que outra pessoa usar — Crestomanci relatou, como explicação. — Se isso for verdade, é uma capacidade extra-

ordinariamente rara. E acrescentou, voltando-se para a porta, parecendo suficientemente alto para encostar a cabeça no teto: — Por falar nisso, parece que você ainda não mostrou o castelo para Tonino. Por que não?

— Eu estava ocupado. Esqueci — Gato resmungou de cara fechada.

— Dê um jeito de encaixá-lo em breve na sua agenda tão repleta, ou posso acabar ficando profundamente contrariado — Crestomanci ordenou.

Gato suspirou, mas assentiu com um gesto. Ninguém desobedecia a Crestomanci quando ele ficava assim. Mas agora Gato tinha de encarar o fato de que Crestomanci sabia exatamente como Gato estava se sentindo e não tinha absolutamente a menor paciência com isso. Gato tornou a suspirar enquanto voltava a atenção para os seus problemas escolares.

A Teoria da Magia deixava-o completamente confuso. O seu problema era que ele conseguia, instintivamente, fazer mágicas que usavam uma Teoria da Magia muito avançada mesmo, porém não tinha a menor idéia de como fazia aquilo. Crestomanci dizia que Gato precisava aprender a Teoria, senão um dia poderia fazer alguma coisa horrível por engano. No que concernia a Gato, a única coisa que ele queria que sua magia fizesse era resolver os problemas da Teoria, e aquela parecia ser a única coisa na qual não se podia usar magia.

Ele conseguiu seis respostas que sabia serem bobagem. Então, sentindo-se muito negligenciado e usado, levou Tonino para visitar o castelo. Não foi um sucesso. Tonino parecia pálido, cansado e tímido quase que o tempo todo, e começava a tremer nos compridos e frios corredores e em todas as escadarias escuras e geladas. Gato

não conseguia pensar em alguma coisa para dizer a não ser as coisas óbvias, tais como:

“Esta sala se chama Sala de Visitas Pequena” ou, “Esta é a sala de aula. Temos aulas aqui com Michael Saunders, mas no momento ele está em viagem para a Groenlândia”, ou “Aqui é o vestibulo da frente. É todo feito de mármore”.

A única ocasião em que Tonino mostrou um resquício de interesse foi quando chegaram às grandes janelas que davam para o gramado aveludado e os grandes cedros dos jardins. Ele chegou a apoiar um joelho no peitoril da janela para olhar para baixo.

— Minha mãe me falou sobre isto, mas nunca imaginei que fosse tão molhado e verde — disse.

— Como é que a sua mãe sabe sobre jardins? — Gato quis saber.

— Ela é inglesa. Cresceu aqui neste castelo quando Gabriel de Witt, que era o Crestomanci antes do de agora, reuniu muitas crianças com talentos mágicos para serem treinadas aqui — Tonino respondeu.

Gato sentiu-se irritado e de certa forma enganado por Tonino ter uma ligação com o castelo.

— Então você também é inglês — disse, num tom de quem estava acusando Tonino de um crime.

— Não, eu sou italiano — Tonino respondeu com firmeza. E acrescentou com muito orgulho: — Pertencço à mais importante casa de feitiços da Itália.

Aparentemente não havia uma resposta para isso. Gato chegou a pensar em dizer: “Eu vou ser o próximo Crestomanci. Tenho nove vidas, sabe?”, mas sabia que isso seria tolice e bravata. Na verdade Tonino não estava realmente contando vantagem. Estava tentando dizer por

que não se sentia fazendo parte do castelo. Assim, Gato simplesmente levou-o de volta à sala de jogos, onde Julia estava mais do que disposta a ensinar-lhe jogos de cartas, e retirou-se, sentindo que tinha cumprido sua obrigação. Depois disso, passou a tentar evitar Tonino. Não gostava que despertasse nele os sentimentos que Tonino despertava.

Infelizmente Julia ficou de cama com sarampo no dia seguinte, e Roger no outro dia. Gato tivera sarampo muito tempo antes de ir para o castelo, assim como Tonino. Janet não conseguia se lembrar se já tivera ou não, embora lhes assegurasse que havia sarampo no mundo de onde vinha, porque as pessoas eram vacinadas contra isso.

— Talvez eu tenha sido vacinada — sugeriu esperançosamente. Millie, a esposa de Crestomanci, lançou a Janet um olhar preocupado.

— Acho melhor você ficar longe de Roger e Julia mesmo assim — declarou.

— Mas você faz encantos, poderia me impedir de pegar a doença — Janet argumentou.

— A magia quase não tem efeito em sarampo — Millie explicou. — Eu gostaria que não fosse assim, mas é. Gato pode visitar Roger e Julia se quiser, mas você, fique longe.

Gato foi ao quarto de Roger e depois ao de Julia, e ficou chocado ao ver como a doença deles era forte. Percebeu que demoraria semanas até que ficassem suficientemente curados para que tomassem conta de Tonino. E encontrou-se, com urgência e frieza (e apesar do que Millie dissera) colocando um feitiço em Janet para assegurar-se de que ela também não pegaria sarampo. Enquanto fazia o feitiço, tinha consciência de que aquilo era prova-

velmente a coisa mais egoísta que ele já havia feito, mas simplesmente não conseguia suportar ser o único que sobrava para tomar conta de Tonino. Quando voltou à sala de aula, estava com péssimo humor.

— Como é que eles estão? — Janet perguntou ansiosamente.

— Péssimos — Gato respondeu, por causa do mau humor. — Roger está meio roxo e Julia está mais feia do que nunca.

— Então você acha que Julia é feia? — Janet perguntou. — Quer dizer, normalmente?

— Acho, sim. Baixinha e balofa, como você mesma disse.

— Eu estava com raiva quando lhe disse isso, e não fui justa — Janet explicou. — Não devia acreditar em mim quando estou zangada, Gato. Vou apostar com você, se quiser, que Julia quando crescer vai ser uma beldade, tão bonita quanto o pai. O rosto dela tem a ossatura do dele. E você tem de admitir que Crestomanci é mais alto, mais moreno e mais bonito do que qualquer homem tem o direito de ser!

Ela tossiu várias vezes enquanto falava. Gato examinou-a com preocupação. O rosto extremamente belo de Janet não mostrava sinal de manchas, mas o cabelo dourado caía em cachos sem vida e os grandes olhos azuis estavam ligeiramente brancos nas bordas. Ele suspeitava que havia feito o feitiço tarde demais.

— E Roger, ele também vai ser uma beldade quando crescer? — perguntou.

Janet fez cara de dúvida.

— Ele puxou à mãe. Mas ele vai ser muito legal — acrescentou, tossindo outra vez.

— Nada parecido comigo, então — Gato comentou com tristeza. — Eu sou a mais perversa das pessoas. Acho que quando crescer vou virar um feiticeiro do mal. E acho que você também pegou sarampo.

— Não peguei, não! — Janet refutou com indignação. Mas Gato havia acertado. À noite ela também estava de cama, cheia de manchas roxas e parecendo mais feia do que Julia. As criadas, mais uma vez, corriam escada acima e escada abaixo com infusões para baixar a febre enquanto Millie usava o telefone novo no alto da escadaria de mármore para chamar o médico outra vez.

— Vou enlouquecer — ela disse a Gato. — Janet está muito doente, pior do que os outros dois. Vá procurar Tonino para ele não se sentir muito negligenciado, coitadinho.

“Eu sabia!”, Gato pensou, e voltou lentamente para a sala de jogos.

Atrás dele o telefone tornou a soar. Ele ouviu Millie atender. Havia dado três passos lentos quando escutou o fone ser recolocado no gancho. Millie soltou um gemido, e Crestomanci imediatamente surgiu de seu escritório para ver o que havia de errado. Gato, prudentemente, tornou-se invisível.

— Oh, Céus! — ela exclamou. — Era Mordecai Roberts. Por que é que tudo tem de acontecer ao mesmo tempo? Gabriel de Witt quer ver Tonino amanhã.

— Isso é problemático. Amanhã eu não posso deixar de estar na série Um para o Conselho dos Magos — disse Crestomanci.

— Mas eu preciso ficar aqui com as outras crianças — Millie objetou. — Janet vai precisar de tudo o que a

magia puder fazer por ela, particularmente para os olhos. Será que podemos pedir um adiamento?

— Acho que não — Crestomanci respondeu com rara seriedade. — Amanhã poderia ser a última chance de Gabriel ver qualquer pessoa. As vidas dele estão indo embora depressa, agora. E ele ficou muito entusiasmado quando lhe falei sobre Tonino. Sempre teve esperanças de um dia encontrarmos alguém com magia de reforço. Mas já sei, podemos mandar Gato com Tonino. Gabriel tem quase o mesmo interesse nele, e a responsabilidade vai lhe fazer bem.

“Não vai, não!”, Gato pensou. “Odeio responsabilidades!”

Enquanto escapava invisivelmente de volta para a sala de jogos, ele pensava:

“Por que logo eu? Por que não podem mandar um dos bruxos da equipe, ou a Srta. Bessemer, ou alguém?”. Mas naturalmente todos estariam ocupados, com Crestomanci ausente e Millie cuidando de Janet.

Na sala de jogos, Tonino estava enrodilhado num dos sofás, mergulhado num dos livros favoritos de Julia. Mal levantou os olhos, a porta pareceu abrir-se sozinha, e Gato, com uma sacudidela, tornou-se visível de novo.

Tonino, como Gato percebeu, era um leitor dedicado. Gato conhecia os sintomas, por causa de Janet e Julia. Aquilo era um alívio. Gato afastou-se sem ruído, foi até seu quarto e juntou todos os livros que Janet vinha tentando obrigá-lo a ler e que Gato, por um ou outro motivo, não conseguira — como Janet esperava que ele lesse livros chamados “Millie vai para a escola”? — e levou tudo de volta para a sala de jogos.

— Pronto, Janet diz que esses são bons — declarou, jogando-os no chão ao lado de Tonino.

E, enquanto se enrodilhava no outro sofá, ele pensava que era exatamente assim que uma pessoa se tornava um bruxo do mal: fazendo uma porção de coisas boas por motivos ruins. Ele tentou pensar num modo de não precisar tomar conta de Tonino no dia seguinte.

Gato sempre detestava visitar Gabriel de Witt. Era uma pessoa tão antiquada e sagaz, e tão obviamente um feiticeiro, e as pessoas precisavam lembrar-se de se comportar com educação antiquada o tempo todo que estivessem lá. Mas nos últimos tempos era ainda pior. Como Crestomanci comentara, as nove vidas do velho Gabriel estavam partindo uma por uma. Cada vez que Gato era levado para visitá-lo, Gabriel de Witt parecia mais doente, mais velho e mais acabado, e o temor secreto de Gato era de que um dia ele estivesse lá, conversando educadamente, e visse uma das vidas de Gabriel indo embora. Ele sabia que, se isso acontecesse, ia gritar.

O terror de que isso acontecesse perturbava tanto Gato que ele mal conseguia falar com Gabriel. Um dia Gabriel de Witt disse a Crestomanci que Gato era um menino estranho, introvertido. Ao que Crestomanci respondeu, em seu tom mais sarcástico:

— Você acha mesmo?

Gato achava que as pessoas deviam estar cuidando dele, e não sufocando-lhe o espírito obrigando-o a levar meninos italianos para visitar magos idosos. Mas não conseguia pensar num modo de escapar sem que Millie ou Crestomanci percebessem sua jogada. Parecia que Crestomanci sabia quando Gato estava sendo desonesto antes mesmo que o próprio Gato soubesse. Gato suspirou e foi

para a cama com esperança de que na manhã seguinte Crestomanci anunciasse que havida mudado de idéia e decidido que mandaria outra pessoa com Tonino.

Mas isso não aconteceu. Durante o café da manhã, Crestomanci apareceu (usando um roupão verde-água com um desenho de ondas) para dizer a Gato e a Tonino que eles pegariam o trem das 10h30 para Dulwich para visitar Gabriel de Witt. Então ele saiu e Millie — que aparentava estar muito cansada por ter passado metade da noite acordada com Janet — entrou para lhes dar o dinheiro das passagens.

Tonino franziu a testa.

— Não compreendo. Monsenhor de Witt não é o antigo Crestomanci, Lady Chant?

— Pode me chamar de Millie — disse ela. — Sim, é isso mesmo. Gabriel ficou no posto até sentir que Crestomanci estava pronto para assumir e, então, aposentou-se... Ah, estou entendendo! Você pensou que ele estivesse morto! Ah, não, longe disso. Gabriel está vivo e tão esperto quanto sempre foi, você vai ver.

Houve um tempo em que também Gato pensava que o Crestomanci anterior estivesse morto. Imaginava que o Crestomanci tinha de morrer antes que outro assumisse, e costumava observar o Crestomanci atual com bastante ansiedade, temendo que ele mostrasse indícios de estar perdendo suas duas ultimas vidas e fosse lançar sobre Gato toda a imensa responsabilidade de tomar conta da magia nesse mundo. E ficava bastante aliviado ao descobrir que as coisas aconteciam de maneira mais normal.

— Não há motivo para se preocuparem. Mordecai Roberts vai buscar vocês na estação e vai levá-los até lá de táxi depois do almoço. E Tom vai levar vocês de carro até

a estação daqui e estará lá quando vocês chegarem pelo trem das 3h15 da tarde. Aqui está o dinheiro, Gato, e mais cinco xelins para o caso de vocês precisarem fazer um lanchinho na viagem de volta. Sei que a Srta. Rosalie é muito inteligente, mas não tem idéia da quantidade de comida que os meninos precisam comer. Ela nunca teve idéia, e não mudou. E quero saber de tudo quando vocês chegarem em casa.

Ela deu um abraço carinhoso em cada um e afastou-se apressada, murmurando:

— Cevada com limão, febrífugo em meia hora, e depois o unguento para os olhos...

Tonino afastou de si o copo de chocolate com leite.

— Acho que enjoô quando ando de trem.

E foi o que aconteceu. Felizmente Gato havia dado um jeito para que ficassem sozinhos num vagão depois que o rapaz que trabalhava como secretário de Crestomanci os deixara na estação. Tonino sentou-se no canto mais distante, no espaço pequeno e enfumaçado, com a janela aberta o mais possível e o lenço apertado contra a boca. Embora não tivesse chegado a botar para fora o café da manhã, ele foi ficando cada vez mais pálido, a um ponto em que Gato mal podia acreditar que alguém pudesse ser tão branco.

— Você ficou assim durante toda a viagem da Itália para cá? — Gato perguntou-lhe, um pouco assustado.

— Até pior — Tonino respondeu através do lenço e depois engoliu desesperadamente.

Gato sabia que devia ser solidário. Ele próprio costumava enjoar em viagens, mas só de carro. Porém, em lugar de sentir pena de Tonino, ele não sabia se ficava se

sentindo superior a ele ou irritado porque Tonino novamente era mais digno de pena do que ele.

Pelo menos isso significava que Gato não precisava conversar com ele.

Dulwich era um simpático povoado um pouco ao sul de Londres e, uma vez tendo o trem se afastado resfolegante da estação, desfrutava uma brisa fresca que balançava os ramos das árvores. Tonino respirou profundamente e sua cor começou a voltar.

— Não se dá bem com viagens, não é? — Mordecai Roberts perguntou simpaticamente ao levá-los até o táxi que os aguardava do lado de fora da estação.

Esse Sr. Mordecai Roberts sempre fora um enigma para Gato. Com seus cabelos claros, quase brancos, e cacheados, e a pele morena, cor de café, tinha aparência de estrangeiro, muito mais do que Tonino, mas falava um inglês perfeito, nada estrangeiro. E, além disso, era um inglês de gente culta o que constituía outro motivo de perplexidade, pois Gato sempre havia suposto vagamente que o Sr. Roberts era uma espécie de criado contratado para cuidar de Gabriel de Witt quando este se aposentou. Mas o Sr. Roberts parecia ser também um grande usuário de magia. Ele olhou para Gato com certa censura, quando entravam no táxi, e disse:

— Existem centenas de feitiços contra enjôo de viagem, você sabe.

— Acho que consegui impedir que ele vomitasse
— Gato respondeu, sem graça.

Ali estava novamente o velho problema de sempre de não ter certeza de quando estava usando magia e quando não estava. Mas o que realmente deixava Gato sem graça era saber que se tivesse mesmo usado magia para

curar Tonino, não seria com intenção de ajudá-lo, era porque detestava ver gente vomitando. Ali estava ele, novamente, fazendo uma coisa boa por um motivo egoísta. Nesse ritmo, ele, definitivamente, ia acabar feiticeiro do mal.

Gabriel de Witt morava numa casa moderna, espaçosa e confortável, com janelas amplas e um trilho de metal ao longo do telhado, na última moda. Ficava dentro de um pequeno bosque, numa rua nova e tinha uma bela vista da paisagem.

A Srta. Rosalie abriu com um tranco a porta branca e convidou-os a entrar. Era uma mulherzinha engraçada, com muitos fios brancos nos cabelos pretos, e sempre, invariavelmente, usava luvas de renda cinzenta. Ela era outro enigma.

Havia uma grande aliança de ouro assomando sob a renda cinzenta na sua mão esquerda que Gato achava que poderia significar que ela era casada com o Sr. Roberts, mas ela sempre quis ser chamada de Srta. Rosalie. Para começar, ela se comportava como se fosse uma bruxa. Mas não era. Enquanto fechava a porta da rua, ela fazia gestos bruscos como se estivesse colocando ali proteções de segurança. Mas foi o Sr. Roberts quem realmente colocou as proteções.

— Vocês vão ter de subir ao segundo andar, garotos. Hoje eu o fiz ficar na cama — avisou a Srta. Rosalie. — Ele estava ansioso demais para conhecer o jovem Antônio. Muito entusiasmado com a nova magia. Venham por aqui.

Seguindo a Srta. Rosalie, os meninos subiram a escada profusamente acarpetada e entraram num quarto de dormir amplo e ensolarado, onde as cortinas brancas ba-

lançavam-se suavemente nas grandes janelas. Tudo ali era branco — as paredes, o tapete, a cama com sua pilha de travesseiros brancos e uma colcha branca, o ramalhete de lírios-do-vaie na mesa de cabeceira — e tão arrumado que parecia um quarto que ninguém estava usando.

— Ah, Eric Chant e Antônio Montana! — disse Gabriel de Witt, afundado nos travesseiros. Sua voz fina e seca soava muito ansiosa. — É um prazer ver vocês. Venham sentar-se onde eu possa vê-los.

Duas cadeiras brancas haviam sido colocadas uma de cada lado da cama, mais ou menos na metade dela. Tonino deslizou de lado e sentou-se na mais próxima, parecendo totalmente intimidado. Gato entendia o motivo. Enquanto rodeava a cama para sentar-se na outra cadeira, ele pensava que a brancura do aposento devia ser para fazer Gabriel de Witt destacar-se. Gabriel era tão magro e tão pálido que mal se conseguiria vê-lo em meio a cores normais. Seus cabelos brancos mesclavam-se à brancura dos travesseiros. O rosto estava de tal modo enrugado que parecia duas cavernas, formadas pelas maçãs do rosto salientes e pela testa branca e alta. Dentro dessas cavernas, dois olhos poderosos brilhavam febrilmente. Gato tentou não olhar para o emaranhado de pêlos brancos que assomavam no decote do camisolão branco abaixo do queixo bastante pontiagudo de Gabriel. Pareciam, de certa forma, indecentes.

Mas, certamente, a coisa que mais incomodava Gato, como ele constatou enquanto se sentava, era o cheiro de doença e velhice no quarto, e o fato de que, apesar da brancura, havia escuridão nas bordas de todas as coisas. Os cantos do quarto davam a sensação de cinzento e de grande altura. Gato, com a esperança de que aquela visita

não durasse muito tempo, manteve os olhos fixos nas mãos de Gabriel — longas e cheias de veias, mãos de feiticeiro, juntas sobre a colcha branca — porque elas pareciam ser as coisas mais normais no ancião.

— Agora, jovem Antônio, eu soube que sua melhor magia funciona quando você usa o feitiço de outra pessoa — disse Gabriel. Seus lábios pálidos moviam-se de maneira tão seca que Gato não conseguia olhar durante muito tempo.

Tonino assentiu timidamente.

— Creio que sim, senhor.

Gato manteve os olhos fixos nas mãos imóveis de Gabriel e preparou-se para uma hora ou mais de conversa sobre a Teoria da Magia. Mas, para a sua surpresa, o tipo de conversa que Gato não conseguia compreender durou apenas cerca de cinco minutos. Então Gabriel disse:

— Nesse caso, eu gostaria de tentar uma pequena experiência, com a sua permissão. Pequena e muito simples. Como você pode ver, hoje estou muito fraco. Gostaria de fazer um pequeno feitiço para me permitir ficar sentado, mas acredito que não seria grande coisa sem sua ajuda. Quer fazer isso para mim?

— É claro — Tonino respondeu. — Será... será que um feitiço de força seria apropriado para isso? Eu teria de cantar, se for possível, porque é assim que fazemos as coisas na Casa Montana.

— À vontade — Gabriel concordou. — Então, quando você estiver pronto...

Tonino jogou a cabeça para trás e começou a cantar, para surpresa de Gato, em voz muito doce e afinada, num idioma que parecia ser latim, enquanto as mãos de Gabriel moviam-se sobre a colcha bem levemente. Quan-

do a música terminou, os travesseiros atrás da cabeça de Gabriel recolocaram-se formando uma pilha, o que empurrou o ancião para a posição sentada. Depois disso, eles recuaram, deixando-o sentado sem apoio, mas com firmeza.

— Muito bem! — Gabriel exclamou. A sua alegria era evidente. Um leve tom rosado espalhou-se pelas maçãs proeminentes, e os olhos brilharam em suas cavernas. — A sua magia é muito forte e incomum, meu rapaz. — Ele voltou-se ansiosamente para Gato. — Agora eu posso conversar com você, Eric. Isso é importante. As suas vidas restantes estão em segurança? Tenho razões para acreditar que alguém esteja procurando por elas, e pelas minhas também.

A mente de Gato voou para uma certa caixa de fósforos de papelão com mais da metade deles usada.

— Bom, Crestomanci trancou-as no cofre do castelo com um monte de feitiços por cima. Elas me dão a sensação de estarem bem.

Gabriel fixou os olhos brilhantes num ponto distante, enquanto também ele pensava nas vidas de Gato.

— É verdade, sinto que estão seguras — disse. — Mas nunca fiquei totalmente seguro enquanto a outra vida de Christopher estava presa lá. Coloquei a última vida dele num anel de ouro, você sabe, e tranquei-a naquele mesmo cofre. Isso aconteceu numa época em que parecia que ele estava perdendo uma vida por semana, e alguma coisa tinha de ser feita, você compreende. Mas fiquei muito aliviado quando ele se casou e nós pudemos dar a vida dele para Millie como aliança de casamento. Eu preferiria muito mais que suas vidas estivessem igualmente bem guardadas. Uma caixa de fósforos é uma coisa tão frágil...

Gato sabia disso. Mas parecia-lhe que Crestomanci seria o melhor guardião que poderia existir.

— Quem o senhor acha que está procurando por elas? — perguntou.

— Ora, isso é que é estranho. A única pessoa que parece combinar com o formato dos feitiços que estou captando está morta, eu juro, há pelo menos duzentos anos — disse Gabriel, ainda olhando para a distância. — Um feiticeiro conhecido como Neville Tarântula. Era um dos últimos dos realmente maus.

Gato ficou observando Gabriel olhar para o infinito como um profeta velho e ossudo. Tonino, do outro lado da cama, também tinha o olhar fixo em Gabriel, parecendo estar tão assustado quanto Gato, que perguntou em voz baixa:

— Por que pensa que pode ser alguém do passado?

— Pelo seguinte motivo... — Gabriel começou. Então a coisa que Gato vinha temendo aconteceu.

O rosto de Gabriel de Witt perdeu, de repente, toda a sua expressão. Atrás dele, os travesseiros começaram a tombar lentamente, deixando o ancião deitado de costas outra vez. Enquanto isso acontecia, Gabriel de Witt parecia subir para fora de si mesmo. Um homem alto e velho usando um longo camisolão branco desdobrou-se do ancião que estava deitado e ficou por um momento olhando com certa tristeza para Gato e depois para Tonino, antes de encaminhar-se para uma distância que, por um motivo qualquer, não fazia parte do quarto de dormir branco.

Ambos viraram a cabeça para acompanhá-lo. Gato percebeu que conseguia enxergar Tonino através do vulto do ancião que se afastava, e os lírios-do-vale sobre a mesinha de cabeceira, e o canto do armário branco. O ancião

ficava cada vez menor enquanto caminhava, até que, finalmente, perdeu-se na distância branca.

Gato ficou muito espantado por não estar gritando, embora quase tenha feito isso quando tornou a olhar para Gabriel de Witt deitado na cama, para o rosto azul-claro e mais ossudo do que nunca, e viu a boca abrir-se lentamente. Gato sentiu que não conseguia produzir um único som, tampouco mover-se, até que Tonino sussurrou:

— Eu vi você através dele! Gato engoliu em seco.

— Eu também vi você. O que foi aquilo?

— Era a última vida dele? Agora ele está realmente morto? — Tonino quis saber.

— Não sei. Acho que temos de chamar alguém — Gato sugeriu.

Mas parecia que alguém já sabia. Passos soaram com força no tapete lá fora e a Srta. Rosalie irrompeu no quarto, seguida pelo Sr. Roberts. Ambos correram para a cama e olharam ansiosamente para Gabriel de Witt como se esperassem que ele despertasse a qualquer momento. Gato olhou de relance para a boca escancarada e a pele azulada, pensando que nunca havia visto alguém tão obviamente morto. Ele vira seus pais pouco antes do enterro deles, mas eles pareciam quase adormecidos, completamente diferentes disso.

— Não se preocupem, meninos. É só outra vida que se foi. Ele ainda tem mais duas — disse a Srta. Rosalie.

— Não, você está se esquecendo da vida que ele deu a Asheth — corrigiu o Sr. Roberts.

— Ah, é verdade — concordou a Srta. Rosalie. — Que bobagem a minha! Mas ele ainda tem uma vida. Por

que vocês não vão lá para baixo, meninos, até a nova vida tomar conta? Às vezes demora um pouco.

Aliviados, Gato e Tonino puseram-se de pé num salto. Mas nesse momento Gabriel moveu-se. Ele fechou a boca e seu rosto tornou-se novamente o rosto de uma pessoa — de aparência pálida e doentia, mas, apesar disso, cheia de sentimentos fortes.

— Rosalie, avise Crestomanci. Neville Tarântula está farejando em volta da casa — ele disse, em voz fraca e tom preocupado. — Eu o senti com muita clareza agora há pouco.

— Ah, bobagem, Gabriell! — a Srta. Rosalie exclamou, veemente e autoritária. — Como poderia? Você sabe muito bem que Neville Tarântula, fosse qual fosse o nome verdadeiro dele, morreu na época do primeiro Crestomanci. Isso foi há mais de cem anos antes de você ter nascido!

— Eu senti que era ele, já disse! — Gabriel insistiu. — Ele estava lá quando minha vida estava indo embora.

— É impossível você saber disso — a Srta. Rosalie insistiu por sua vez.

— Mas eu sei. Estudei muito esse homem — Gabriel continuou insistindo. Sua voz estava cada vez mais fraca e trêmula. — Logo que fui feito Crestomanci, estudei Neville Tarântula, porque precisava saber como era um feiticeiro realmente perverso, e ele era o mais inteligente de todos. E isso é ser muito inteligente, Rosalie. Ele está tentando ficar mais forte do que qualquer Crestomanci já foi. Previna Christopher de que ele não está seguro. Previna, principalmente, Eric.

— Está bem, está bem, está bem — disse a Srta. Rosalie. Ficou tão óbvio que ela falava apenas para tran-

qüilizá-lo que Gabriel pôs-se a agitar-se, jogando as cobertas no chão.

— É claro que vou avisá-los — disse a Srta. Rosalie recolhendo as cobertas do chão e colocando-as de volta sobre a cama. — Acalme-se, Gabriel, antes que fique doente. Vamos fazer tudo o que você quiser.

Ela fez caretas que significavam que o Sr. Roberts devia tirar Gato e Tonino do quarto. O Sr. Roberts assentiu. Colocou uma mão no ombro de cada menino e levou-os para o corredor. Enquanto ele fechava a porta suavemente, ouviu-se a voz de Gabriel dentro do quarto dizendo:

— Escute, Rosalie, não estou caducando! O Tarântula aprendeu a viajar no tempo. Ele é perigoso. Tenho certeza do que estou dizendo.

A voz de Gabriel de Witt soava tão fraca e contrariada que o Sr. Roberts, parecendo extremamente preocupado, disse:

— Escutem, acho que seria melhor vocês voltarem para casa agora. Não acredito que ele vá ficar suficientemente forte para falar com vocês hoje. Vou pedir um táxi e telefonar para o castelo para avisar que vocês chegarão num trem mais cedo.

Não havia coisa alguma no mundo que Gato desejasse mais do que isso. Tonino sentia a mesma coisa, a julgar pela sua expressão. A única coisa que Gato lamentava era que eles iam perder o almoço. Mas, de qualquer maneira, a idéia que a Srta. Rosalie fazia de um almoço costumava ser um tomate e um pouco de alface, e além do mais, eles tinham os cinco xelins de Millie. Ele seguiu o Sr. Roberts até o andar térreo pensando em rosquinhas e tortas na estação.

Por sorte havia um táxi justamente descendo a rua quando eles chegaram ao portão. Era uma daquelas carruagens antigas, puxadas por um cavalo, como uma caixa comprida posta de pé sobre quatro rodas, com o cocheiro sentado no alto da caixa. A carruagem estava caindo aos pedaços e o cavalo era pangaré, mas o Sr. Roberts acenou para o táxi com forte alívio e pagou ao cocheiro enquanto os meninos entravam.

— Vocês vão conseguir pegar o de 12h30. Vá depressa, cocheiro — instruiu.

Ele fechou a porta do veículo, que partiu. A carruagem cheirava mal e sacolejava, e suas rodas guinchavam, mas Gato achou que valia a pena agüentar aquilo para poder ir embora logo. A estação não ficava longe. Gato acomodou-se na semi-escuridão e sentiu, com alívio, sua mente esvaziar-se. Não queria pensar em Gabriel de Witt por muito tempo. Em vez disso, pensou nas tortas da estação e em sanduíches de filé.

Mas depois de meia-hora de solavancos, cheiro ruim e guinchos, alguma coisa começou a deixá-lo confuso. Ele voltou-se para o outro menino na escuridão atrás de si.

— Para onde estamos indo?

Tonino — se esse fosse mesmo o nome dele, pois Gato constatou que não tinha a menor certeza disso — balançou a cabeça com hesitação.

— Estamos indo para o nordeste. Estou com vontade de vomitar — disse o outro.

— Engula — Gato respondeu. A única coisa que ele achava que tinha certeza era de que recebera ordem de tomar conta daquele garoto, fosse ele quem fosse. — Não

pode estar muito longe agora — disse em tom tranqüilizador.

Depois perguntou-se o quê, ou onde, não estava “muito longe”. Ficou um pouco confuso ao constatar que não fazia a menor idéia.

Pelo menos ele parecia estar correto quanto a não ser longe. Cinco minutos depois, justamente quando o outro menino parecia não conseguir mais engolir o vômito, o táxi parou em meio a guinchos e um grande berro de “Eia!” partiu do cocheiro acima deles. A porta ao lado de Gato abriu-se. Pestanejando à luz cinzenta, Gato distinguiu uma calçada suja e uma fila de casas muito, muito antigas que se estendia em ambas as direções até onde ele conseguia enxergar. Pensou: “Devemos estar na periferia de Londres”. Enquanto Gato tentava entender onde estavam, o cocheiro disse:

— Dois garotos louros, como o senhor mandou, chefia. A pessoa que havia aberto a porta assomou a cabeça por detrás dela para olhar para eles. Os meninos encontraram-se cara a cara com um homenzinho idoso usando uma túnica preta bastante suja. Os olhos castanhos redondos e o rosto marrom peludo, cheio de rugas, eram tão iguais aos de um macaco que somente o chapéu preto mole, como o de um padre, denotava que se tratava de um homem e não de um macaco. Ou, provavelmente, não. Gato constatou, de algum modo estranho, que não tinha certeza de coisa alguma. A boca reta do macaco estendeu-se num sorriso.

— Ah, sim, os dois, como mandei — disse ele em tom seco e ríspido, e continuou: — Então saltem daí. Depressa.

Enquanto Gato e Tonino, obedientes, desciam do veículo para a rua comprida com casas decadentes — todas ligeiramente diferentes, como bangalôs construídos num loteamento — o homem de túnica preta entregava ao cocheiro uma moeda de ouro.

— Será um prazer levá-lo de volta — murmurou.

Era difícil dizer se ele estava falando consigo mesmo ou com o cocheiro, mas o cocheiro ergueu seu chapéu num gesto de grande respeito, estalou o chicote, e o veículo distanciou-se aos guinchos e solavancos, subindo a rua. Parecia que a cada solavanco ficava mais difícil enxergá-lo. Antes que ele chegasse ao final da rua, já havia desaparecido por completo.

Os meninos continuaram olhando naquela direção.

— Como foi que aquilo aconteceu? — Tonino perguntou.

— Ele pertence ao futuro, não é? — retrucou com rispidez o homem com cara de macaco. Novamente parecia estar falando consigo mesmo. Mas, aparentemente, ele tomou consciência deles nesse momento. — Agora vamos. Nada de perguntas idiotas. Não é todo dia que eu contrato dois aprendizes do asilo de órfãos e quero vocês lá dentro ganhando o seu sustento. Vamos lá.

Ele virou-se e entrou apressado na casa situada atrás deles. Os garotos seguiram-no, totalmente confusos, passando pela porta da frente, que não tinha pintura — e que logo em seguida fechou-se com força — e enveredando-se por um corredor escuro, de madeira. No final havia uma sala grande, bem mais clara, por causa de uma fileira de janelas imundas dando para alguns arbustos. Enquanto o homem-macaco os fazia atravessar às pressas esse aposento, Gato reconheceu ali uma oficina de mago.

Ela exalava o cheiro de magia e de sangue de dragão, e havia símbolos desenhados a giz por todo o piso. Gato tinha uma angustiante sensação de que deveria saber para que servia a maioria daqueles símbolos, e também a sensação de que eles não estavam dispostos na ordem a que ele estava acostumado, mas quando pensou sobre isso descobriu que os símbolos nada significavam para ele.

A principal coisa que ele percebeu foi a fileira de mapas estelares ao longo de uma parede. Havia oito deles, cada um mais novo do que o outro, a partir do mapa marrom muito antigo na extremidade esquerda até o último da direita (depois de um espaço vazio onde um nono mapa havia sido arrancado), que era branco e recém-desenhado.

— Desisti daquele. Protegido demais — o homem-macaco comentou quando Gato olhou para o espaço vazio.

Mais uma vez ele, provavelmente, estava falando consigo mesmo, pois virou-se imediatamente e abriu uma porta no final do aposento.

— Vamos, vamos — comandou com rispidez, e pôs-se a descer um lance de degraus de pedra até um frio porão também de pedra sob a casa.

Gato, descendo apressadamente atrás dele, só teve tempo de pensar que o último mapa depois do que fora arrancado lhe parecera incomodamente familiar de alguma forma, antes que o homem-macaco virasse para os dois garotos ao pé da escada.

— E agora me digam: como se chamam?

Parecia uma pergunta inteiramente razoável, mas os dois ficaram quietos, tremendo por causa das pedras gela-

das, olhando para ele e depois um para o outro. Nenhum deles tinha a menor idéia.

O homem soltou um suspiro diante da estupidez deles.

— Excesso de esquecimentífero — resmungou, parecendo estar falando consigo mesmo. E, apontando para Gato, dirigiu-se a Tonino. — Qual é o nome dele?

— Hã... — fez Tonino. — Significa alguma coisa. Em latim, eu acho. Felix, ou alguma coisa parecida. É, Felix.

O homem voltou para Gato.

— E o nome dele qual é? — perguntou.

— Tony — Gato respondeu. Isso não lhe pareceu estar correto, exatamente como Felix, mas aparentemente ele não era capaz de chegar mais perto do que isso. — O nome dele é Tony.

— Não é Eric? — o homem perguntou com rispidez. — Qual de vocês é Eric?

Os dois balançaram a cabeça, embora Gato tenha tido um leve e passageiro vislumbre de que aquele nome significava uma espécie protegida de urze. Era uma idéia tão idiota que ele desistiu dela na mesma hora.

— Muito bem. Tony e Felix, vocês agora são meus aprendizes — o homem continuou, no mesmo tom brusco. — Este lugar aqui é onde vocês vão comer e dormir. Vão encontrar colchões naquele canto ali. — Com uma mão cabeluda ele apontou para um canto escuro. — No outro canto há vassouras e uma pá de lixo. Preciso que vocês varram este aposento e o deixem o mais limpo e arrumado possível. Quando terminarem, podem ir estender os colchões.

— Por favor, senhor... — Tonino começou. Interrompeu-se, com expressão amedrontada, quando o velho virou a cara de macaco enrugado para encará-lo. Então ele completou a frase dizendo algo que obviamente não era o que havia começado a dizer. — Por favor, senhor, como devemos chamá-lo?

— Sou conhecido como Mestre Tarântula. Vocês me chamarão de Mestre — disse o homem.

Ouvindo esse nome, Gato sentiu um rápido e gelado arrepio de alarme. Atribuiu isso ao fato de que já estava desgostando muito mesmo do velho com cara de macaco. Havia um cheiro, que saía dele, de roupas velhas, mofo e doença, que faziam Gato lembrar-se de... de... de alguma coisa que ele não conseguia recordar direito, embora o deixasse assustado e inquieto. Assim, para poder se sentir melhor, ele disse aquilo que sabia que Tonino tinha tido a intenção de dizer.

— Senhor, nós ainda não almoçamos.

Os olhos redondos de macaco do Mestre Tarântula pestanejaram quando ele voltou-se para Gato.

— É mesmo? Bem, vocês terão comida assim que tiverem varrido e arrumado isto aqui.

Dizendo isso, ele virou-se e subiu correndo os degraus de pedra até a porta, com seu casaco preto e mofado ruflando, estacou no topo da escada.

— Não tentem fazer mágica — disse. — Não admito esse tipo de coisa aqui. Nada de burrice. Este lugar está a um tempo de distância de qualquer outro tempo. Vocês vão ter de se comportar muito bem.

Ele cruzou a porta e fechou-a atrás de si. Os meninos ouviram o ruído da tranca deslizando do outro lado.

Aquela porta era a única saída do porão. A única outra abertura nas paredes de pedra era uma janela no alto, trancada e suja demais para que se visse através dela, e que deixava entrar uma leve luz acinzentada. Gato e Tonino olharam para a porta, depois para a janela, depois um para o outro.

— Que é que ele quis dizer com esse negócio de não fazer mágica? — Tonino perguntou. — Você sabe fazer mágica?

— Acho que não... — E você?

— Eu... eu não consigo me lembrar — Tonino admitiu com expressão infeliz. — Estou completamente oco.

O mesmo se aplicava a Gato cada vez que ele pensava sobre isso. Estava inseguro a respeito de tudo, inclusive do motivo pelo qual os dois estavam ali e se devia ficar assustado com isso ou somente infeliz. Ele agarrou-se às duas coisas das quais tinha certeza: era mais velho do que Tonino e deveria estar cuidando dele.

Tonino estava tremendo.

— Vamos achar as vassouras e começar a varrer — Gato sugeriu. — Isso vai nos aquecer e ele vai nos dar alguma coisa para comer quando tivermos terminado.

— Pode ser que ele dê — Tonino corrigiu. — Você acredita ou confia nele?

— Não — Gato declarou. Essa era outra coisa da qual a sua mente enevoada tinha certeza. — Mas é melhor não dar a ele uma desculpa para não nos dar comida.

Eles encontraram duas vassouras muito gastas e uma pá de cabo comprido no canto perto da escada, juntamente com uma pilha de quinquilharias espantosamente variadas — latas enferrujadas, tábuas cheias de teias de

aranha, farrapos tão velhos que haviam se transformado em pilhas de poeira, bengalas, frascos quebrados, redes de pegar borboleta, caniços de pesca, metade de uma roda de carruagem, guarda-chuvas quebrados, mecanismos de relógio e algumas coisas que haviam se decomposto demais para que alguém pudesse adivinhar o que elas tinham sido — e puseram-se a limpar o lugar.

Sem precisar discutir o assunto, eles começaram na extremidade onde ficava a escada. Ali era mais claro. O resto do porão estava repleto de bancos rachados e velhas cadeiras quebradas, que iam se avolumando na direção da extremidade oposta, onde a parede inteira estava completamente coberta de teias de aranha, mais grossas e mais empoeiradas do que Gato teria imaginado ser possível. Além disso, quando estavam perto da escada, eles conseguiam ouvir o Mestre Tarântula resmungando na sala acima deles, e parecia razoável imaginar que ele também conseguia ouvi-los. Na mente de ambos havia a esperança de que, se ele os escutasse realmente trabalhando, poderia decidir levar para eles alguma coisa para comer.

Eles varreram pelo que lhes pareceu horas. Usaram os farrapos menos fedorentos como panos de pó. Gato encontrou um saco velho onde eles despejavam ruidosamente, incontáveis vezes, a pá de lixo cheia de poeira, teias de aranha e vidros quebrados. Às vezes usavam o cabo das vassouras para separar os objetos. Tonino arrastou outra pilha de quinquilharias que estava em um canto, fazendo um barulho tremendo, e encontrou os colchões no meio delas. Eram imundos, encaroçados e tão úmidos que pareciam molhados.

Gato fez muito barulho erguendo uma pilha com as cadeiras mais quebradas e, numa lufada de cheiro de mo-

fo, pendurou nela os colchões para arejarem. A essa altura, para surpresa de Gato, metade do aposento estava livre. A poeira pairava no ar, fazendo o nariz e os olhos de Tonino escorrerem, cobrindo a roupa e os cabelos dos dois e manchando o rosto deles de cinzento. As mãos estavam pretas e as unhas, mais pretas ainda. Estavam famintos, sedentos e exaustos.

— Preciso beber alguma coisa — Tonino declarou com voz rouca.

Gato varreu os degraus pela segunda vez, fazendo bastante ruído, mas Mestre Tarântula não deu sinal de ter escutado.

Talvez, se Gato chamasse... Mas parecia que ele ia necessitar de um grande esforço para reunir coragem para isso. E, por um motivo qualquer, Gato não conseguia obrigar-se a chamar Mestre Tarântula de “Mestre”, por mais que tentasse. Ele bateu educadamente na porta e chamou:

— Com licença, senhor! Por favor, estamos com uma sede horrível.

Não houve resposta. Quando Gato colou o ouvido na porta, não conseguiu mais escutar qualquer som do Mestre Tarântula movendo-se por lá. Desceu as escadas melancólico.

— Acho que ele não está lá.

Tonino suspirou.

— Ele vai saber quando este porão estiver limpo e então virá, mas não antes. Tenho quase certeza de que ele é um feiticeiro.

— Nada nos impede de pelo menos descansar — Gato declarou.

Ele arrastou os colchões para perto da parede e fez um assento com eles. Ambos sentaram-se aliviados. Os colchões ainda estavam extremamente úmidos, e o seu cheiro era horrível. Os dois tentaram não prestar atenção nisso.

— Como é que você sabe que ele é feiticeiro? — Gato perguntou, para distrair-se do cheiro e da umidade.

— Os olhos. Os seus são a mesma coisa — Tonino respondeu. Gato pensou nos olhos redondos e brilhantes do Mestre Tarântula e estremeceu.

— Não são nada a mesma coisa! — exclamou. — Os meus são azuis!

Tonino baixou a cabeça e segurou-a com ambas as mãos.

— Desculpe. Por um instante pensei que você fosse um feiticeiro. Agora não sei o que acho.

Isso fez Gato remexer-se desconfortavelmente. Era assustador, se ele se permitisse perceber, o modo como sempre que ele pensava em alguma coisa, principalmente em magia, parecia não haver coisa alguma para pensar. Parecia que somente existia aquele momento, o porão frio, o cheiro horrível de mau hálito vindo dos colchões e a umidade elevando-se com o cheiro e atravessando as suas roupas.

Ao lado dele, Tonino estava tremendo de novo.

— Isto não faz bem. Levante-se — disse Gato. Tonino ficou de pé.

— Acho que é um feitiço para nos manter obedientes. Ele nos disse que podíamos estender os colchões depois que o porão estivesse limpo.

— Eu não ligo — disse Gato.

Pegou o colchão de cima e sacudiu-o, tentando expulsar o cheiro (ou o feitiço). Foi um erro terrível. O porão inteiro tornou-se repleto, quase que instantaneamente, de um pó grosso, sufocante, fedorento. Eles mal podiam enxergar um ao outro. O que Gato conseguia ver de Tonino era alarmante. Ele estava dobrado para frente, tossindo sem parar, uma tosse seca, com um ruído rascante sempre que o menino tentava inspirar. Parecia que Tonino estava morrendo sufocado, e isso tirou de Gato o pouco bom-senso que ele parecia ter.

Ele soltou o colchão em outra nuvem de poeira, agarrou uma vassoura, correu escada acima, num frenesi de medo e culpa, e pôs-se a bater na porta com o cabo da vassoura.

— Socorro! Tony está sufocando! Socorro! — gritou. Nada aconteceu. Assim que Gato parou de bater à porta, ele percebeu, pelo tipo de silêncio do outro lado, que Mestre Tarântula não se dava ao trabalho de escutar. Desceu correndo os degraus para dentro da poeira espessa, espessa, agarrou Tonino, quase sufocado, por um cotovelo e empurrou-o escada acima.

— Fique perto da porta, ali está mais limpo.

Ele escutava Tonino subir, ofegante, enquanto ele próprio corria na direção da janela suja lá no alto, para golpeá-la com o cabo da vassoura como se fosse uma lança.

Gato pretendia estilhaçar uma das folhas da vidraça. Mas o vidro simplesmente quebrou-se em forma de uma pequena estrela branca e nada mais aconteceu, embora Gato continuasse golpeando com a vassoura. A essa altura ele tossia quase tão intensamente quanto Tonino. E estava zangado. Se Mestre Tarântula estava tentando domá-los,

bem, não ia conseguir! Gato arrastou um dos pesados bancos de madeira para baixo da janela e subiu nele.

A janela era do tipo que tem duas partes que deslizam para cima e para baixo. De pé sobre o banco, Gato ficou com o nariz na altura do trinco velho e enferrujado que prendia as duas metades uma na outra, impedindo que se mexessem. Ele segurou o trinco e torceu-o com raiva. O trinco despedaçou-se em sua mãos, mas pelo menos não estava mais prendendo as duas partes da janela. Gato jogou no chão os pedaços quebrados e agarrou a moldura suja da parte superior com ambas as mãos, tentando baixá-la. E puxou, empurrou, sacudiu.

— Deixe que eu o ajude — disse Tonino em voz rouca, subindo no banco ao lado de Gato e expirando com força, pois tinha prendido a respiração enquanto atravessava o aposento.

Gato, agradecido, chegou para o lado para dar-lhe espaço, e ambos puseram-se a puxar a janela. Para sua alegria, a metade superior moveu-se, descendo um pouco e deixando uma abertura de uns 15 centímetros acima da cabeça deles. Através dela eles viam apenas a parte inferior de uma grade, ao nível da calçada do lado de fora, e pares de pés passando — pés usando sapatos fora de moda, com saltos altos e fivelas na frente.

Isso lhes pareceu muito estranho. Também o modo como lufadas mornas de ar fresco entravam, soprando no rosto deles através do espaço aberto ao mesmo tempo em que nuvens de poeira saíam para a rua em grande quantidade. Mas não pararam para pensar nessas coisas. Havia ocorrido a ambos que se conseguissem baixar inteiramente a parte superior da janela poderiam sair por ali e esca-

par. Ambos se penduraram no topo da janela, fazendo força para baixo.

Mas nenhum esforço foi suficiente para abrir mais a janela. Quando Gato desistiu, ofegando, Tonino esmurrou a parte inferior da janela com os punhos e gritou para o par de sapatos de fivela que passavam:

— Socorro! Socorro! Estamos presos aqui!

Os pés seguiram em frente sem parar.

— Eles não escutaram. Deve ser um feitiço — disse Gato.

— Então o que é que vamos fazer? Estou com tanta fome! — Tonino gemeu.

Gato também estava. Pelo que ele imaginava, devia ser a hora do lanche. Ele pensou no chá sendo servido no castelo, com sanduíches de salame e bolinhos com creme... Ei! Qual castelo? Mas a lembrança tornou a desaparecer, deixando apenas a idéia de sanduíches de salame, maravilhosos, o pão macio com a casca retirada, e bolinhos recheados de geléia e creme. O estômago de Gato roncou, e ele sentiu-se prestes a gemer como Tonino. Mas sabia que tinha de se controlar, pois era mais velho do que Tonino.

— Ele disse que nos daria comida quando tivéssemos limpad o porão inteiro. É melhor terminarmos o trabalho — disse.

Ambos desceram do banco e voltaram ao trabalho. Desta vez Gato tentou organizar as tarefas. Planejou trabalharem em intervalos curtos e encontrou duas cadeiras não completamente quebradas para que pudessem sentar-se e descansar enquanto a poeira levantada era sugada para fora através da abertura na janela. Lentamente eles foram chegando à extremidade mais distante. Quando a luz que

se filtrava através das vidraças sujas tornou-se dourada, luz de final de tarde, eles estavam prontos para começar na parede do fundo.

Não estavam nada ansiosos para fazer isso. Do teto ao chão aquela parte do porão estava tomada por uma massa de teias de aranha cobertas de poeira, com pelo menos meio metro de espessura, vibrando e ondulando, cinzentas e sinistras, à fraca brisa que vinha da janela. Sob as teias eles viram mais um banco rachado. Nele, bem no centro, havia o que parecia ser um cilindro preto.

— Que é que você acha? O que é isto? — Tonino perguntou.

— Vou ver. Mais inquietaria, imagino.

Gato, estremecendo, enfiou o braço através das teias de aranha, odiando o toque pegajoso e mole, e pegou a coisa preta.

Assim que seus dedos se fecharam em volta da caixa, ele teve a sensação de que aquilo era importante. Mas quando a puxou suavemente, evitando tocar nas teias de aranha sempre que possível, viu que era apenas uma lata velha com um orifício redondo toscamente feito na tampa.

— É só uma lata para guardar chá — disse. — Parece que alguém tentou transformar isto em um cofre.

Ele sacudiu a lata. Alguma coisa dentro dela fez barulho.

— Veja o que tem dentro. Pode ser valioso — Tonino sugeriu.

Gato ergueu a tampa, ganhando uma nova e grande mancha preta na sua roupa. A lata estava coberta por gerações de gordura fuliginosa. Mas a tampa foi erguida fa-

cilmente e saiu com um estalido. Dentro havia alguns feijões. Sete feijões.

Gato verteu-os em sua mão para ter certeza; eram realmente, decepcionantemente, feijões. Deviam ter permanecido naquela lata durante muito tempo. Quatro deles estavam enrugados, e um era tão velho que se tornara apenas um pedacinho de massa disforme, marrom e dura. Era evidente que não tinham o menor valor.

— Feijões! — Gato exclamou, irritado.

— Ah, sim, mas lembre-se de João e o Pé de Feijão...

Eles se entreolharam. No porão de um feiticeiro qualquer coisa era possível. Ambos tiveram visões de poderosos pés de feijão crescendo, furando o teto do porão e subindo até atravessar o telhado da casa, e eles dois subindo por um deles, escapando de Mestre Tarântula e do seu poder.

Enquanto eles se entreolhavam, ouviram o som da porta sendo destrancada no outro extremo da sala.

Gato jogou depressa os feijões no bolso e tornou a colocar a tampa da lata, enquanto Tonino pegava sua vassoura. Tonino esperou que Gato colocasse cuidadosamente a velha lata sobre o banco, em cima do círculo livre de poeira onde ela estava antes, e então levantou a vassoura e pôs-se a varrer obedientemente as teias de aranha da parede.

Mestre Tarântula abriu a porta com violência e desceu correndo os degraus de pedra, gritando:

— Não, não, não, seu menino danado! Pare com isto imediatamente! Não sabe reconhecer um feitiço?

Ele atravessou correndo o aposento e avançou sobre Tonino com o punho erguido.

Tonino deixou a vassoura cair no chão ruidosamente e recuou. Gato não tinha certeza se Mestre Tarântula pretendia bater em Tonino ou jogar um feitiço nele, mas em todo caso, colocou-se depressa entre os dois.

— O senhor não tem motivo para bater nele. O senhor nos mandou limpar o porão — disse.

Por um instante Mestre Tarântula inclinou-se sobre eles dois, claramente espumando de raiva. Gato sentiu o cheiro de sujeira e velhice no hálito de Mestre Tarântula e de mofo em seu paletó preto. Olhou para os olhos redondos e cheios de ódio, reparou as rugas que se moviam e os pelos compridos no rosto de Mestre Tarântula, e sentiu náusea e medo na mesma medida.

— E também o senhor nos prometeu comida quando tivéssemos terminado — acrescentou.

Mestre Tarântula ignorou isso, mas, aparentemente, conseguiu controlar um pouco a sua fúria.

— Para este feitiço... — ele disse, com aquele seu jeito de falar quase que consigo mesmo. Havia pequenos grãos brancos em volta da boca larga e sem lábios. — Para este feitiço eu me mantive vivo durante incontáveis anos, bem além do meu tempo natural de vida. Este feitiço vai mudar o mundo. Este feitiço vai me dar o mundo! E um infeliz de um menino quase que põe tudo a perder varrendo o feitiço da parede!

— Eu não sabia que era um feitiço — Tonino protestou. — O que acha que ele faz? — quis saber.

Mestre Tarântula soltou uma risada — um riso particular, com a boca fechada como se estivesse fechando segredos.

— Eu acho? — repetiu. — Eu acho que ele vai criar um feiteiro com dez vidas que vai ser mais poderoso

do que qualquer dos Crestomancis de vocês. Ele vai fazer isso, contanto que nenhum de vocês mexam com ele de novo. Não ousem tocar nele!

Ele afastou-se dos meninos e pôs-se a gesticular em direção à parede, como se estivesse trançando ou torcendo alguma coisa. O grande monte de teias que Tonino havia derrubado com a vassoura inflou e começou a erguer-se. Então, Mestre Tarântula fez com as mãos movimentos aparentemente sem sentido, e as teias de aranha passaram a mover-se para um lado e para o outro, ficando mais grossas à medida que se moviam, e subindo até grudarem no teto. Gato achou que conseguia enxergar um grande número de pequenas coisas meio invisíveis correndo por entre os grossos fios cinzentos, consertando o feitiço do modo como Mestre Tarântula queria, e foi obrigado a desviar os olhos. Tonino, no entanto, ficou olhando para aquilo, espantado e interessado.

— Pronto — disse Mestre Tarântula finalmente. — Não cheguem perto dele outra vez.

Ele virou-se para ir embora, mas Gato chamou:

— Espere! O senhor nos prometeu alguma coisa para comer.

Mestre Tarântula virou-se furiosamente para ele, e Gato continuou:

— Nós limpamos o porão, senhor.

— Vou lhes dar comida quando vocês me disserem qual dos dois é Eric — respondeu Mestre Tarântula.

Como anteriormente, aquele nome nada significava para os dois. Mas a essa altura eles estavam com tanta fome que Gato imediatamente apontou para Tonino, e Tonino com a mesma presteza apontou para Gato.

— É ele — ambos disseram em coro.

— Estou entendendo. Vocês não sabem — disse Mestre Tarântula com rispidez. Ele virou-se e afastou-se, andando depressa, resmungando consigo mesmo. Os resmungos transformaram-se em palavras inteligíveis enquanto Mestre Tarântula subia a escada. Ele deve ter pensado que não conseguiriam escutá-lo de longe. — Eu também não sei qual de vocês é ele, maldição! Vou ter de matar os dois, um mais de uma vez, imagino.

Quando a porta se fechou com um estrondo, Gato e Tonino se entreolharam, assustados de verdade pela primeira vez.

— Vamos tentar a janela novamente — Gato sugeriu. Mas a vidraça ainda não quis mover-se. Gato estava de pé sobre o banco, sacudindo o cabo da vassoura do lado de fora da janela na esperança de quebrar o feitiço que a protegia, quando se ouviu a porta sendo aberta novamente. Ele desceu depressa e segurou a vassoura como uma arma.

Mestre Tarântula entrou pela porta com uma lamparina acesa, que colocou no degrau superior. Os meninos ficaram felizes vendo a luz. A essa altura estava ficando bastante escuro no porão. Eles observaram Mestre Tarântula virar-se e empurrar uma bandeja para o degrau superior ao lado da lamparina.

— Aqui está o jantar de vocês, garotos. E aqui está o que eu quero que façam em seguida. Escutem com bastante atenção. Quero que vocês vigiem aquele feitiço na parede do fundo. Não tirem os olhos dele. E, no momento em que virem qualquer coisa diferente, vocês têm de vir bater à porta para me contar. Se fizerem isso, cada um vai ganhar uma tortinha de cereja como recompensa.

Mestre Tarântula mostrava agora uma espécie de camaradagem melosa que deixou os dois garotos muito inquietos.

Gato cutucou Tonino, e Tonino imediatamente começou a tentar descobrir o que aquela nova camaradagem significava.

— O que o senhor imagina que vai acontecer com o feitiço? — ele perguntou com expressão ingênua e inocente.

Mestre Tarântula hesitou, obviamente estudando o que devia revelar a eles.

— Vocês vão ver um distúrbio — disse por fim. — É, um distúrbio entre as teias. Vai parecer muito estranho, mas vocês não devem ficar com medo. Será simplesmente a alma de um feiticeiro que no momento está em seu leito de morte e, quase imediatamente, vai se transformar num feijão. Verifiquem se o feijão caiu corretamente na lata sobre o banco e então me avisem. Aí cada um de vocês vai ganhar uma tortinha de cereja. Vocês façam isso e ganharão uma tortinha cada um. Vocês são bons meninos, não são?

— Somos, sim — os dois afirmaram.

— Ótimo.

Mestre Tarântula fechou a porta atrás de si.

Gato e Tonino subiram cautelosamente os degraus para espiar a bandeja. Nela havia uma jarra de latão com água, um pãozinho dormido e um pedaço de queijo tão velho e gorduroso que parecia um sabonete que alguém tivesse acabado de utilizar para tomar banho.

— Acha que está envenenado? — Tonino cochiçou. Gato pensou no assunto. Por um lado, o fato de terem forçado Mestre Tarântula a lhes dar alguma coisa

para comer significava uma vitória, mas era bem evidente que mesmo assim Mestre Tarântula não ia desperdiçar boa comida com pessoas que ele estava planejando matar. Aquela comida era apenas para enganá-los.

— Não. Ele usaria uma comida melhor — disse. — Aposto que as tortinhas é que estarão envenenadas.

Tonino, evidentemente, pensava a mesma coisa. Eles carregaram a lamparina e a bandeja para baixo e as colocaram num banco no centro do aposento.

— Ele disse que se conservou vivo muito mais tempo do que o seu tempo de vida normal. Acha que ele consegue isso matando meninos? Os seus aprendizes?

Gato puxou duas das cadeiras menos estragadas para perto do banco.

— Não sei, pode ser — respondeu. — Acho que quando o fantasma do feiticeiro chegar aqui nós devemos pedir-lhe ajuda.

— Boa idéia — Tonino elogiou para, em seguida, acrescentar em tom de dúvida: — Se ele conseguir...

— Claro que consegue! Ele é um feiticeiro, mesmo sendo fantasma! — Gato afirmou.

Os meninos partiram em pedaços o pão duro e puseram-se a mastigá-los com o queijo borrachudo, revezando-se para beber água da jarra de latão. A água tinha gosto de suja. O estômago de Gato começou a doer quase que imediatamente. Talvez seu raciocínio estivesse errado e aquela refeição horrorosa estivesse mesmo envenenada, pensou. Por outro lado, podia ser que simplesmente a comida era intragável, ou que a idéia de veneno havia feito o seu estômago pensar que era mesmo envenenada.

Ele observou Tonino cuidadosamente para ver se ele mostrava algum sinal de envenenamento. Mas Tonino,

evidentemente, confiava na opinião de Gato. Sob a luz suave da lamparina, os olhos de menino italiano ficavam mais brilhantes enquanto ele comia, e suas bochechas sujas e macilentas foram ficando mais gordinhas e rosadas. Gato observou-o usar os dentes para raspar os restinhos de queijo da casca e concluiu que não havia veneno naquela comida. A dor de estômago aliviou um pouco.

— Ainda estou com fome — Tonino declarou, pousando a casca de queijo no prato com ar tristonho. — Estou com tanta fome que comeria até aqueles feijões secos.

Gato lembrou-se de que havia enfiado os feijões no bolso quando Mestre Tarântula desceu a escada como um raio. Retirou-os do bolso e colocou os sete sob a lamparina. Ficou surpreso ao ver que eles estavam mais brilhantes e mais redondos do que antes. Quatro deles haviam perdido totalmente as rugas. Até aquele mais velho e mais passado parecia-se mais com um feijão e menos com uma coisa marrom e seca. Sob a luz eles refletiam um suave brilho vermelho e roxo.

— Fico pensando se todos esses não serão feiticeiros também — comentou, movendo-os com o dedo.

— Pode ser que sim — Tonino opinou, observando-os. — Ele disse que ia fazer um feiticeiro com dez vidas. Estes feijões podem ser sete vidas, com uma oitava quase chegando. Mas de onde ele vai tirar as outras duas vidas?

“De nós”, Gato pensou, e torceu para que Tonino não pensasse nisso também.

Mas nesse momento o feijão mais novo e mais brilhante deu um salto de repente e virou uma cambalhota

no ar. Tonino esqueceu-se do que estavam falando e inclinou-se sobre ele, fascinado.

— Este está vivo! Será que todos os outros também estão?

Parecia que sim. Um por um, cada um dos feijões estremeceu e deu uma cambalhota, até que todos eles estavam rolando e saltando, até mesmo o feijão mais velho, embora esse, ao que parecia, conseguisse apenas balançar-se de um lado para o outro. O feijão mais novo estava agora dando cambalhotas tão fortes que quase saltou para fora do banco. Gato pegou-o e colocou-o junto com os outros.

— Será que eles vão brotar? — perguntou.

— Os pés de feijão! — lembrou-se Tonino. — Ah, sim, por favor!

Enquanto ele falava, o feijão mais novo abriu-se ao meio, mostrando um interior pálido e esverdeado que, evidentemente, estava bem vivo. Mas não era exatamente como um feijão brotando. Era mais como um besouro estendendo as asas. Por um instante os meninos viram as duas metades vermelho-arroxeadas da camada externa abrirem-se também e, então, elas aparentemente, desapareceram no ar. O que surgiu, então, era uma coisa pálida, esverdeada e transparente, em processo de crescimento. Essa coisa em crescimento rapidamente estendeu-se e formou uma coisa plana com várias pontas, até ficar parecida com uma grande folha flutuante de sicômoro feita de luz esverdeada. Havia nela veias delicadas, e ela pulsava levemente.

A essa altura, cinco dos outros feijões também estavam se rachando e crescendo. Cada um deles ganhou pontas e veias, mas de formatos ligeiramente diferentes,

de modo que Gato pensou nelas como uma folha de hera, uma folha de figueira, uma folha de videira, uma folha de bordo e uma folha de plátano. Até mesmo o sétimo feijão, que era o mais velho, estava tentando abrir-se ao meio. Mas estava tão duro e encarquilhado e, evidentemente, experimentando tamanha dificuldade que Tonino colocou um dedo em cada metade e ajudou-o a abrir-se.

— Ah, feiticeiros, por favor, nos ajudem! — disse ele, enquanto o feijão crescia, embora tenha continuado menor que os outros.

“Sorveira silvestre”, Gato pensou, espantando-se com o seu conhecimento a respeito de árvores. Olhou com tristeza para o punhado de formas frágeis, trêmulas, esverdeadas, reunidas na base da lamparina, e tomou consciência de que Tonino estava certo em duvidar. As formas verdes podiam já ter sido feiticeiros — Gato achava que Tonino tinha razão quanto a isso — mas não eram fantasmas. Aqueles seres eram delicados, indefesos e confusos. Era como pedir ajuda a borboletas recém-formadas.

— Acho que eles não podem nos ajudar — observou. — Nem sabem o que lhes aconteceu.

Tonino suspirou.

— Eles dão mesmo a sensação de grande velhice — concordou. — Mas também de novos. Nós é que vamos ter de ajudá-los a ficar escondidos do Mestre Tarântula.

Ele tentou pegar a folha mais velha e enrugada, mas a folha esvoaçou freneticamente para longe dos dedos dele. Aparentemente isso assustou o resto das folhas. Todas, tremendo, formaram um grupo brilhante refugiado atrás da jarra de latão.

— Pare com isto! Você está assustando as coitadas!
— Gato avisou.

Enquanto ele dizia isso, ele e Tonino escutaram um ruído atrás de si, no fundo do porão. Os dois viraram-se para ver.

Ali, reluzindo levemente por entre as teias, outro objeto em forma de folha, bem grande, tentava livrar-se das teias espessas e empoeiradas. Seu esforço para livrar-se das teias era ainda maior do que o da folha atrofiada para fugir de Tonino, mas cada movimento dele a levava mais para o centro do emaranhado de teias, e cada vez mais para baixo, na direção da lata preta.

— Aquele é o feiticeiro morto! Ah, depressa, vá ajudá-lo! — Tonino exclamou.

Gato levantou-se devagar. Tinha um certo medo daquela coisa. Era como as ocasiões em que um pássaro entra no quarto de alguém e sente um pânico desesperadamente contagiante. Mas quando Gato viu o objeto transformar-se de repente num feijão e mergulhar na direção da lata preta, disparou para lá e enfiou as mãos nervosamente no emaranhado cinzento das teias. Ele fez isso bem a tempo de empurrar o feijão com a borda da mão esquerda, desviando o trajeto dele. O feijão bateu na borda da lata e caiu no chão. Gato pegou-o. No mesmo instante o feijão partiu-se e começou a crescer, tornando-se uma folha maior, mais brilhante e mais cheia de pontas do que qualquer das outras. Gato levou-a, vibrando dentro das suas mãos em concha, e depositou-a cuidadosamente junto das outras, onde ela se tornou parte de um grupo transparente, pulsante, vivo, reluzindo sob a lâmpada. “Como um cardume de peixes”, Gato pensou.



— Ele está vindo! — Tonino avisou. — Elas precisam fugir! Gato ouviu a porta no alto da escada abrir-se. Ele sacudiu as mãos no amontoado de folhas.

— Xô! Vão se esconder em algum lugar — ele sussurrou. Todas as folhas recuaram quando ele sacudiu as mãos perto delas, mas, para desespero dele, continuaram onde estavam, esvoaçando atrás da jarra de latão.

— Ah, escondam-se! — Tonino implorou, enquanto Mestre Tarântula descia os degraus em disparada.

— Que brincadeira é esta de vocês, garotos? — Mestre Tarântula quis saber, passando por eles e encaminhando-se ao emaranhado de teias. — Segundo o meu mapa estelar, Gabriel de Witt morreu há quase vinte minutos. A alma dele já deve ter chegado aqui. Por que vocês não bateram à porta? Estão ocupados demais com a comida para vigiar? É isso?

Ele passou depressa pela lamparina e pelo banco sem olhar para eles. Todas as folhas recuaram ante a passagem raivosa dele. Então, para extremo alívio de Gato, a grande folha nova ergueu um de seus lados num espécie de gesto de chamamento e deslizou silenciosamente pela beirada do banco para as sombras sob ele. As outras viraram-se e a seguiram, como uma fila de peixes mergulhando, e a folha velha e encarquilhada vinha apressada em último lugar. Gato e Tonino olharam de lado para ter certeza de que elas estavam escondidas, e então olharam logo para Mestre Tarântula, que estava afastando as teias para os lados para chegar à lata preta.

Ele a pegou com violência. E a sacudiu. Virou-se segurando-a junto ao peito com tamanho espanto e desespero que Gato quase que sentiu pena dele.

— Está vazia! — o feiticeiro exclamou. — Seu rosto era o do macaco mais tristonho no zoológico mais cruel de qualquer mundo. — Vazia! — ele repetiu. — Sumiram todas! Todas as almas que juntei desapareceram! As almas de sete feiticeiros com nove vidas não estão aqui, nem a nova! O trabalho de toda a minha vida! Que foi que saiu errado? — Ao se perguntar isso, o sofrimento em seu rosto tornou-se de repente raiva e suspeita. — O que foi que vocês fizeram, meninos?

Gato estava preparado para sentir muito medo quando Mestre Tarântula percebesse que eles eram os culpados. Ficou ligeiramente surpreso ao sentir-se mais tenso do que apavorado e com capacidade de raciocinar. Era de grande ajuda ter Tonino à sua frente com expressão calma e determinada.

— Elas fugiram — disse.

— Elas começaram a crescer — Tonino acrescentou. — Eram feijões, o senhor sabe, e os feijões crescem. Por que está tão contrariado, senhor? Estava pretendendo comê-los?

— Claro que estava! — Mestre Tarântula quase uivou. — Há mais de duzentos anos venho interceptando as almas dos Crestomanci mortos, seu garotinho estúpido! Quando eu tivesse nove almas, ia engolir todas e me tornar o feiticeiro mais forte que já existiu! E vocês deixaram que elas fugissem!

— Mas só havia oito — Tonino observou.

Mestre Tarântula abraçou a lata e abriu a boca num sorriso largo.

— Não, nove. Um de vocês dois tem a minha alma número nove. E as outras oito não têm como sair deste

porão. — De repente ele gritou bem alto: — Para onde elas foram?

Gato e Tonino deram um pulo de susto e tentaram fazer uma expressão de quem não tem a menor idéia. Mas era evidente que o grito aterrorizara as almas mortas pairando sob o banco. Uma delas, de tamanho mediano — a que se parecia com uma folha de figueira —, deu uma corrida para a liberdade, passando entre as traves da cadeira de Gato e tomando a direção da escada e da porta aberta no topo dela. Um instante depois, todas as outras a seguiram numa fila luminosa, como se não admitissem ser deixadas para trás.

— Ah! — gritou Mestre Tarântula.

Ele deixou cair a lata e saiu correndo numa velocidade inacreditável, atravessando o aposento e subindo os primeiros três degraus, chegando ali bem a tempo de bloquear o caminho das almas em fuga. Acima dele a porta fechou-se com estrondo. A fila de folhas formou um grupo quase na altura do primeiro degrau. Ali, elas hesitaram um pouco e depois fugiram para o lado, com a grande folha nova na liderança e a menor e mais velha voando desesperadamente no final da fila.

Diante disso, Mestre Tarântula desceu os três degraus num salto e pegou uma rede de caçar borboletas no monte de lixo.

— Cheias de vida, não? — resmungou. — Vou acabar logo com isto!

Outras duas redes de caçar borboletas ergueram-se do monte de lixo e vieram plantar-se na mão de Gato e de Tonino.

— Vocês deixaram as vidas fugir, portanto vão ter de pegá-las de novo! — Mestre Tarântula declarou.

Então ele saiu aos saltos atrás da fila de almas com sua rede de caçar borboletas em riste para recolhê-las.

Gato e Tonino começaram a fingir que também perseguiam as almas fugitivas, colocando-se no caminho de Mestre Tarântula sempre que tinham oportunidade. Tonino ia para frente e para trás sacudindo a rede e gritando, principalmente quando estava longe da fila de almas:

— Peguei você! Ah, droga, errei!

Gato também fazia isso, conseguindo esbarrar no cotovelo de Mestre Tarântula ou colocar sua rede na frente da dele.

Mestre Tarântula uivava e rosnava para ele, mas estava muito mais preocupado em recuperar as almas do que em castigar Gato. E lá foram eles por todo o porão, como se fossem jogadores de um jogo doido, com Tonino galopando no centro, derrubando móveis quebrados no caminho deles, enquanto a fila de almas brilhantes e desesperadamente assustadas voava velozmente em volta do aposento à altura da cintura, afastando-se para evitar as teias emaranhadas e seguindo ao longo da parede onde ficava a janela, um pouco acima.

“A janela! A janela aberta!”

Gato jogou-lhes esse pensamento enquanto corria ao lado de Mestre Tarântula. Mas elas estavam assustadas demais para perceber a janela, e partiram novamente na direção da escada. Ali, a alma em forma de folha de hera, provavelmente imaginando que a porta ainda estivesse aberta, tentou subir os degraus. Todas as outras estacaram e depois giraram para segui-la.

Vendo isso, Mestre Tarântula deu um grito de triunfo e correu na direção delas com sua rede preparada.

Gato e Tonino tiveram de dar alguns saltos artísticos e rápidos nos degraus, senão todas as almas teriam sido agarradas naquele momento.

“Então se espalhem, suas bobas!”, Gato pensou. “Por que não voam em direções diferentes?”

Porém, ao que parecia, as almas apavoradas não conseguiam suportar essa idéia.

Gato conseguia captar o pensamento delas de que estariam perdidas se tentassem separar-se. Seguiram amontoadas, subindo num canto do aposento e depois rodeando-o novamente, logo abaixo do teto, com Mestre Tarântula perseguindo-as de perto, rede erguida. Gato lançou-se atrás dele. Houve um momento apavorante em que a alma mais antiga e atrofiada voou perto demais das teias e emaranhou-se nelas. Mais uma vez as outras almas estacaram e ficaram esperando no ar. Gato chegou até lá bem a tempo. A rede de caçar borboletas de Mestre Tarântula colidiu no ar com a de Gato quando este deu um jeito de tropeçar nas teias, abrindo uma fenda no emaranhado e deixando livre a alma encurralada.

Enquanto ela saía voejando para juntar-se às outras, Tonino atravessou correndo o aposento e espremeu-se atrás do banco no qual Gato havia trepado para abrir a janela. O banco tombou com grande ruído. A fila de almas havia tomado velocidade novamente, mas o barulho fez com que parassem no ar. Tonino ficou sacudindo sua rede para frente e para trás defronte da janela, tentando chamar a atenção delas.

As almas compreenderam — ou, pelo menos, a alma grande e nova que havia sido Gabriel de Witt pareceu compreender e foi na direção da janela. A fila verde e luminosa formada pelas outras seguiu-a e todas saíram pela

fenda para a noite escura como se tivessem sido sugadas pelo vento.

“Graças aos céus!”, Gato pensou, ofegante, apoiando-se em sua rede de caçar borboletas. “Agora ele não vai precisar nos matar também.”

Mestre Tarântula soltou um forte brado de raiva.

— Vocês abriram a janela! Vocês quebraram os meus feitiços!

Ele fez um gesto na direção de Gato e, depois, na de Tonino. Gato sentiu uma coisa pegajosa, leve porém forte, fechar-se ao seu redor. Mal teve tempo de pensar que aquilo se parecia extraordinariamente com quando se esbarra acidentalmente numa teia de aranha, e Mestre Tarântula já estava subindo os degraus da escada. Gato e Tonino, suarentos e ofegantes e cobertos de poeira como estavam, descobriram que estavam sendo forçados a correr escada acima atrás dele.

— De agora em diante não vou deixar vocês longe da minha vista! — Mestre Tarântula ofegou enquanto irrompiam na sala.

Eles estavam andando depressa demais para Tonino, que quase caiu de cara no chão quando chegaram ao corredor. Gato segurou-o de pé enquanto Mestre Tarântula abria com violência a porta da rua, e eles saíram velozmente da casa. Lá fora a escuridão era total. Todas as casas tinham as cortinas bem fechadas e não havia postes de luz em lugar algum. Mestre Tarântula parou, ofegando com força, olhando para todos os lados como um louco.

Durante alguns segundos Gato manteve a esperança de que as almas fugidas tivessem se afastado, ou que pelo menos tivessem o bom-senso de se esconder.

Mas as almas não tinham bom-senso. Gato pensou, com tristeza: “Elas não têm cérebro para raciocinar”. Estavam pairando em grupo no final da rua, tão verdemente luminosas e fáceis de se enxergar quanto tinham sido no porão, e voando sem sair do lugar, como se estivessem discutindo o que fazer em seguida.

— Ali! — Mestre Tarântula bradou em tom de triunfo e pôs-se a correr pela rua, quase derrubando Gato e Tonino.

— Ah, fujam! Vão para um lugar seguro! — Tonino dizia baixinho enquanto iam aos tropeços pela rua.

As almas os viram no último momento possível — ou então seus não-cérebros haviam raciocinado e decidido o que fazer, Gato não sabia qual das duas coisas. De qualquer maneira, quando a rede de caçar borboletas de Mestre Tarântula fez um arco para recolhê-las, elas se ergueram numa espiral, com a alma que havia sido de Gabriel de Witt na frente, e desapareceram do outro lado do telhado na casa da esquina.

Mestre Tarântula gritou de frustração e ergueu-se no ar também. Gato e Tonino foram puxados para cima atrás dele, girando e pendendo de lado. Antes que conseguissem endireitar-se estavam sendo rebocados por cima de telhados e chaminés numa velocidade furiosa.

Quando, finalmente, Gato e Tonino seguraram-se um no outro e ambos tomaram consciência de que poderiam utilizar as suas redes de caçar borboletas para se manterem eretos no ar, eles estavam a uma velocidade ainda maior, com o vento batendo-lhes nos olhos e chicoteando-lhes os cabelos. Os dois conseguiam ver o pequeno amontoado verde das almas voando à frente deles acima de um pasto ralo com alguns jumentos e, depois, por

cima de um bosque. Havia uma enorme lua crescente que Gato não havia percebido antes, deitada de costas em meio às nuvens, que servia para realçar as almas, deixando-as ainda mais verdes e brilhantes.

— Mais depressa! — ordenou Mestre Tarântula, enquanto eles também sobrevoavam o bosque.

Gato ouviu Tonino sussurrar:

— Voem tão depressa quanto ele, voem tão depressa quanto ele.

Isso foi exatamente o que pareceu acontecer. Mestre Tarântula disse “Mais depressa!” inúmeras vezes, uma delas quando a lua desapareceu e, de repente, surgiram mais mil telhados e chaminés girando abaixo deles; novamente quando caiu uma chuva rápida e mais uma vez quando havia uma lua cheia brilhando sobre um tipo de parque abaixo deles. No entanto, o pequeno amontoado de almas verdes disparado na frente deles mantinha exatamente a mesma distância. A paisagem escura abaixo deles tornou a mudar, mas eles ainda não estavam mais perto, tampouco estavam mais distantes.

— Maldições! — ofegou Mestre Tarântula. — Elas estão viajando para o futuro. Estamos agora 150 anos à frente. Meninos, me dêem sua força, eu ordeno!

Gato sentiu sua energia jorrar de si através das teias invisíveis que o rebocavam atrás de Mestre Tarântula. Embora aquela não fosse uma sensação agradável, ela pareceu retirar um pouco do vazio em sua mente. Gato encontrou vagas recordações dardejando-lhe na cabeça enquanto eles seguiam em frente, na maioria lembranças de rostos e lugares: um castelo, um homem moreno e bem apessoado dizendo alguma coisa sarcástica, uma senhora usando luvas, um homem muito idoso deitado numa ca-

ma. E um cheiro. Em volta do homem muito velho na cama havia esse mesmo cheiro bolorento e enjoativo que Mestre Tarântula exalava com força, em lufadas, enquanto voava. Mas Gato não conseguiu organizar essas lembranças de modo a fazerem sentido. Era mais fácil perceber que as chaminés abaixo deles pareciam estar aumentando em direção à zona rural, em filas ao longo das laterais dos campos, e escutar Tonino, que ainda sussurrava sem cessar:

— Voem tão depressa quanto nós, voem tão depressa quanto nós.

— Você está usando o feitiço dele ou coisa assim?
— Gato perguntou baixinho.

— Acho que sim. Parece que me lembro de já ter feito isto antes — Tonino cochichou em resposta.

Gato achava que também se lembrava de que Tonino conseguia fazer esse tipo de coisa, mas, antes que conseguisse descobrir como sabia disso, a paisagem abaixo modificou-se, tomando outra forma. Havia agora belos postes de luz lá embaixo, árvores ladeando ruas largas e casas separadas umas das outras por jardins. A frente, o pequeno grupo de almas brilhantes passou por cima da praça de uma aldeia e, então, por cima de uma ferrovia que brilhava fracamente.

— Eu conheço este lugar! Acho que estivemos aqui hoje de manhã — Gato falou.

Quase ao mesmo tempo, Mestre Tarântula estava fazendo ruídos confusos.

— Pensei que ele estivesse levando as outras para a sua casa, mas nós já passamos por ela. Então, para onde estão indo? — perguntou a si mesmo.

Na frente deles, as almas sobrevoaram algumas árvores compridas e quase que imediatamente mergulharam por trás delas, na direção de um prédio alto com fileiras de janelas iluminadas. Ainda fazendo ruídos confusos e grunhindo por causa do esforço, Mestre Tarântula arrastou Gato e Tonino por cima dos topos das árvores, em perseguição.

Tiveram tempo de ver as almas numa fila luminosa, com a maior delas ainda na liderança, passarem pela grande porta em arco no centro da fachada do prédio. Ao ver isso, Mestre Tarântula berrou de raiva e mergulhou os três tão depressa que Gato foi obrigado a fechar os olhos. Foi ainda mais rápido do que uma queda.

Aterrissaram com certa violência no que, por sorte, era um gramado macio. Tonino e Gato recuperaram-se rapidamente, mas Mestre Tarântula estava exausto e ofegante, cambaleando de boca aberta, parecendo tão magro e curvado e o rosto com uma aparência tão abatida, que quase que poderia passar por um macaco de verdade. Eles o viam com clareza, apoiando-se em sua rede de caçar borboletas e bufando, porque havia uma forte luz acima da porta arqueada do prédio. A luz refletia-se em letras esculpidas na pedra do arco: hospital do sagrado coração.

— Um hospital! — Mestre Tarântula ofegou. — Por que elas iriam querer vir para cá? Não fiquem aí olhando para mim, seus meninos estúpidos! Temos de capturá-las!

E ele se pôs em movimento, usando a rede de caçar borboletas como bengala e resmungando:

— Ah, por que eu sempre fico tão velho quando venho ao futuro? Vamos, seus meninos danados, vamos!

Ele os arrastou através da porta, e os três entraram num corredor comprido, pintado de verde-claro e bem iluminado, obviamente num hospital, com um cheiro tão forte de desinfetante que chegava a encobrir o cheiro de Mestre Tarântula. Tanto Gato quanto Tonino ficaram extremamente conscientes de como estavam sujos. Tentaram ficar para trás. Mas perto do final do corredor estava o pequeno aglomerado de almas, de um amarelo quase transparente sob a luz forte, flutuando nervosamente perto da escada como se não conseguisse decidir o que fazer. Ao que parecia, essa visão inspirou Mestre Tarântula e lhe renovou as forças. Ele saiu galopando, abanando sua rede de caçar borboletas, e os garotos foram arrastados nesse galope.

Quando estavam na metade do corredor, uma freira saiu por uma porta carregando um recipiente hospitalar conhecido como “rim”. Era uma dessas freiras que usam uma touca feita de grandes pontas engomadas, como um navio com as velas enfunadas.

Aquela touca não ajudava uma pessoa a se desviar, mas ela desviou-se quando Mestre Tarântula veio na direção dela como um macaco selvagem de paletó preto, com Gato e Tonino obrigados a correr atrás dele. A touca da freira fez um barulho zangado enquanto ela dava um passo para trás segurando seu rim e lançava-lhes um olhar de grande curiosidade quando eles passaram.

As almas os avistaram e tomaram uma decisão. A maior delas precipitou-se para a escada e as outras a seguiram, na altura da linha verde pintada na parede. Mestre Tarântula pulou num pé só para conseguir frear, girou e pôs-se a subir a escada atrás delas. Gato e Tonino, obrigatoriamente, procederam da mesma forma.

Quando todos chegaram ao topo da escada, outra freira vinha saindo de uma porta de vaivém, mantendo-a aberta com as costas para passar uma enorme bandeja com garrafas que ela vinha segurando. As almas fizeram uma curva perfeita ao redor da touca engomada e atravessaram a porta, entrando na enfermaria. A freira não as viu. Mas viu Mestre Tarântula, com o rosto estirado numa careta de esforço, vindo em direção à porta como um macaco enlouquecido e atrás dele dois meninos sujos, suarentos e cheios de teias de aranha. Ela deixou cair a bandeja e soltou um berro.

Mestre Tarântula empurrou-a para o lado e irrompeu na enfermaria, arrastando os meninos consigo.

Estavam num aposento comprido, pouco iluminado, com uma fileira de leitos de cada lado. As almas, formando o seu grupo costumeiro, estavam mais ou menos no centro do aposento, pairando cautelosamente. Mas a enfermaria não estava silenciosa. Gato teve a estranha impressão de que eles acabavam de invadir um galinheiro. O ar estava cheio de estranhos cacarejos.

Ele precisou de um segundo para descobrir que os cacarejos vinham de pequenos berços brancos enganchados na extremidade de cada leito. As ocupantes dos leitos eram mulheres, todas com aparência exausta, e em cada berço havia um bebê recém-nascido minúsculo, enrugado, de rostinho vermelho — pelo menos havia dois deles no berço mais perto de Gato —, e eram os bebês quem estavam fazendo barulho, cada vez mais bebês, pois o berro da freira, somado ao estrondo da bandeja caindo no chão, seguido pelo grito de raiva que Mestre Tarântula soltou enquanto rebocava Gato e Tonino ao longo do corredor entre os leitos, acordou cada um dos bebês.

— Estamos na ala da maternidade — disse Gato, desejando poder sair correndo dali.

Tonino estava horrivelmente sem fôlego, mas conseguiu sorrir.

— Eu sei. As almas estão sendo inteligentes afinal. Mestre Tarântula gritava:

— Segurem essas almas! Não deixem que elas entrem nos bebês! Se fizerem isso, ficarão fora do meu alcance para sempre!

Ele jogou-se sobre o punhado de almas com sua rede de caçar borboletas em riste.

As almas pareciam mesmo estar, finalmente, demonstrando inteligência. Quando Mestre Tarântula jogou-se sobre elas, elas se elevaram em grupo acima da rede e separaram-se em oito direções diferentes. Durante mais ou menos um segundo, Mestre Tarântula, sacudindo a rede e gritando, conseguiu manter a maioria delas no ar, mas duas delas mergulharam atrás dele.

Como um par de estrelas cadentes, a folha de hera e a folha de figueira desceram na direção de dois dos berços. Cada uma parou por um momento acima de um bebê chorando e, então, desceram suavemente e entraram na boca escancarada de cada bebê. E desapareceram. Um ar de grande surpresa cruzou o rosto dos dois bebês. Então eles passaram a chorar ainda mais alto, com o rosto contorcido, sacudindo os bracinhos no ar. Gato imaginou que devia ser uma sensação muito estranha a de uma pessoa descobrir que de repente tinha duas almas, mas ele não via qualquer efeito ruim. E era um lugar perfeito para esconder-se de Mestre Tarântula. Ele cutucou Tonino.

— Acho que é melhor ajudarmos as almas.

Tonino assentiu. Eles seguiram pelo corredor exatamente quando as coisas começaram a ficar difíceis. Mestre Tarântula corria de um lado para outro tentando encaixar as almas que fugiam, e a maioria das novas mães, mesmo exaustas como estavam, começavam a sentar-se na cama e a protestar. Pelo jeito não conseguiam enxergar as almas, mas conseguiam ver muito bem Mestre Tarântula.

— Que é que pensa que está fazendo? — várias mulheres perguntaram em tom zangado.

Uma delas disse:

— Não vou deixar esse louco chegar perto do meu bebê! Ela pegou no berço o bebê que chorava e apertou-o junto ao peito, exatamente quando a alma em forma de folha de bordo estava pairando acima dele. A folha de bordo foi obrigada a voar para o berço ao lado, onde a rede de caçar borboletas de Mestre Tarântula por um triz não a pegou.

— É um lunático! Toque a campainha pedindo ajuda! — disse uma das mães.

— Já toquei. Toquei duas vezes — respondeu uma mãe na cama em frente.

— Que coisa horrível! — reclamaram várias mães.

E outras tantas gritaram com Mestre Tarântula para sair ou elas chamariam a polícia.

Enquanto isso, uma alma após a outra escapava de Mestre Tarântula e desaparecia dentro dos bebês. A essa altura, só haviam sobrado duas — a mais nova e a mais antiga. A folha mais antiga ainda estava atrofiada, embora parecesse ter crescido um pouco, mas estava evidentemente confusa e fraca. Todos os esforços dela para entrar num bebê eram lentos e tímidos, e, cada vez que Mestre Tarântula passava sua rede de caçar borboletas perto dela,

tudo o que ela conseguia fazer era esvoaçar para o alto, onde a folha mais nova e maior pairava, talvez tentando dizer à folha antiga o que fazer.

A folha antiga tornou a baixar, timidamente, enquanto Gato e Tonino corriam para ajudá-la. Mestre Tarântula voltou correndo para capturá-la, mas estacou tão de repente que quase perdeu o equilíbrio quando as portas da enfermaria abriram-se ruidosamente e uma voz apavorante perguntou:

— E qual é, se me faz favor, o significado disto?

Era a Madre Superiora. Não era necessário ver a enormidade da sua touca engomada, a severidade do seu hábito azul-escuro, a grande cruz de prata pendendo da sua cintura ou até mesmo os seus 1,80m de estatura, para saber quem e o que ela era. Isso era óbvio. Tal era o poder da sua personalidade que, enquanto ela avançava pela enfermaria, quase todos os bebês pararam de chorar.

A alma grande que havia sido Gabriel de Witt apressou-se a mergulhar de perto do teto e bem a tempo desapareceu dentro do único bebê que ainda chorava. As mães que estavam sentadas deitaram-se depressa, e a que havia apanhado seu filho apressou-se a devolvê-lo para o berço e a deitar-se também. Gato e Tonino, sentindo-se tão culpados quanto o resto, ficaram imóveis e tentaram parecer que estavam simplesmente visitando um irmão recém-nascido. Mestre Tarântula ficou boquiaberto, como se a Madre Superiora tivesse lhe lançado um feitiço. Mas Gato achava que não era coisa de magia. Quando o olhar gelado da Madre Superiora passou por ele, o menino constatou que era pura personalidade. Sua vontade era de afundar-se no chão.

A Madre Superiora dirigiu-se a Mestre Tarântula.

— Não quero saber o que você está fazendo aqui, meu bom homem. Quero simplesmente que você pegue a sua rede de caçar borboletas e seus moleques imundos e saia. Agora.

— Muito bem, senhora — disse Mestre Tarântula, amedrontado. Seu rosto peludo de macaco estava contorcido de culpa.

Por um instante parecia que ele ia obedecer e ir-se embora. Mas a velha alma atrofiada, que estava esvoaçando, desesperada, perto do teto, decidiu, de repente, que a Madre Superiora era quem ia colocá-la em segurança. Desceu num incerto vôo em espiral e pousou na grande touca branca, onde se aninhou, frágil e trêmula, na ponta mais elevada. Mestre Tarântula, com seus olhos redondos de macaco, fixou nela um olhar ansioso.

— Vá embora, meu bom homem — insistiu a Madre Superiora. Mestre Tarântula franziu o rosto. Gato ouviu-o resmungar:

— Vou pegar pelo menos essa aí. — Ele fez um de seus gestos misteriosos e disse: — Fique parada.

A Madre Superiora ficou imediatamente rígida e imóvel como uma estátua. A maior parte dos bebês começou a chorar novamente.

— Ótimo! — exclamou Mestre Tarântula. — Nunca gostei de freiras. Criaturas carolas e perversas.

Ele ficou na ponta dos pés para pegar com sua rede de caçar borboletas a velha alma em seu poleiro. Mas a ponta da touca da Madre Superiora estava elevada demais para ele. O tecido engomado estalou quando ele o atingiu, e a própria Madre Superiora oscilou, e a alma, em vez de ser recolhida pela rede, foi lançada de lado para dentro do

berço que continha os dois gêmeos. Ambos estavam berando nesse momento.

Gato viu com alívio o mergulho da alma, mas não conseguiu enxergar em qual dos dois gêmeos ela entrara, porque Mestre Tarântula empurrou-o para o lado com fúria e tentou soltar o berço do leito.

— Pelo menos com esta aqui eu vou ficar! — gritou. — Vou começar tudo de novo, mas já terei uma!

— Não vai não! — gritou por sua vez a mãe dos bebês gêmeos. Ela saltou da cama e avançou sobre Mestre Tarântula. Era uma mulher gigantesca. Tinha braços enormes, que pareciam ter arado e revolvido a terra de muitos campos, feito muita massa de pão e esfregado muita roupa no tanque, até ficarem mais fortes do que os braços da maioria dos homens. O resto dela estava dentro de uma camisola imensa com um babado em volta da gola, e em cima do babado havia um rosto surpreendentemente belo e muito decidido.

Gato deu uma olhada para ela e, respeitosamente, entregou-lhe sua rede de caçar borboletas quando ela passou por ele. A Madre Superiora fez um gesto de agradecimento e, sem perceber, não a pegou pelo cabo, mas pela rede em si.

— Solte esse berço ou então vou fazer você se arrepender muito — ameaçou.

Mestre Tarântula tornou a engancha o berço na cama e recuou.

— Vamos ser razoáveis, madame — disse, com sua voz mais melosa e conciliadora. — A senhora tem aqui dois belos bebês. Suponhamos que eu lhe dê uma moeda de ouro pelo par.

— É a coisa mais nojenta que já ouvi na minha vida! — a mulher exclamou e, segurando o cabo da rede de caçar borboletas com as duas mãos, avançou sobre Mestre Tarântula.

O feiticeiro só teve tempo de gritar: — Duas moedas então!

Quando o cabo da rede atingiu a cabeça de Mestre Tarântula, ouviu-se um estalo e um assobio. O chapéu dele voou longe, revelando o couro cabeludo marrom, e ele cambaleou para o lado, guinchando. Cambaleou mais um pouco e caiu em cima da Madre Superiora. Gato e Tonino só tiveram de se encostar nela para mantê-la de pé, enquanto Mestre Tarântula, aos uivos, deslizava para o chão à sua frente.

Quando ele caía, sua cabeça nua atingiu a cruz de prata que pendia da cintura da Madre Superiora. Ouviu-se um estalo estranho, seguido de um cheiro forte. Mestre Tarântula estremeceu inteiro e atingiu o chão com um ruído oco. Gato viu aquela coisa marrom morta, tão seca e enrugada que poderia passar por um macaco mumificado. Parecia ter morrido havia muitos séculos.

O primeiro ato de Gato foi olhar em volta ansiosamente em busca de qualquer sinal da alma de Mestre Tarântula. Não queria que ela entrasse em algum bebê. Porém, ao que parecia, se Mestre Tarântula havia tido uma alma, ela já partira muito tempo antes. Gato não conseguia enxergá-la nem senti-la. Então, ele tornou a olhar para a coisa marrom mumificada e pensou, estremecendo: “Se um feiticeiro do mal é assim, não quero ser nada parecido com isso!” Nesse ponto, ele constatou que se lembrava de quem era e de que era um feiticeiro. De repente, ele se viu

tão dominado por sentimentos e recordações que não conseguia mover-se.

Em volta dele todos os bebês estavam chorando com força total, e a maioria das mães estava aplaudindo. A mãe dos gêmeos estava sentada na cama dizendo que estava se sentindo esquisita.

— Não é para menos! — exclamou a Madre Superiora. — Você agiu muito bem, minha cara. Um belo golpe certo, um dos melhores que já vi.

Do outro lado da Madre Superiora, Tonino estava fazendo aquilo que Gato, segundo este percebeu, já devia estar fazendo horas antes: gritando o mais alto que conseguia com sua voz forte e clara:

— Crestomanci! Crestomanci! Venha cá, depressa!

Houve uma rajada de ar morno em movimento, como quando passa um trem, combinado com um estranho cheiro condimentado vindo de outro universo, e ali estava Crestomanci, de pé na enfermaria, quase que cara a cara com a Madre Superiora.

O efeito foi extremamente estranho. Parecia que o Conselho dos Magos exigia que Crestomanci usasse uma fina túnica branca até a altura dos quadris e calça preta bem bufante. Aquele traje o deixava aparentemente bem mais alto do que a Madre Superiora e bastante mais magro.

— Ah, Madre Jannissary, boa noite. Nós nos conhecemos no ano passado, creio — cumprimentou ele.

— Na conferência canônica, não foi? E meu nome é Madre Justínia — respondeu a Madre Superiora. — Estou muito contente em vê-lo, Sir Christopher. Parece que temos um probleminha aqui.

— É o que estou vendo.

Crestomanci baixou os olhos para os restos mortais de Mestre Tarântula e em seguida olhou para Gato e Tonino. Depois disso, seu olhar passeou pela enfermaria, os bebês chorando e as mães olhando para ele, e seu rosto começou a assumir sua expressão mais perplexa.

— Parece que não é mais hora de visitas no hospital. Talvez alguém queira me dizer por que estamos todos aqui — disse.

Ele franziu a testa e fez um gesto curto, diante do qual todos os bebês pararam de chorar e adormeceram tranqüilamente.

— Assim é melhor — ele comentou. — Tonino, explique você.

Tonino explicou, muito bem e com muita clareza. Houve várias ocasiões em que Gato poderia ter interrompido para alongar alguma explicação, porém ele preferiu não dizer coisa alguma, pois estava muito envergonhado. Não apenas pelo fato de que ele, um feiticeiro de nove vidas, tivesse deixado Mestre Tarântula lançar um feitiço que o fizera esquecer quem era — e ele sabia que devia ter percebido o feitiço; certamente havia acontecido dentro do táxi velho — mas também pelo fato de que ele, Gato, estivesse tão ocupado ficando com raiva de Tonino que por sua causa quase que os dois foram mortos.

Ele se sentia ainda pior porque Tonino insistia em dizer que Gato havia se comportado bem e que Gato havia conseguido fazer mágicas apesar dos feitiços de Mestre Tarântula. Gato achava que nenhuma das duas coisas era verdadeira. O melhor que se poderia dizer dele era que ele estava contente por ter sentido pena das almas aprisionadas e ter tido vontade de ajudá-las. E, supunha ele, estava contente por descobrir que, afinal de contas, Tonino gos-

tava dele. Tonino havia ficado tão calmo e tão forte o tempo todo; era uma companhia perfeita. E ele suspeitava de que a magia de reforço de Tonino havia funcionado duas vezes mais do que a dele.

— Então Gabriel de Witt está morto — Crestomanci comentou com tristeza.

— Na verdade, não. Ele está por aqui, em algum lugar — Tonino corrigiu, indicando com um gesto os bebês adormecidos.

— Ah, sim, mas imagino que ele, ou ela, não saiba quem é agora — Crestomanci respondeu. Ele suspirou. — Então Neville Tarântula estava escondido numa bolha de tempo juntando as almas de todos os Crestomancis, certo? E provavelmente matando aprendizes para prolongar sua própria vida enquanto esperava. Por sorte ele seqüestrou vocês dois. Nunca o pegaríamos se não fosse isso. Mas agora que o pegamos, acho melhor nos livrarmos do que sobrou dele. Parece contagioso. Quantos anos tem este hospital? — ele perguntou à Madre Superiora.

— Uns 70 anos — ela respondeu, um pouco surpresa.

— E o que é que havia aqui antes de construírem o hospital, a senhora sabe? — prosseguiu Crestomanci.

Ela deu de ombros, sacudindo a touca.

— Só campos verdes, acho.

— Ótimo. Então posso mandá-lo de volta no tempo sem movê-lo. Vai ser um pouco chato para a pessoa que tropeçar nele no campo, mas esse lugar combina com o que eu me lembro. Supunha-se que ele tivesse sido encontrado morto numa vala em algum lugar perto de Dulwich. Por favor, todo mundo pode dar um passo para trás?

Gato, Tonino e Madre Justínia recuaram um passo. Antes de terem terminado o movimento, um brilho azul apareceu em volta da coisa no chão que parecia um macaco e Neville Tarântula desapareceu. Então surgiu uma poça, que logo se evaporou, com um forte cheiro de hospital.

— Desinfetante — Crestomanci explicou. — Agora, ainda temos de recuperar oito almas. Gato, você consegue se lembrar dos bebês onde as almas entraram?

Gato ficou mais envergonhado do que nunca. Todos os bebês lhe pareciam iguais. E tinha sido tudo uma confusão tão grande, com as almas voando em todas as direções...

— Não faço idéia — confessou. — Um dos gêmeos, mas não sei qual dos dois. Só isso.

— Todas foram para todos os lados — Tonino explicou. — Será que as mães deles não sabem?

— A maior parte das pessoas não consegue enxergar almas. É preciso ter magia. Ah, muito bem. Vamos ter de fazer isso da maneira difícil.

Ele virou-se e estalou os dedos. O rapaz que trabalhava como secretário de Crestomanci entrou em existência com um salto, a certa distância deles. Era evidente que ele não estava acostumado com esse tipo de chamado. Estava dando um nó em sua gravata borboleta, e quase que a deixou cair. Gato o viu olhando para as mães, os bebês e a Madre Superiora, e depois para os garotos imundos e desgrehados, tentando aparentar que via essas coisas todos os dias.

— Tom, tenha a bondade de passar de mãe em mãe anotando os nomes e endereços de todas e dos bebês, sim? — Crestomanci pediu-lhe.

— Certamente, senhor — Tom respondeu, tentando parecer eficiente e estar entendendo tudo.

Algumas das mães pareceram indignar-se ao ouvir isso, e Madre Justínia perguntou:

— É realmente necessário? Aqui gostamos de manter essas coisas confidenciais.

— É absolutamente necessário — Crestomanci afirmou. Ele aumentou o tom de voz, para que todas as mães conseguissem ouvi-lo. — Alguns dos seus bebês vão crescer com uma magia muito poderosa. E podem ter lembranças estranhas também, que poderiam assustar tanto vocês quanto eles. Queremos estar em condições de ajudá-los se isso acontecer. Queremos também ensiná-los a maneira apropriada de usar essa magia. Mas, como nenhum de nós sabe quais são as crianças que terão esses dons, seremos obrigados a manter contato com todas vocês. Assim, daremos a cada bebê uma bolsa de 500 libras por ano até completarem 18 anos. Isso as faz sentirem-se melhor?

— O senhor está dizendo que nossos filhos receberão o dinheiro tendo ou não tendo magia? — alguém perguntou.

— Exatamente. É claro que eles só receberão o dinheiro quando forem ao Castelo Crestomanci uma vez por ano para os testes de magia.

— Pode ser que o meu tenha magia de qualquer maneira. O pai da minha mãe... — murmurou uma das mães.

A mãe dos gêmeos disse:

— Bem vou aceitar o dinheiro. Estava desesperada, sem saber como dar-lhes tudo de que necessitam. Não imaginava que seriam gêmeos. Muito obrigada, senhor.

— É um prazer, senhora — disse Crestomanci, fazendo uma reverência para ela. — Tom vai dar a vocês mais detalhes.

Tom, que acabara de conjurar um bloco e uma caneta, ao ouvir isso, mostrou-se assustado. Crestomanci ignorou-o.

— Ele consegue. É para isso que é pago — disse a Gato. — Você e Tonino parecem precisar de um banho e uma boa refeição. Vou levar vocês dois para casa.

— Mas... — Gato começou.

— Mas o quê? — interrompeu Crestomanci.

Gato não sabia como exprimir a vergonha que estava sentindo. Tinha quase certeza de que estivera começando a transformar-se em alguém como Neville Tarântula, mas não ousava dizer isso a Crestomanci.

— Eu não mereço — disse.

— E os gêmeos não merecem 500 libras por ano — Crestomanci respondeu com bom humor. — Não sei o que está mordendo você, Gato, mas me parece que você conseguiu se sair muito bem numa situação perigosa sem pensar que poderia usar a magia para ajudá-lo. Pense nisso.

Ao lado de Gato, Tonino soltou uma exclamação. Gato ergueu os olhos do chão e constatou que eles estavam no grande vestíbulo central do Castelo de Crestomanci, de pé sobre a estrela de cinco pontas abaixo do lustre. Millie descia correndo a escadaria de mármore para recebê-los.

— Ah, você os encontrou! — disse. — Eu estava tão preocupada! Mordecai telefonou para dizer que colocou os dois num táxi que desapareceu no final da rua. Ele

estava terrivelmente perturbado. E Gabriel de Witt morreu esta manhã, você já soube?

— Mais ou menos — Crestomanci respondeu. — De certa maneira, Gabriel de Witt está totalmente conosco. — Ele olhou de Millie para Gato e Tonino. — Ora, ora. Todo mundo parece estar exausto. Já sei. Depois que o surto de sarampo acabar, posso pedir emprestada uma casa no sul da França. Com piscina. Tonino pode ir de lá para a Itália. Gostaria disso, Tonino?

— Sim, mas não sei nadar.

— Nem eu. Mas nós dois podemos aprender — disse Gato. Tonino sorriu para ele, e Gato ficou feliz ao descobrir que ainda gostava de Tonino, e bastante.



O centésimo sonho de Carol Oneir

*

Carol Oneir era a sonhadora campeã de vendas mais jovem do mundo. Os jornais a apelidaram de Jovem Gênio. Suas fotografias apareciam regularmente em todos os jornais diários e nas revistas mensais, fosse sentada sozinha numa poltrona com olhar melancólico, fosse amorosamente aninhada nos braços de Mamãe.

Mamãe tinha muito orgulho de Carol. O mesmo sentiam os donos da Editora Sonhos Mágicos Ltda. Eles vendiam os produtos dela em grandes garrafas de gênio em vidro azul-brilhante com uma fita de cetim cor de cereja; mas podia-se também comprar o Travesseiro Total Carol Oneir, rosa-bombom e com formato de coração; a revista Quadrinhos de Sonho de Carol; a Faixa para Chapéu Sonho de Carol Oneir; a Pulseira de Berloques Carol Oneir; e mais uns 50 subprodutos.

Carol havia descoberto, aos sete anos de idade, que era uma dessas pessoas que têm a sorte de poder controlar aquilo que vai sonhar e, então, despregam o sonho da mente para que um bruxo competente possa gravá-lo e engarrafá-lo para o deleite de outras pessoas. Carol adorava sonhar. Tinha fabricado não menos do que 99 sonhos. Adorava toda aquela atenção e todas as coisas caras que Mamãe tinha condições de lhe comprar. Assim, foi para ela um golpe terrível quando se deitou certa noite para começar a sonhar o seu centésimo sonho, e nada de nada aconteceu.

Foi um golpe terrível também para Mamãe, que tinha acabado de encomendar um café da manhã com champanhe para comemorar a Centena de Sonhos de Carol. A Editora Sonho Mágico Ltda. ficou tão aflita quanto a mãe de Carol. O Sr. Ploys, da editora, tão bonzinho, levantou-se de madrugada e foi até Surrey no primeiro trem. Ele acalmou Mamãe, acalmou Carol e convenceu-a a deitar-se e tentar novamente sonhar. Mas Carol, ainda assim, não conseguiu sonhar. Durante a semana seguinte ela tentou todas as noites, mas não conseguiu sonhar — nem mesmo o tipo de sonho que as pessoas comuns sonham.

A única pessoa que recebeu a notícia com calma foi Papai. Ele saiu para pescar assim que a crise começou. O Sr. Ploys e Mamãe levaram Carol aos melhores médicos, para o caso de Carol estar exausta ou doente. Mas ela não estava. Então Mamãe levou Carol à rua dos médicos famosos de Londres para consultar Herman Mindelbaum, o renomado mago da mente. Mas o Sr. Mindelbaum também não conseguiu achar alguma coisa de errado. Ele disse que a mente de Carol estava em perfeita ordem e que a

autoconfiança dela era surpreendentemente alta, considerando as circunstâncias.

No carro, indo para casa, Mamãe chorou e Carol soluçou. O Sr. Ploys disse freneticamente:

— Aconteça o que acontecer, não podemos deixar que qualquer detalhe dessa notícia vaze para os jornais!

Naturalmente, porém, era tarde demais. No dia seguinte, todos os jornais traziam manchetes dizendo: Carol Oneir consulta especialista mental; e será que Carol esgotou sua capacidade de sonhar? Mamãe caiu em lágrimas de novo, e Carol não conseguiu tomar o café da manhã.

Na tarde desse dia, quando Papai voltou da pescaria, encontrou repórteres sentados em fileiras nos degraus da varanda. Ele abriu caminho educadamente por entre eles, utilizando o seu caniço de pesca, dizendo:

— Não há motivo algum para ficarem tão interessados. Minha filha está simplesmente muito cansada, por isso vamos levá-la para um descanso na Suíça.

Quando ele, finalmente, conseguiu entrar em casa, disse:

— Estamos com sorte. Consegui arranjar um perito para examinar Carol.

— Não seja bobo, meu bem. Nós consultamos o Sr. Mindelbaum ontem — soluçou Mamãe.

— Sei disso, meu bem. Mas mencionei um perito, não um especialista — Papai esclareceu. — Sabe, na escola estudei com Crestomanci. Isso foi há muito tempo, quando nós dois éramos mais novos que a Carol. Aliás, ele perdeu sua primeira vida porque eu lhe dei uma paulada na cabeça com um bastão de críquete. Agora, é claro que, sendo um feiticeiro de nove vidas, ele é muito mais importante do que Carol, e tive muita dificuldade em conseguir

falar com ele. Eu tinha medo de que ele não quisesse se lembrar de mim, mas ele quis. Disse que podia examinar Carol. O problema é que ele está de férias no sul da França e não quer que o lugar fique cheio de jornalistas...

— Vou cuidar disso tudo — interveio o Sr. Ploys com alegria. — Crestomanci! Sr. Oneir, estou impressionado. Estou sem fala!

Dois dias depois, Carol e seus pais, juntamente com o Sr. Ploys, entraram num vagão-dormitório de primeira classe no trem Expresso Suíço do Oriente. Os repórteres também entraram, em vagões-dormitório da segunda classe ou em vagões de poltronas na terceira, e a eles juntaram-se repórteres franceses e alemães, que ficaram de pé nos corredores. O trem repleto de passageiros percorreu o território francês até que, no meio da noite, chegou a Estrasburgo, onde sempre acontecia muito remanejamento de vagões. O vagão de Carol, onde ela e seus pais estavam adormecidos, foi separado e preso ao final do trem Flecha Dourada da Riviera, e o Expresso Suíço do Oriente seguiu para Zurique sem ela.

O Sr. Ploys continuou no trem para a Suíça. Ele disse a Carol que, embora fosse na realidade um mágico de sonhos, ainda assim tinha habilidade suficiente para manter os jornalistas pensando que Carol ainda estivesse no trem.

— Se Crestomanci quer ter privacidade, eu perderia o emprego se deixasse um repórter chegar perto dele — acrescentou.

Quando os repórteres descobriram o truque, Carol e os pais já haviam chegado ao balneário de Teignes na Riviera Francesa. Ali, Papai, não sem um olhar cobiçoso ao cassino, arrumou seus caniços e foi pescar. Mamãe e

Carol pegaram um táxi puxado a cavalo e subiram o morro até o bangalô onde Crestomanci estava hospedado.

Para esse encontro elas haviam vestido seus melhores trajes. Nenhuma delas já havia conhecido alguém que fosse mais importante do que Carol. Ela agora estava usando cetim azul franzido da mesma cor das suas garrafas de gênio, com não menos do que três anáguas de renda bordada à mão sob o vestido. Calçava botinas de botões combinando e uma fita azul nos cabelos cuidadosamente cacheados, e segurava uma sombrinha de cetim azul. Usava também o seu pendente de diamante em forma de coração, seu broche com a palavra Carol escrita com brilhantes, suas duas pulseiras de safira e todos os seus seis braceletes de argolas de ouro. Sua bolsa de cetim azul tinha um fecho de diamantes em forma de dois cês. Mamãe estava ainda mais vistosa num vestido parisiense cor de cereja, chapéu cor-de-rosa e todas as suas esmeraldas.

Elas foram levadas a um terraço por uma mulher de aspecto bastante comum que, como Mamãe cochichou a Carol por trás do leque, estava realmente vestida exageradamente para uma criada. Carol sentiu inveja do leque de Mamãe.

Havia tantas escadas para chegar ao terraço que ela ficou acalorada demais para falar, quando chegaram lá. Deixou Mamãe soltando exclamações diante da linda paisagem. Dali era possível ver o mar e a praia, bem como as ruas de Teigne. Segundo os comentários de Mamãe, o cassino parecia encantador e o campo de golfe, tão tranqüilo! No outro lado, pouco abaixo do terraço, ficava a piscina particular do bangalô. Ela estava cheia de crianças pulando

e gritando, e, na opinião de Carol, era uma coisa que estragava a paisagem.

Crestomanci estava sentado numa espreguiçadeira. Ele ergueu os olhos e pestanejou quando elas se aproximaram. Então, aparentemente, lembrou-se de quem elas eram e ficou de pé muito educadamente para apertar-lhes a mão. Estava usando um terno de seda natural lindamente cortado. Com um único olhar Carol percebeu que aquele terno havia custado pelo menos tanto quanto o vestido parisiense de Mamãe. Mas o seu primeiro pensamento ao ver Crestomanci foi: “Ora, ora, ele é duas vezes mais bonito do que Francis!” Ela afastou depressa esse pensamento e escondeu-o bem fundo. Ele pertencia aos pensamentos que ela nunca havia dito sequer à Mamãe. Mas isso significava que ela descartava Crestomanci por ser tão alto, por ter cabelos tão negros e olhos negros tão brilhantes. Ela sabia que ele não seria uma ajuda maior do que a do Sr. Mindelbaum, e o Sr. Mindelbaum lhe lembrara Melville.

Enquanto isso, Mamãe estava segurando a mão de Crestomanci entre as duas mãos dela e dizendo:

— Oh, senhor! É muita bondade sua interromper suas férias por causa de nós! Mas quando o Sr. Mindelbaum não conseguiu descobrir o que está impedindo os sonhos dela...

— É um prazer — disse Crestomanci, tentando desvencilhar a mão. — Para ser franco, fiquei intrigado por ser um caso que nem mesmo Mindelbaum conseguiu resolver. — Ele fez um sinal à criada que as trouxera até o terraço. — Millie, você acha que poderia levar a Sra.... hã... O’Dear lá para baixo enquanto converso com Carol?

— Não há necessidade disso, senhor — Mamãe interveio, sorrindo. — Eu sempre vou a toda parte com a minha queridinha. Carol sabe que vou ficar sentada bem quieta, sem interromper.

— Não é de espantar que Mindelbaum não tenha chegado a lugar algum — Crestomanci murmurou.

Então (Carol, que tinha tanto orgulho de ser muito observadora, nunca conseguiu ter certeza de como isso aconteceu), de repente, Mamãe não estava mais no terraço. A própria Carol estava sentada em uma das duas espreguiçadeiras, de frente para a que Crestomanci se encontrava acomodado, escutando a voz de Mamãe vir fluindo de algum lugar no andar de baixo.

— Nunca deixo Carol sozinha, seja onde for. Ela é minha pérola...

Crestomanci recostou-se confortavelmente e cruzou as pernas elegantes.

— Agora, tenha a bondade de me dizer exatamente o que você faz quando fabrica um sonho.

Aquilo era uma coisa que a essa altura Carol já havia feito centenas de vezes. Ela sorriu graciosamente e começou:

— Primeiro eu fico com uma sensação na cabeça, que significa que um sonho está pronto para acontecer. Os sonhos vêm quando querem, o senhor sabe, e não há um modo de parar ou evitar um sonho. Então eu digo para Mamãe e nós duas subimos para o meu boudoir, onde ela me ajuda a me acomodar no sofá especial que o Sr. Ploys fez para mim. Então, Mamãe faz funcionar o carretel do gravador e sai na ponta dos pés, e eu adormeço ouvindo o murmúrio dele. Então o sonho se apossa de mim...

Ao que parecia, Crestomanci não tomava notas, como faziam o Sr. Mindelbaum e os repórteres; e não a incentivava com gestos de cabeça, como o Sr. Mindelbaum. Ele simplesmente ficou olhando vagamente para o mar. Na opinião de Carol, o mínimo que ele podia fazer era mandar aquelas crianças na piscina calarem a boca. A algazarra era tamanha que ela quase que precisava gritar. Carol achou que ele estava sendo muito indelicado, mas continuou:

— Aprendi a não ficar com medo e ir aonde o sonho me leva. É como uma viagem de descoberta...

— Quando é isso? — Crestomanci interrompeu em tom casual. — Esses sonhos acontecem à noite?

— Podem acontecer a qualquer hora. Se um sonho está pronto, posso ir para o meu sofá e adormecer durante o dia — ela explicou.

— Que coisa tão útil — Crestomanci murmurou. — Quer dizer que durante uma aula chata você pode levantar a mão e dizer “Por favor, posso ir ter um sonho?” Deixam você ir para casa?

— Eu devia ter explicado que Mamãe contrata professores para me ensinarem em casa, para que eu possa sonhar toda vez que precisar — Carol relatou, esforçando-se para manter sua dignidade. Continuou: — É como uma viagem de descobertas, às vezes em cavernas subterrâneas, às vezes em palácios nas nuvens...

— Sei. E durante quanto tempo você sonha? Seis horas? Dez minutos? — Crestomanci interrompeu novamente.

— Mais ou menos meia hora — Carol respondeu. — Às vezes nas nuvens, ou talvez nos mares do sul. Nun-

ca sei aonde irei ou a quem vou conhecer em minha viagem...

— Você termina um sonho inteiro em meia hora?
— Crestomanci interrompeu mais uma vez.

— Claro que não. De vez em quando os meus sonhos duram mais de três horas — Carol declarou. — Quanto às pessoas que encontro, elas são estranhas e maravilhosas...

— Então você sonha em episódios de meia hora — disse Crestomanci. — E suponho que tenha de retomar um sonho exatamente onde o deixou no final da meia hora anterior.

— É óbvio que sim. As pessoas devem lhe ter dito... Eu consigo controlar meus sonhos! E trabalho melhor em intervalos regulares de meia hora. Gostaria que o senhor não ficasse interrompendo quando estou fazendo todo o possível para lhe dizer!

Crestomanci afastou os olhos do mar e virou-se para olhar para ela. Parecia surpreso.

— Minha cara jovem, você não está fazendo todo o possível para me dizer. Eu leio os jornais, sabia? Você está passando para mim exatamente a mesma lengalenga que passou para o The Times, o Croydon Gazette e o People's Monthly e, sem dúvida, para o coitado do Mndelbaum também. Está me dizendo que os seus sonhos chegam sem convite, mas tem um sonho de meia hora todos os dias. Disse também que nunca sabe onde vai estar quando entra no sonho ou o que vai acontecer, mas consegue controlar perfeitamente os seus sonhos. Tudo isso junto não pode ser verdade, pode?

Carol deslizou os braceletes de argola ao longo do braço para cima e para baixo e tentou manter a paciência.

Isso era difícil de fazer com o sol tão quente e a algazarra que vinha da piscina. Ela pensou seriamente em rebaixar Melville e fazer de Crestomanci o vilão em seu próximo sonho — até lembrar-se de que podia não haver um próximo sonho a não ser que Crestomanci a ajudasse.

— Não estou entendendo — declarou.

— Então vamos conversar sobre os sonhos em si — disse Crestomanci. Ele apontou para os degraus que desciam para a água muito azul da piscina. — Ali está a minha pupila, Janet. Ela é a garota loura que os outros estão empurrando para fora do trampolim. Ela adora os seus sonhos. Tem todos os 99. Mas tenho a impressão de que Julia e os garotos não acham a menor graça nisso. Eles dizem que os seus sonhos são bobos e todos exatamente iguais.

Naturalmente Carol ficou profundamente magoada com o fato de que alguém pudesse chamar os seus sonhos de bobos, mas era suficientemente esperta para ficar de boca fechada. Ela sorriu graciosamente para o grande repuxo de água que era tudo o que conseguia ver de Janet.

— Janet espera poder conhecer você mais tarde — Crestomanci continuou.

O sorriso de Carol alargou-se. Ela adorava conhecer os admiradores dela.

— Quando eu soube que você vinha, peguei emprestado de Janet o Travesseiro Total mais recente.

O sorriso de Carol estreitou-se. Crestomanci não lhe parecia ser o tipo de pessoa que apreciaria os sonhos dela.

— Gostei — Crestomanci confessou.

O sorriso de Carol tornou a alargar-se. Ótimo!

— Julia e os meninos, porém têm razão, você sabe — Crestomanci prosseguiu. — Os seus finais felizes são bem bobinhos, e o mesmo tipo de coisas acontece em todos eles.

Diante disso, o sorriso de Carol estreitou-se consideravelmente.

— Mas são muito movimentados. Existe muita ação, e muita gente também — disse Crestomanci. — Gosto de todas aquelas multidões, aquilo que as orelhas dos seus livros chamam de seu “elenco de milhares”, mas devo confessar que não acho que os seus cenários sejam muito convincentes. O cenário árabe no sonho número 96 era horrível, mesmo levando em conta a sua pouca idade. Por outro lado, o seu Parque de Diversões no sonho mais recente parecia mostrar as qualidades de um dom verdadeiro.

A essa altura, o sorriso de Carol alargava-se e se estreitava como as ruas de Dublin, como são vistas em Fair City, a famosa novela da televisão irlandesa. Ela quase foi pega distraída quando Crestomanci observou:

— E embora você nunca apareça em pessoa nos seus sonhos, alguns personagens reaparecem muitas vezes. Com vários disfarces, naturalmente. Calculo que existam uns cinco ou seis atores ao todo.

Aquilo estava chegando perto demais das coisas que Carol jamais havia revelado, nem mesmo para Mãe. Felizmente alguns repórteres haviam feito a mesma observação.

— Os sonhos são assim — disse ela. — E eu sou apenas o Olho Que Vê.

— Exatamente como você disse ao Manchester Guardian, se é isso que eles queriam dizer com Oyo Kave

— Crestomanci concordou. — Agora estou vendo que deve ter sido um erro de impressão.

Ele se mostrava muito vago e, para alívio de Carol, parecia não perceber-lhe a aflição.

— Agora, sugiro que chegou a hora de você adormecer e me deixar ver o que aconteceu para mandar um centésimo sonho seu tão ruim que você se recusou a gravá-lo.

— Mas nada saiu errado! Eu simplesmente não sonhei! — Carol protestou.

— É o que você diz. Feche os olhos. Fique à vontade, pode roncar se desejar — Crestomanci instruiu.

— Mas... Mas não posso adormecer no meio de uma visita! E... e aqueles meninos na piscina estão fazendo barulho demais — Carol tornou a protestar.

Crestomanci, num gesto casual, colocou a mão no piso do terraço. Carol viu o braço dele erguer-se como se ele estivesse levantando alguma coisa das pedras do chão. O terraço ficou em silêncio. Ela via os meninos fazendo bagunça na piscina, abrindo e fechando a boca, mas nenhum som chegava-lhe aos ouvidos.

— Acabaram-se as desculpas agora? — Crestomanci quis saber.

— Não são desculpas. E como é que você vai saber se estou ou não sonhando sem um gravador de sonhos apropriado e um mágico de sonhos qualificado para ler o gravador? — Carol retorquiu.

— Ah, quem sabe eu consiga me sair bem sem isso — Crestomanci comentou.

Embora ele tenha falado num tom suave, quase preguiçoso, Carol, de repente, lembrou-se de que ele era um feiticeiro de nove vidas e muito mais importante do

que ela. Imaginava que ele se considerava suficientemente poderoso para fazer isso. Bom, problema dele. Ela ia fazer o que ele pedia. Carol posicionou sua sombrinha azul para bloquear o sol e recostou-se na espreguiçadeira, sabendo que nada iria acontecer...

...E ela estava no Parque de Diversões, onde o seu sonho número 99 havia parado. Diante dela havia um amplo espaço de grama enlameada, coberta de pedaços de papel e outros tipos de lixo. Ela via a Roda Gigante a distância, atrás de algumas tendas que balançavam ao vento e barraquinhas maltratadas e de outro objeto alto que parecia ser a maior parte da Torre do Terror. O lugar parecia deserto.

— Ah, essa não! — Carol exclamou. — Eles ainda não limparam coisa nenhuma! O que Martha e Paul estão pensando da vida?

Assim que ela disse isso, tapou a boca com as mãos num gesto cheio de culpa e virou-se para assegurar-se de que Crestomanci não havia chegado sorrateiramente atrás dela. Mas nada havia atrás dela além de mais grama suja, coberta de lixo. “Ótimo!”, Carol pensou. “Eu sabia que ninguém poderia entrar nos bastidores de um sonho particular de Carol Oneir a não ser que eu permita!” Ela relaxou. Ali quem mandava era ela. Aquilo fazia parte das coisas que ela jamais havia revelado, nem mesmo à Mamãe — embora, por um momento, no terraço em Teignes, ela tivesse sentido medo de que Crestomanci soubesse dos segredos dela.

O fato era que, como Crestomanci havia percebido, Carol tinha apenas seis personagens principais trabalhando para ela. Havia Francis, alto, louro e bonito, com uma linda voz de barítono, que representava o papel de todos

os heróis. Ele sempre terminava casando-se com a delicada, porém corajosa, Lucy, que também era loura e muito bonita. Depois, havia Melville, que era magro e moreno, com o rosto pálido e perverso, que fazia o papel de todos os vilões. Melville fazia tão bem o papel de Bandido que Carol, freqüentemente, usava o personagem dele várias vezes num mesmo sonho. Mas ele se mostrava sempre um cavalheiro, e era por isso que o Sr. Mindelbaum fizera Carol lembrar-se de Melville.

Os outros três eram: Bimbo, que era mais velho e fazia todos os Velhos Sábios, Aleijados Patéticos e Tiranos Fracos; Martha, que era a Mulher mais Velha e fazia as Tias, Mães e Rainhas Malvadas, fossem elas totalmente más ou com Coração de Ouro; e Paul, que era pequeno e de aparência infantil. A especialidade de Paul era o Fiel Ajudante, embora ele fizesse também o Segundo Bandido e tivesse a tendência para ser assassinado com muita freqüência em ambos os papéis. Paul e Martha, como nunca tinham papéis muito grandes, ficaram com a responsabilidade de fazer com que o elenco de milhares limpasse tudo entre um sonho e outro. Só que desta vez eles não tinham feito isso.

— Paul! Martha! Onde está o meu elenco de milhares? — Carol gritou.

Nada aconteceu. A voz dela perdeu-se no vazio.

— Muito bem! Vou encontrá-los, e vocês não vão gostar do que vai acontecer! — ela ameaçou.

E partiu, abrindo caminho com nojo através do lixo na direção das tendas. Ia pensando que era muito feio da parte deles decepçioná-la dessa maneira, quando ela havia tido um trabalhão para inventá-los e lhes dar uma centena de disfarces, e os havia tornado tão famosos quanto ela,

de certo modo. Enquanto Carol pensava essas coisas, seus pés nus pisaram em sorvete derretido. Ela deu um salto para trás, estremecendo, e tomou consciência de que, por um motivo qualquer, estava usando um maio como as crianças na piscina de Crestomanci.

— Ora, ora! — exclamou, contrariada.

Lembrava-se agora de que a sua outra tentativa de sonhar o centésimo sonho havia começado assim, também, até o ponto em que ela o apagara. Qualquer pessoa pensaria que esse era o tipo de sonho que as pessoas comuns tinham. Não daria sequer para fazer um sonho decente para a Faixa de Chapéu. Desta vez, com um esforço intensamente controlado, ela passou a estar vestida com as botas de botões azuis e o vestido azul com todas as anáguas por baixo. Assim sentia mais calor, mas mostrava que ela estava no comando. E seguiu em frente, até chegar às tendas.

Ali, o sonho quase que saiu como um sonho comum. Carol andou de um lado para o outro por entre as tendas vazias e as barraquinhas abandonadas, passou sob a gigantesca estrutura da Roda Gigante e diversas vezes pela Torre do Terror, passou por alamedas e pracinhas, sem ver uma única alma.

Foi apenas a sua resistente contrariedade que a manteve andando até que ela realmente viu alguém, e então quase passou direto por ele, pensando que se tratava de um dos manequins do Museu de Cera. Ele estava numa pracinha, sentado numa caixa ao lado de um órgão pintado, olhando fixamente para o espaço. Carol imaginou que talvez o pessoal do elenco de milhares trabalhassem como manequins quando fosse necessário. Na verdade, ela não

fazia idéia. Mas aquele era louro, e isso significava que ele era um dos Mocinhos e, em geral, trabalhava com Francis.

— Ei, você! Onde está Francis? — ela perguntou.

Ele lançou-lhe um olhar vazio, como que incompleto.

— Ruibarbo — disse. — Abracadabra.

— Sim, mas você não está fazendo uma cena de multidão agora — disse Carol. — Quero saber onde estão os meus Personagens Principais.

O homem apontou vagamente para os lados da Roda Gigante.

— Nos alojamentos. Reunião do Comitê — ele informou. Então Carol partiu naquela direção. Mal tinha dado dois passos, porém, quando o homem chamou-a.

— Ei, você! Agradeça!

“Que grosseria!”, Carol pensou. Ela girou e olhou para ele com raiva. Ele agora estava bebendo alguma coisa de uma garrafa verde de cheiro muito forte.

— Você está bêbado! — acusou. — Onde foi que arranjou isso? Não permito bebida de verdade nos meus sonhos.

— O nome é Norman. Afogando mágoas — ele disse.

Carol viu que não ia conseguir alguma informação que fizesse sentido. Então agradeceu, para evitar que ele gritasse atrás dela outra vez, e tomou a direção que ele havia indicado. Esse caminho levou-a a um agrupamento de carroções de ciganos. Como tudo aquilo tinha a aparência de papelão borrado, Carol passou direto, sabendo que devia pertencer ao elenco de milhares. Ela sabia que o carroção que estava procurando ter aparência nítida e real. E foi o que ela encontrou. Era mais um barracão sobre

rodas do que um carroção, mas havia uma fumaça preta real saindo da chaminé de ferro enferrujado.

Carol aspirou a fumaça.

— Estranho. Tem um cheiro parecido com caramelo!

Mas resolveu não anunciar a sua presença, para surpreendê-los. Subiu marchando a escadinha de madeira preta e empurrou a porta com força.

Uma onda de fumaça, calor e cheiro de bebida e de caramelo envolveu-a. O seu pessoal estava todo lá dentro, mas em vez de se virarem respeitosamente para receber ordens dela, como costumavam fazer, nenhum deles no princípio prestou atenção nela. Francis estava sentado à mesa jogando cartas com Martha, Paul e Bimbo sob a luz de velas enfiadas em garrafas verdes. Junto a cada um deles havia uma taça cheia de uma bebida de cheiro forte, mas Carol constatou, com horror, que o cheiro de bebida mais forte vinha da garrafa da qual Lucy estava bebendo. Lucy, a bela, a delicada Lucy, estava sentada num beliche nos fundos, dando risadinhas e segurando a garrafa carinhosamente. Pelo que Carol conseguia distinguir sob a luz fraca, o rosto de Lucy parecia o de um duende e seu cabelo tinha uma aparência que Mamãe teria descrito como “um ninho de ratos”. Melville estava cozinhando no fogão perto da porta. Carol sentiu vergonha de olhar para ele. Ele estava usando um avental branco sujo e sorrindo um sorriso sonhador enquanto mexia alguma coisa dentro da caçarola. Era difícil imaginar algo menos característico de um vilão.

— E exatamente o que vocês pensam que estão fazendo? — ela perguntou.

Ouvindo isso, Francis virou-se o suficiente para ela constatar que fazia muito tempo que ele não se barbeava.

— Fech sa benguica porta, shtá bem? — ele pediu em tom irritado.

Era possível que ele tivesse falado assim porque tinha um enorme charuto preso entre os dentes, mas Carol temia que o motivo principal fosse o estado de bebedeira dele.

Ela fechou a porta e postou-se diante dela com os braços cruzados.

— Exijo uma explicação. Estou esperando — declarou. Paul largou as cartas sobre a mesa com um gesto brusco e puxou para si uma pilha de dinheiro. Então tirou o charuto da boca infantil para dizer:

— E pode continuar esperando, a não ser que tenha vindo, finalmente, para negociar. Estamos em greve.

— Em greve? — Carol repetiu.

— Em greve — Paul confirmou. — Todos nós. Eu trouxe o elenco de milhares logo depois do último sonho. Queremos melhores condições de trabalho e uma fatia maior do bolo.

Ele deu um sorriso desafiador e não muito agradável e tornou a colocar o charuto na boca — uma boca que não era tão infantil, agora que Carol a via de perto. Paul era mais velho do que ela imaginara, com pequenas rugas de cinismo espalhadas pelo rosto.

— Paul é o representante do nosso sindicato — disse Martha.

Para surpresa de Carol, Martha era bem jovem, com cabelos ruivos e uma expressão severa e revoltada. Em sua voz havia uma dose de reclamação quando ela continuou:

— Temos os nossos direitos, sabia? As condições em que o elenco de milhares é obrigado a viver são chocantes, e é um sonho atrás do outro, sem qualquer tipo de folga para todos nós. E nem sequer temos a satisfação de gostar do nosso trabalho. Que papéis horríveis Paul e eu temos de representar!

— Uma porcaria de figuração — Paul interveio, ocupado em dar as cartas. — Uma das coisas contra as quais estamos protestando é sermos mortos em quase todos os sonhos. O elenco de milhares morre a tiros em todas as cenas finais, e não somente eles não ganham qualquer compensação, como também são obrigados a levantar-se e ir lutar durante todo o sonho seguinte.

— I nunos deish beber — Bimbo interveio.

Carol via que ele estava muito bêbado. Tinha o nariz vermelho, e o cabelo branco parecia úmido. — Cansei de água colorida. Ti que roubar fruta do soim do Jardim Encantado pa fazer vinho. Agora faço uísque. Muit melhor.

— E você não nos paga nada — Martha reclamou. — Temos de pegar as recompensas que conseguimos pelos nossos serviços.

— Então onde arranjam todo este dinheiro? — Carol quis saber, apontando para a avultada pilha diante de Paul.

— Na cena do tesouro árabe e por aí — Paul revelou. — E arca do tesouro dos piratas. A maior parte é só papel pintado.

De repente, Francis, em voz alta e fala enrolada, declarou:

— Quero reconhecimento. Já fiz 99 heróis diferentes, mas meu nome nunca apareceu num travesseiro ou

numa garrafa de gênio. — Ele deu um murro na mesa. — Exploração! E isso é que é!

— E, nós todos queremos o nosso nome no próximo sonho — Paul continuou. — Melville, dê-lhe nossa lista de reclamações, por favor.

— Melville é o secretário do nosso Comitê de Greve — Martha esclareceu.

Francis tornou a esmurrar a mesa e berrou:

— Melville!

Então todos puseram-se a gritar:

— Melville!

Até que Melville finalmente deu as costas ao fogão, segurando a caçarola numa das mãos e uma folha de papel na outra.

— Eu não queria estragar meu caramelo — Ele explicou em tom de desculpas, e estendeu a folha de papel para Carol. — Tome, querida. Não foi eu quem teve a idéia, mas eu não queria prejudicar os outros.

Carol, a essa altura, recuara e estava com as costas coladas à porta, mais ou menos em lágrimas. Esse sonho parecia ser um pesadelo.

— Lucy! — ela chamou, desesperada. — Lucy, você também está nisso?

— Deixe Lucy em paz. Ela já sofreu bastante — disse Martha, a quem Carol estava começando a detestar fortemente. — Ela já teve a sua cota de papéis que a fazem ser um brinquedo e uma propriedade dos homens. Não é mesmo, queridinha? — ela perguntou a Lucy.

Lucy ergueu os olhos.

— Ninguém compreende — disse, olhando tristemente para a parede. — Odeio Francis. E sempre tenho de me casar com ele e viver fe-hic-liz para sempre.

Aquilo, como era de esperar, deixou Francis bastante irritado.

— E eu odeio você! — ele berrou, ficando em pé num salto enquanto berrava.

A mesa tombou com um estrondo e as taças, o dinheiro, o baralho e as velas caíram junto com ela. Na confusão às escuras que se seguiu, de repente a porta abriu-se atrás de Carol e ela fugiu por ali o mais depressa que pôde...

...E encontrou-se novamente sentada na espreguiçadeira no terraço ensolarado. Segurava na mão uma folha de papel, e sua sombrinha estava rolando no chão aos pés dela. Para seu desagrado, alguém havia derramado em seu vestido azul uma risca melada do que parecia ser caramelo.

— Tonino! Vieni qui! — chamou alguém.

Carol ergueu os olhos e viu Crestomanci tentando consertar uma espreguiçadeira quebrada no meio de uma multidão de pessoas que passavam por ele e desciam a escada do terraço com muita pressa. Carol, a princípio, não conseguia imaginar quem eram aquelas pessoas, até ter um vislumbre de Francis entre elas, depois Lucy, que com uma das mãos segurava sua garrafa e com a outra segurava a mão de Norman, o homem que Carol havia conhecido sentado numa caixa. O resto devia ser o elenco de milhares, ela supunha. Ainda estava tentando imaginar o que havia acontecido quando Crestomanci deixou cair a espreguiçadeira quebrada e interceptou a última pessoa a atravessar o terraço.

— Com licença, senhor. Poderia me explicar algumas coisas antes de ir embora? — ele pediu.

Era Melville, ainda com o avental de cozinheiro, abanando a fumaça que saía de sua caçarola com um longa mão de vilão e examinando o caramelo com um olhar melancólico no rosto longo de vilão.

— Acho que queimou! — exclamou. — Quer saber o que aconteceu? Bem, acho que o elenco de milhares foi quem começou todo, na época em que Lucy se apaixonou por Norman, de modo que pode ter sido obra de Norman no começo. De qualquer maneira, eles começaram a reclamar que nunca tinham a oportunidade de ser pessoas reais, e Paul ouviu. Paul é muito ambicioso, entende, e ele sabia, como todos nós sabíamos, que Francis realmente não foi feito para ser herói...

— Não mesmo. Ele tem o queixo fraco — Crestomanci concordou.

Carol ficou boquiaberta. Estava prestes a fazer um protesto — que naquele momento teria sido um protesto bastante lacrimoso — quando se lembrou de que o queixo barbudo de Francis realmente parecera pequeno e rechonchudo sob aquele charuto.

— Ah, o senhor não devia julgar pelos queixos — Melville protestou. — Olhe só o meu. Sou tão vilão quanto Francis é herói. Mas Francis tem seu lado petulante, e Paul se aproveitou disso, com a ajuda de Bimbo e seu uísque, e Lucy de qualquer maneira estava do lado de Paul porque odiava ser forçada a usar vestidos provocantes e sorrir afetadamente para Francis. Ela e Norman querem ser fazendeiros. E Martha, que na minha opinião é uma garota muito frívola, juntou-se a eles porque ela não conseguia suportar ter que limpar o cenário todas as vezes. De modo que todos vieram me procurar.

— E você resistiu? — Crestomanci quis saber.

— Durante todo o “O Aleijado de Monte Cristo” e o “O Cavaleiro Árabe” — Melville admitiu, atravessando o terraço para colocar sua caçarola na balaustrada. — Gosto de Carol, entende, e estou inteiramente disposto a ser três vilões ao mesmo tempo para ela, se ela quiser. Mas quando ela começou o sonho sobre o Parque de Diversões logo em seguida ao “O Tirano de Londres”, tenho de admitir que todos nós ficamos inteiramente exaustos de tanto trabalho. Nenhum de nós tem tempo de ser si mesmo. Ai ai, acho que o elenco de milhares está se preparando para fazer muita bagunça nesta cidade.

Crestomanci aproximou-se e inclinou-se na balaustrada para ver.

— Temo que sim — disse. — Em sua opinião, o que é que faz Carol obrigar vocês a trabalhar tanto? Ambição?

Havia tanta algazarra vindo da cidade que Carol não conseguiu resistir a levantar-se e ir olhar também. Um grande número de participantes do elenco de milhares havia ido diretamente para a praia. Estavam alegremente apostando corrida até a beira d’água, arrastando barracas de praia atrás de si ou simplesmente jogando suas roupas longe e mergulhando no mar. Isso estava provocando muitos brados de protestos por parte dos veranistas. Mais gritos de protesto vinham da praça principal abaixo do cassino, onde o elenco de milhares havia invadido todos os cafés elegantes, gritando por sorvete, vinho e pernas de rã.

— Parece bem divertido — Melville comentou. — Não exatamente ambição, senhor. Eu diria mais que Carol foi enredada pelo sucesso e sua Mamãe enredou-se junto

com ela. Não é fácil parar alguma coisa quando a Mamãe da pessoa espera que ela continue indefinidamente.

Um táxi puxado a cavalo vinha agora galopando pela rua principal, perseguido por pessoas que gritavam, empurravam-se e se abaixavam. A persegui-las vinha um pequeno bando de policiais. Ao que parecia, aquilo estava acontecendo porque o passageiro de barba branca no táxi estava jogando punhados de jóias em todas as direções, demonstrando nisso muito entusiasmo. “Quase tudo jóias árabes e tesouros de piratas”, Carol pensou. Ela ficou imaginando se seriam jóias de vidro ou de verdade.

— Coitado do Bimbo! — Melville comentou. — Ultimamente ele se vê como uma espécie de papai-noel fidalgo. Fez esse papel excessivas vezes. Acho que devia se aposentar.

— E é pena que a sua Mamãe tenha mandado o táxi esperar — Crestomanci comentou com Carol. — Aqueles ali não são Francis, Martha e Paul? Estão entrando no cassino.

E estavam mesmo. Carol os viu subir dançando de braços dados nos degraus de mármore, três pessoas obviamente à procura de diversão.

— Paul diz que tem um sistema para quebrar a banca — Melville contou.

— Uma ilusão bastante comum — comentou Crestomanci.

— Mas ele não pode fazer isso! Não tem dinheiro de verdade! — Carol interveio. Enquanto falava, ela olhou casualmente para baixo. Seu pendente de diamante havia desaparecido. E também o seu broche de brilhantes. Suas pulseiras de safira e todas as de ouro já não estavam lá. Até mesmo o fecho da sua bolsa havia sido arrancado.

— Eles me roubaram! — ela gritou.

— Provavelmente Martha — sugeriu Melville em tom de tristeza. — Lembre-se, ela furtava carteiras dos bolsos das pessoas em “O Tirano de Londres”.

— Parece que você lhes devia muito dinheiro de salário — Crestomanci observou.

— Mas o que vou fazer? Como vou conseguir trazer todos de volta? — Carol gemeu.

Melville parecia estar preocupado com ela. Sua expressão era a de uma careta de vilão, mas Carol compreendeu perfeitamente. Melville era muito bonzinho. Já Crestomanci parecia simplesmente surpreso e um pouco entediado.

— Está dizendo que quer mesmo todas essas pessoas de volta? — perguntou.

Carol abriu a boca para dizer que sim, claro que queria. Mas não disse. Elas estavam se divertindo tanto... Bimbo estava alegre como nunca, galopando pelas ruas e jogando jóias. As pessoas no mar formavam uma massa feliz e bagunceira, e na praça os garçons corriam de um lado para outro, anotando pedidos e colocando apressadamente pratos e copos diante de cada um do elenco de milhares que lotavam os cafés. Carol torcia apenas para que estivessem usando dinheiro de verdade. Se ela virasse a cabeça poderia ver que alguns componentes do elenco de milhares haviam chegado ao campo de golfe, onde a maioria deles parecia ter a impressão de que o golfe era um jogo de equipe que se jogava de maneira quase igual ao hóquei.



— Enquanto Carol chega a uma decisão, Melville, como uma pessoa que está do lado de dentro, qual é a sua opinião pessoal sobre os sonhos dela? — Crestomanci quis saber.

Melville pôs-se a repuxar a ponta do bigode com expressão infeliz.

— Eu estava com medo de que você me perguntasse isso — confessou. — Ela tem um talento tremendo, é claro, senão não conseguiria fazer o que faz, mas de vez em quando sinto que ela... bem... ela se repete. Digamos assim: acho que Carol talvez não dê a si própria uma oportunidade de ser ela mesma, assim como não dá essa oportunidade a nós.

Carol tomou consciência de que Melville era a única pessoa do seu pessoal de quem ela realmente gostava. Estava totalmente enjoada de todos os outros. Embora não tivesse admitido isso, durante anos eles lhe deram tédio, mas ela estivera sempre muito ocupada com o sonho seguinte. E se demitisse todos eles? Mas isso não iria ferir os sentimentos de Melville?

— Melville, você gosta de ser vilão? — perguntou ansiosamente.

— Minha querida, essa é uma decisão totalmente sua, mas confesso que de vez em quando eu gostaria de ser alguém... hã... não completamente perverso. Digamos medianamente perverso, e um pouco mais complicado.

Aquilo era difícil.

— Se eu fizesse isso — Carol começou, pensando no assunto —, seria obrigada a parar de sonhar por algum tempo, talvez bastante tempo, para dedicar esse tempo a criar uma espécie de nova personalidade para as pessoas. Você se importa de esperar? Pode levar mais de um ano.

— Não me importo nem um pouco — Melville afirmou. — Pode me chamar quando precisar de mim.

E ele inclinou-se e beijou a mão de Carol com seus modos mais finos de vilão...

...E Carol achou-se mais uma vez sentada na espreguiçadeira. Desta vez, no entanto, estava esfregando os olhos e o terraço estava deserto, com exceção de Crestomanci segurando uma espreguiçadeira quebrada e conversando num idioma que parecia ser italiano com um menino pequeno e magricela. Pelo que parecia, o menino tinha acabado de sair da piscina. Estava usando calção de banho e pingava água no chão.

— Ah, na verdade, então era só um sonho! — Carol exclamou.

Ela percebeu que havia deixado a sombrinha cair no chão enquanto dormia e inclinou-se para pegá-la. Alguém certamente andara pisoteando-lhe a sombrinha. E havia uma comprida linha de caramelo em seu vestido. Então, naturalmente, ela procurou seu broche, seu pendente e suas pulseiras. Tudo havia desaparecido. Alguém lhe havia rasgado o vestido ao arrancar o broche. Carol virou-se depressa para a balaustrada e viu sobre ela uma caçarola queimada.

Diante disso, Carol ficou de pé num salto e correu para a balaustrada na esperança de avistar Melville descendo os degraus. A escada estava deserta. Mas ela teve tempo de ver o táxi de Bimbo parado no final da alameda e rodeado de policiais. Pelo jeito, Bimbo não estava nele. Parecia que ele tinha usado o truque de desaparecimento que ela havia inventado para ele em “O Aleijado de Monte Cristo”.

Na praia, multidões de componentes do elenco de milhares estavam saindo do mar e se deitando para pegar sol ou educadamente pedindo bolas de borracha emprestadas aos outros veranistas. Na realidade, ela mal conseguia distingui-los dos turistas comuns. No campo de golfe, os membros do elenco de milhares que tinham ido para lá estavam sendo organizados por um homem de paletó vermelho e formavam uma fila para treinar o uso do taco. Carol, então, voltou os olhos para o cassino, mas não viu sinal de Paul, Martha ou Francis. Em toda a praça, no entanto, havia cantorias saindo dos cafés abarrotados — cantorias em volume alto, e melodias diferentes, pois, naturalmente, havia vários corais no elenco de milhares. Carol virou-se e lançou um olhar de acusação a Crestomanci.

Este interrompeu sua conversa em italiano e, segurando no ombro molhado e magricela do garotinho, trouxe-o para perto dela.

— Tonino é um mágico bem incomum. Ele reforça a magia das outras pessoas — declarou. — Quando vi o rumo que os seus pensamentos estavam tomando, achei que seria melhor ter Tonino aqui para apoiar sua decisão. Suspeitei que você poderia fazer alguma coisa assim. Foi por isso que eu não quis repórteres. Você não gostaria de descer para a piscina agora? Tenho certeza de que Janet pode lhe emprestar um maiô e, provavelmente, um vestido limpo também.

— Bem... obrigada... por favor... mas... — Carol começou. Mas parou de falar quando o menininho apontou para alguma coisa atrás dela.

— Eua faloa inglesa. Sua papeua caiu.

Carol abaixou-se depressa e recolheu a folha de papel. Nele, numa linda caligrafia, estava escrito:

Carol Oneir, pelo presente, libera Francis, Fucy, Martha, Paul e Bimbo de quaisquer novas obrigações profissionais e concede ao elenco de milhares licença indefinida. Vou tirar férias, com sua bondosa permissão.

Seu servo,

Melville

— Ah, que bom! — Carol exclamou. — Ora, ora, o que é que vou fazer com o Sr. Ploys? E como vou dar a notícia à Mamãe?

— Posso falar com Ploys — Crestomanci ofereceu. — Mas a sua Mamãe é um problema estritamente seu, embora seu pai, quando voltar do cassin... isto é, da pescaria, certamente apoiará você.

Papai realmente apoiou Carol, algumas horas mais tarde, e Mamãe mostrou-se um pouquinho mais fácil de convencer do que de costume, porque tinha ficado completamente confusa por ter confundido a esposa de Crestomanci com uma criada. A essa altura, no entanto, a coisa que Carol mais desejava era contar a Papai que ela tinha sido empurrada do trampolim 16 vezes e tinha aprendido a nadar perfeitamente — quer dizer, quase.



O Filósofo de Theare

Havia um mundo, chamado Theare, onde o Céu era muito bem organizado. Tudo havia sido planejado com tanta precisão que cada deus sabia exatamente suas obrigações, nas orações corretas, as horas certas para tratar de negócios, sua personalidade totalmente exata e o seu inconfundível lugar acima ou abaixo dos outros deuses.

Isso acontecia com todos, a começar pelo Grande Zond, rei dos deuses, passando por cada deus, deífico, deidade, deidade menor e nume, até a mais imaterial das ninfas. Mesmo os dragões invisíveis que viviam nos rios tinham seus limites invisíveis. O universo funcionava como um mecanismo de relógio. A humanidade não era sempre tão regular, mas os deuses estavam ali para conservar. Havia sido assim durante séculos.

Portanto, foi uma ruptura da própria natureza das coisas quando no meio do Festival da Água anual, no qual apenas as entidades aquáticas tinham o direito de estar presentes, o Grande Zond ergueu os olhos e viu Imperion, o deus do sol, vindo furioso na direção dele pelos grandes corredores do Céu.

— Vá embora — o Grande Zond gritou, horrorizado. Mas Imperion seguiu em frente, provocando vapores e sibilos por parte das deidades aquáticas ali reunidas, e chegou numa onda de calor e água quente aos pés do trono de Zond.

— Pai! — Imperion exclamou com a fisionomia angustiada.

Um deus elevado como Imperion tinha o direito de chamar Zond de Pai. Zond não se lembrava se na realidade era ou não era pai de Imperion. A origem dos deuses não era tão organizada naquela existência deles. Mas Zond sabia que, seu filho ou não, Imperion tinha desrespeitado todas as regras.

— Ajoelhe-se! — Zond ordenou em tom severo. Imperion ignorou essa ordem também. Talvez isso tenha sido bom, já que o piso do Céu já estava cheio d'água e soltando vapor. Imperion manteve o olhar flamejante sobre Zond.

— Pai! O Filósofo da Dissolução nasceu!

Zond estremeceu nas nuvens de vapor quente e tentou sentir-se resignado.

— Está escrito que nascerá um Filósofo que questionará todas as coisas. Seus questionamentos derrubarão a maravilhosa ordem do Céu e lançarão todos os deuses na mais completa desordem — ele declarou. — Está escrito também...

Nesse momento Zond percebeu que Imperion o levava a desrespeitar as regras também. A postura correta seria Zond convocar o deus da profecia e ordenar-lhe que consultasse o Livro do Céu. Então, ele lembrou-se de que Imperion era o próprio deus da profecia. Era uma das suas obrigações precisamente distribuídas. Zond encarou Imperion.

— O que você pretende, vindo me dizer isso? Você é o deus da profecia! Vá consultar o Livro do Céu.

— Já fiz isso, Pai — Imperion respondeu. — Descubri que profetizei a vinda do Filósofo da Dissolução quando os deuses começaram. Está escrito que o Filósofo nascerá e que eu não saberei.

— Então como é que você está me afirmando que ele já nasceu? — Zond perguntou, sentindo que havia encurralado o outro.

— O simples fato de que eu tenha vindo aqui e interrompido o Festival da Água mostra que o Filósofo nasceu. Nossa Dissolução obviamente já começou.

Uma onda de consternação ergueu-se entre os deuses aquáticos. Eles estavam reunidos no final do salão, o mais distante possível de Imperion, mas todos ouviram. Zond tentou raciocinar. Com o vapor levantado por Imperion e a espuma de apreensão lançada pelos deuses aquáticos, os corredores do Céu estavam num estado mais próximo do caos que ele havia conhecido em um milênio. Se continuasse assim, não haveria necessidade de que o Filósofo questionasse alguma coisa.

— Deixe-nos — Zond pediu aos deuses aquáticos. — Acontecimentos além do meu controle me obrigam a interromper este Festival. Vocês serão informados mais tarde de qualquer decisão que eu tomar.

Os seres aquáticos hesitaram, causando um grande choque em Zond — mais uma evidência da Dissolução.

— Prometo — ele finalizou.

Os seres aquáticos chegaram a uma decisão. Eles partiram em ondas, todos, exceto um. Este era Ock, deus de todos os oceanos. Ock tinha o mesmo status de Imperion, e o calor não o ameaçava. Ele ficou onde estava.

Zond não gostou daquilo. Parecia-lhe que Ock era o menos organizado dos deuses. Ele não sabia qual era o lugar dele. Era tão agitado e imprevisível quanto a humanidade. Mas, com a dissolução já acontecendo, que era que ele podia fazer?

— Você tem a minha permissão para ficar — ele disse graciosamente a Ock. Dirigiu-se a Imperion: — Bem, e como você soube que o Filósofo nasceu?

— Eu estava consultando o Livro do Céu por causa de outro assunto, e ele se abriu na página onde estava escrita a minha profecia em relação ao Filósofo da Dissolução. Como ela dizia que eu não saberia o dia e a hora em que o Filósofo nasceria, conclui-se que ele já havia nascido, ou eu não teria ficado sabendo. Porém a precisão do resto da profecia é digna de elogios. Daqui a vinte anos ele vai começar a questionar o Céu. Que é que vamos fazer para impedir?

— Não imagino o que possamos fazer. Profecia é profecia — Zond respondeu.

— Mas precisamos fazer alguma coisa! — Imperion exclamou com paixão. — Eu insisto! Sou um deus da ordem, muito mais do que o senhor. Pense no que aconteceria se o Sol se desorganizasse! Isso significa mais para mim do que para qualquer outra pessoa. Quero que o Filósofo

da Dissolução seja encontrado e morto antes que possa começar a fazer perguntas.

Zond ficou chocado.

— Não posso fazer isso! Se a profecia diz que ele tem de questionar, então ele tem de questionar.

Nesse momento Ock aproximou-se.

— Toda profecia tem uma saída — declarou.

— É claro. Enxergo a saída, tanto quanto você — apoiou Imperion. — Estou aproveitando a desordem causada pelo nascimento do Filósofo para pedir ao Grande Zond para matá-lo e destruir a profecia. Assim a ordem será restaurada.

— Eu não quis dizer isso — Ock contestou.

Os dois deuses se entreolharam. O vapor de Ock envolvia Imperion e depois voltava para Ock na forma de uma chuva forte.

— Então o que foi que você quis dizer? — Imperion perguntou.

— A profecia não parece dizer qual mundo o Filósofo vai questionar. Há muitos outros mundos. A humanidade os chama de se-mundos, significando que eles já foram o mesmo mundo que Theare, mas partiram e seguiram caminhos diferentes depois de cada acontecimento duvidoso da História. Cada se-mundo tem o seu próprio Céu. Deve haver um mundo em que os deuses não sejam tão organizados quanto somos aqui. Deixe que o Filósofo seja colocado nesse mundo. Deixe-o fazer suas perguntas predestinadas lá.

— Boa idéia! — saudou Zond, aplaudindo com alívio e provocando terríveis tempestades em todo o Theare. — Você concorda, Imperion?

— Sim — disse Imperion. Ele flamejava de alívio. E assim, estando desatento, imediatamente tornou-se profético. — Mas preciso fazer-lhes uma advertência: coisas estranhas acontecem quando se interfere no destino.

— Coisas estranhas, talvez, mas não desorganizadas — Zond declarou.

Ele chamou de volta os deuses aquáticos, e com eles todos os deuses de Theare. Contou-lhes que havia nascido um bebê que estava destinado a espalhar a Dissolução, e ordenou que cada um deles revistasse os confins da terra em busca dessa criança.

(“Os confins da terra” era uma expressão oficial. Zond não acreditava que Theare fosse plano. Mas essa expressão vinha sendo usada, imutável, havia séculos, como o resto do Céu. Significava “Procurem por toda parte”).

A totalidade dos habitantes do Céu revistou tudo. As ninfas e os deíficos procuraram nas montanhas, nas cavernas e nos bosques. Os deuses do lar procuraram nos berços. Os deuses aquáticos revistaram praias, barrancos e margens. A deusa do amor mergulhou em seus registros para descobrir quais poderiam ser os pais do Filósofo. Os dragões invisíveis foram nadando procurar dentro de chatas e casas-barcos. Como havia um deus para tudo em Theare, nenhum lugar passou despercebido, nada foi omitido. Imperion procurava com mais empenho do que qualquer outro deus, flamejando dentro de cada buraco, fenda ou reentrância num lado do mundo e exortando a deusa da lua a fazer a mesma coisa no outro lado.

E ninguém encontrou o Filósofo. Houve um ou dois alarmes falsos, tal como quando uma deusa do lar relatou ter encontrado um bebê que nunca parava de cho-

rar. Disse que esse bebê a estava deixando louca e, se isso não era Dissolução, ela não sabia o que era. Houve também vários relatos de bebês nascidos com dentes, ou com seis dedos, ou estranhezas desse tipo. Mas em todos os casos Zond conseguiu provar que a criança nada tinha a ver com a Dissolução. Depois de um mês, ficou claro que o bebê Filósofo não seria encontrado.

Imperion ficou desesperado, pois, como havia declarado a Zond, a ordem significava mais para ele do que para qualquer outro deus. Ele ficou tão preocupado que chegou a fazer o sol perder calor. Finalmente a deusa do amor aconselhou-o a ir relaxar com uma mulher mortal antes que ele próprio provocasse a Dissolução.

Imperion viu que ela tinha razão. E desceu para visitar a mulher humana que ele havia amado durante alguns anos. Amar mortais era um costume estabelecido dos deuses. Alguns visitavam seus amados ou amadas em todos os tipos de formas fantasiosas, e alguns tinham vários amores ao mesmo tempo. Mas Imperion era honesto e fiel. Nunca visitava Nestara como qualquer outra coisa além de um belo homem, e a amava devotadamente. Três anos antes ela dera à luz um filho dele, a quem Imperion amava quase tanto quanto amava Nestara. Antes de o Filósofo nascer para perturbá-lo, Imperion vinha tentando adaptar as regras do Céu para que seu filho também fosse aprovado como um deus.

O nome do menino era Thasper. Enquanto descia para a terra, Imperion contemplava Thasper fazendo bu-racos na areia no quintal da casa de Nestara — uma linda criança de cabelo louro e olhos azuis. Imperion perguntou-se com prazer se Thasper já estaria falando correta-

mente. Nestara havia se mostrado preocupada com a lentidão com que ele vinha aprendendo a falar.

Imperion pousou ao lado do filho.

— Olá, Thasper. O que está cavando com tanto entusiasmo? Em vez de responder, Thasper ergueu a cabeça dourada e gritou:

— Mamãe! Por que fica tão claro quando Papai chega?

Todo o prazer de Imperion desapareceu. Era óbvio que ninguém poderia fazer perguntas até aprender a falar. Mas seria cruel demais se o seu próprio filho fosse o Filósofo da Dissolução.

— Por que não deveria ficar claro? — ele perguntou defensivamente.

Thasper olhou para ele com expressão de raiva.

— Eu quero saber. Por que isso acontece?

— Talvez porque você fique feliz ao me ver — Imperion sugeriu.

— Eu não estou feliz — Thasper declarou. Ele fez beicinho e seus grandes olhos azuis encheram-se de lágrimas. — Por que fica claro? Eu quero saber. Mamãe! Eu não estou feliz!

Nestara veio correndo de casa, quase que preocupada demais para sorrir para Imperion.

— Thasper, meu amor, o que foi?

— Eu quero saber! — Thasper gemeu.

— O que você quer saber? Nunca vi uma mente tão curiosa — Nestara comentou orgulhosamente com Imperion, enquanto pegava Thasper no colo. — Por isso ele demorou tanto a falar. Não quis falar até aprender como fazer perguntas. E, se não receber uma resposta exata, ele chora durante horas.

— Quando foi que ele começou a questionar assim? — Imperion perguntou em tom tenso.

— Há um mês, mais ou menos — Nestara respondeu. Aquilo deixou Imperion verdadeiramente infeliz, mas ele disfarçou esse sentimento. Estava claro para ele que Thasper era mesmo o Filósofo da Dissolução e ele seria obrigado a levá-lo para outro mundo. Sorriu e disse:

— Meu amor, tenho ótimas notícias para você. Thasper foi aceito como deus. O Grande Zond em pessoa vai ficar com ele como Portador da Taça.

— Ah, não! Ele é tão pequeno! — protestou Nestara.

Ela fez várias outras objeções. Mas no final permitiu que Imperion levasse Thasper. Afinal, que melhor futuro poderia haver para uma criança? Ela colocou Thasper nos braços de Imperion com toda espécie de instruções ansiosas sobre o que ele comia e quando ia para a cama. Imperion despediu-se dela com um beijo, sentindo o coração pesado. Ele não era o deus da mentira. Sabia que não ousaria vê-la novamente, por medo de acabar lhe dizendo a verdade.

Então, com Thasper nos braços, Imperion subiu para as regiões do meio, abaixo do Céu, para procurar outro mundo.

Thasper olhou para baixo, contemplando, muito interessado, a grande curva azul do mundo.

— Por que...? — ele começou.

Imperion apressou-se a colocar o menino dentro de uma esfera de esquecimento. Não poderia permitir que Thasper fizesse perguntas naquele lugar. Os questionamentos que espalhariam a Dissolução na Terra teriam um efeito ainda mais poderoso na região do meio. A esfera era

um globo prateado, nem transparente nem opaco. Dentro dela, Thasper permaneceria aparentemente adormecido, sem mover-se nem crescer, até que a esfera fosse aberta. Com a criança assim a salvo, Imperion pendurou a esfera no ombro e penetrou no mundo vizinho.

Ele foi de um mundo para outro. Ficou feliz ao descobrir que havia um número quase infinito deles, pois a escolha mostrou-se supremamente difícil. Alguns mundos eram tão desorganizados que ele relutou em deixar Thasper neles. Em alguns, os deuses não gostaram da intrusão de Imperion e mandaram-no embora aos berros. Em outros, era a humanidade que não aceitava. Um dos mundos que ele visitou era tão racional que, para seu horror, ele descobriu que os deuses de lá estavam mortos. Havia muitos outros que ele achou que serviriam até permitir que o espírito da profecia soprasse através dele, e em todos os casos ficou sabendo que algo de mau aconteceria a Thasper ali.

Mas, finalmente, ele encontrou um mundo que lhe serviria. Parecia calmo e elegante. Os poucos deuses que lá pareciam civilizados, porém simples. Na verdade, Imperion ficou um pouco perplexo ao descobrir que aqueles deuses pareciam compartilhar uma boa parte do poder deles com a humanidade. Mas parecia que a humanidade não abusava desse poder, e o espírito da profecia assegurou-lhe que, se deixasse Thasper ali dentro da sua esfera de esquecimento, ela seria aberta por alguém que trataria bem o menino.

Imperion deixou a esfera dentro de um bosque e voltou apressadamente para Theare, profundamente aliviado. Lá, ele informou Zond do que havia feito, e todo o Céu se alegrou. Imperion arranjou para que Nestara se

casasse com um homem muito rico, que lhe deu não apenas fortuna e felicidade mas também muitos filhos para substituírem Thasper. Então, com um pouco de tristeza, ele voltou para a vida organizada do Céu. A maravilhosa organização de Theare continuou livre da ameaça da Dissolução.

Passaram-se sete anos.

Durante todo esse tempo Thasper nada sabia, e continuava com três anos de idade. Então, um dia, a esfera do esquecimento partiu-se em duas metades e ele piscou à luz do sol, que de certo modo era menos dourada do que ele se lembrava.

— Então é isso que está causando toda essa perturbação — murmurou um homem alto.

— Pobrezinho — suspirou uma senhora.

Havia um bosque ao redor de Thasper e pessoas no bosque olhando para ele. Porém, pelo que Thasper sabia, nada havia acontecido desde que ele subira para a região do meio com seu pai. Ele completou o questionamento que estava fazendo antes:

— Por que o mundo é redondo? — quis saber.

— Pergunta interessante — comentou o homem alto. — A resposta geralmente dada é que é porque os cantos se desgastaram girando em volta do sol. Mas pode ter sido planejado para nos fazer terminar onde começamos.

— Senhor, falando dessa maneira, vai deixá-lo confuso. Ele é só um bebê — disse outra senhora.

— Não, ele está interessado. Olhem para ele — comentou outro homem.

Thasper estava mesmo interessado. Ele aprovava o homem alto. Estava um pouco confuso a respeito do lugar de onde viera, mas supunha que o homem alto devia

ter sido colocado ali porque respondia melhor às perguntas do que Imperion. Ficou imaginando onde Imperion estaria.

— Por que você não é o meu pai? — perguntou ao homem alto.

— Outra pergunta muito penetrante — disse o homem alto.

— Porque, pelo que pudemos descobrir, seu pai vive em outro mundo. Diga-me seu nome.

Este era outro ponto em favor do homem alto. Thasper nunca respondia a perguntas, apenas questionava. Mas aquilo era uma ordem. O homem alto entendia Thasper.

— Thasper — ele respondeu obedientemente.

— Ele é um amor! Eu quero adotá-lo — exclamou a primeira senhora.

Diante disso, as outras senhoras no grupo concordaram com entusiasmo.

— Impossível — objetou o homem alto.

Seu tom era suave como o leite e firme como uma rocha. As senhoras tiveram de contentar-se em implorar para tomar conta de Thasper por um dia. Uma hora.

— Não. Ele tem de voltar imediatamente — afirmou o homem alto em tom suave.

Diante disso, todas as mulheres exclamaram que Thasper poderia estar em grande perigo no próprio lar. O homem alto disse:

— Vou cuidar disso, naturalmente. — Então estendeu a mão e levantou Thasper. — Vamos lá, Thasper.

Assim que Thasper saiu da esfera, as duas metades dela desapareceram. Uma das senhoras pegou a outra mão dele e ele foi levado, numa curta e sacolejante viagem que

ele adorou, para uma casa enorme, onde havia um aposento realmente espantoso. Nesse aposento, Thasper sentou-se sobre uma estrela de cinco pontas e, então, começaram a aparecer quadros à volta dele. As pessoas ficavam balançando a cabeça.

— Não, também não é este mundo.

O homem alto respondeu a todas as perguntas de Thasper, e Thasper estava interessado demais, a ponto de não ter ficado zangado quando não permitiram que ele comesse alguma coisa.

— Por que não? — quis saber.

— Porque só por estar aqui você está fazendo o nosso mundo dar saltos — o homem explicou. — Se colocar comida dentro de você, a comida é uma parte pesada deste planeta e os saltos podem despedaçar-lhe o corpo.

Logo depois disso, apareceu um novo quadro. Todos exclamaram “Ah!”, e o homem alto disse:

— Então é Theare! — Ele olhou para Thasper com expressão de surpresa. — Alguém lá deve ter achado que você é desorganizado — comentou. Então tornou a olhar para o quadro, de maneira lenta e cuidadosa. — Nenhuma desordem, nenhum perigo. Venha comigo — disse.

Ele tornou a pegar a mão de Thasper e levou-o para dentro do quadro. E os cabelos de Thasper ficaram muito mais escuros.

— Uma precaução simples — o homem alto murmurou em tom de desculpa, porém Thasper nem percebeu.

Ele não tinha a menor idéia de qual era a cor dos seus cabelos antes e, além disso, estava dominado pela surpresa de viajarem tão depressa. Chegaram a uma cidade

e pararam de repente. Era uma boa casa, bem no limite de um bairro mais pobre.

— Aqui há alguém que vai servir aos nossos planos — afirmou o homem alto.

Ele bateu à porta e uma mulher de fisionomia tristonha abriu-a.

— Com licença, senhora. Por acaso perdeu um menininho? — perguntou o homem alto.

— Sim — disse a mulher. — Mas este aí não... — Ela pestanejou. — É ele, sim! — exclamou. — Ah, Thasper! Como você pôde fugir dessa maneira? Muito obrigada, senhor.

Mas o homem alto havia desaparecido. O nome da mulher era Alina Altun, e ela estava tão convencida de que era a mãe de Thasper que o menino logo se convenceu disso também. Ele adaptou-se alegremente à vida com ela e o marido, que era médico, muito trabalhador, porém não muito rico.

Thasper logo esqueceu o homem alto, Imperion e Nestara. De vez em quando ficava confuso — e a sua nova mãe também —, pois quando ela o mostrava aos amigos sentia-se obrigada a dizer: “Este é Badien, mas nós sempre o chamamos de Thasper”. Graças ao homem alto, nenhum deles jamais soube que o verdadeiro Badien tinha se perdido no dia da chegada de Thasper e caído no rio, onde um dragão invisível o devorou.

Se Thasper tivesse tido lembrança do homem alto, teria também questionado o motivo por que a sua chegada parecia ter aberto para o Dr. Altun as portas da prosperidade. As pessoas no bairro mais pobre de repente descobriram que o Dr. Altun era um bom médico e cobrava muito pouco. Logo Alina teve condições de mandar

Thasper para uma escola muito boa, onde ele muitas vezes exasperava os professores com os seus infinitos questionamentos. Tinha, como sua nova mãe costumava dizer com orgulho, uma mente muito curiosa. Embora aprendesse mais depressa do que a maioria as Dez Primeiras Lições e as Nove Graças da Infância, seus professores, com frequência, ficavam irritados a ponto de dizerem: “Ora, vá perguntar a um dragão invisível!”, que era o que o povo de Theare costumava dizer quando se sentia incomodado por alguém.

Com dificuldade Thasper conseguiu curar-se gradualmente do seu hábito de nunca responder a perguntas. Mas sempre preferia perguntar a responder. Em casa, questionava o tempo todo: “Por que o deus da cozinha vai ao Céu fazer um relatório uma vez por ano? É para que eu possa roubar biscoitos? Por que os dragões são invisíveis? Existe um deus para todas as coisas? Por que existe um deus para todas as coisas? Se os deuses fazem as pessoas ficarem doentes, como é que Papai consegue curá-las? Por que eu tenho de ter um irmão ou uma irmã?”

Alina Altun era uma boa mãe. Respondia diligentemente a todas essas perguntas, inclusive à última. Ela contou a Thasper como os bebês eram feitos, terminando o seu relato com:

— Então, se os deuses abençoarem o meu ventre, virá um bebê.

Era uma pessoa devota.

— Não quero que você seja abençoada! — Thasper exclamou, usando uma afirmação, coisa que só fazia quando estava fortemente perturbado.

Ao que parecia, ele não tinha escolha quanto a isso. Quando ele tinha dez anos, os deuses acharam apropriado

abençoá-lo com dois irmãos e duas irmãs. Na opinião de Thasper, eles eram, como bênçãos, de péssima qualidade. Eram simplesmente novos demais para terem alguma utilidade.

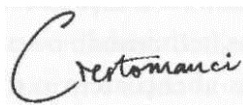
— Por que eles não podem ter a mesma idade que eu? — questionou muitas vezes. E começou a ter uma raiva pequena dos deuses, porém nítida, por causa disso.

O Dr. Altun continuava a prosperar, e seus rendimentos cresciam mais do que a família. Alina contratou uma babá, uma cozinheira e uma série de criados bastante provisórios. Foi um desses criados que, quando Thasper tinha onze anos, presenteou-o timidamente com um quadrado de papel dobrado. Curioso, Thasper desdobrou-o. Sentiu uma sensação curiosa ao tocar no papel, como se o papel lhe vibrasse levemente nos dedos. E também um forte aviso de que ele não devia mencionar isso a ninguém. Dizia:

Caro Thasper,

Sua situação é estranha. Não deixe de me chamar no momento em que ficar cara a cara com você mesmo. listarei vigiando e irei imediatamente.

Seu,

A handwritten signature in dark ink, reading "Crestomanci". The signature is written in a cursive, flowing style. The first letter "C" is large and loops around the rest of the name. The background is a light, textured grey.

Como Thasper a essa altura não tinha sequer a mais ínfima lembrança do seu passado, essa carta deixou-o extremamente confuso. Ele sabia que não devia contar a ninguém sobre essa carta, mas sabia também que isso não

incluía o criado. Com a carta na mão ele correu atrás do criado até a cozinha.

Estacou no alto da escada que descia para a cozinha ao ouvir um tremendo ruído de louça quebrando-se vindo de lá. A isso seguiu-se imediatamente a voz da cozinheira, gritando impropérios. Thasper percebeu que não seria boa idéia entrar na cozinha naquele momento.

O criado — que atendia pelo estranho nome de Gato — estava sendo despedido, como todos os outros criados antes dele. Era melhor ir esperar por Gato do lado de fora da porta dos fundos. Thasper olhou para a carta em sua mão, e seus dedos formigaram. A carta desapareceu.

— Sumiu! — ele exclamou, mostrando com essa afirmação até que ponto ele estava atônito. Nunca poderia explicar o que fez em seguida. Em vez de ir esperar pelo criado, ele correu para a sala, com a intenção de contar tudo à mãe, apesar do aviso.

— Sabe de uma coisa? — ele começou. Havia inventado essa pergunta sem sentido para que pudesse dizer coisas aos outros em forma de pergunta. — Sabe de uma coisa?

Alina ergueu os olhos. Thasper, embora tivesse a firme intenção de contar-lhe sobre a carta misteriosa, encontrou-se dizendo:

— A cozinheira acabou de despedir o novo criado.

— Ah, que chato! Agora serei obrigada a procurar outro — disse Alina.

Irritado consigo mesmo, Thasper tentou novamente contar.

— Sabe de uma coisa? Estou surpreso que a cozinheira ainda não tenha despedido o deus da cozinha.

— Fique quieto, querido. Não fale dos deuses dessa maneira! — disse a devota senhora.

A essa altura o criado havia partido e Thasper perdeu a vontade de contar a todo mundo sobre a carta. Isso ficou sendo o seu excitante segredo pessoal. Ele pensava nisso como A Carta de Uma Pessoa Desconhecida. Às vezes, quando ninguém podia ouvir, ele sussurrava o estranho nome da Pessoa Desconhecida. Mas nada jamais aconteceu, mesmo quando ele disse o nome em voz alta. Depois de algum tempo, desistiu de fazer isso. Tinha outras coisas em que pensar. Tornou-se fascinado por regras, leis e sistemas.

Regras e sistemas eram uma parte importante da vida da humanidade em Theare. Isso era de esperar, sendo o Céu tão bem organizado. As pessoas codificavam todos os comportamentos em coisas como Sete Cortesias Sutis ou Cem Caminhos para a Divindade. Thasper teve aulas dessas coisas desde quando tinha 3 anos de idade.

Estava acostumado a ouvir Alina debater as coisas boas das Setenta e Duas Leis do Lar com suas amigas. Agora Thasper, de repente, descobriu por si mesmo que todas aquelas regras formavam uma magnífica estrutura para a mente de uma pessoa escalar e penetrar nela. Ele fez listas de regras e refinamento de regras, e maneiras possíveis de fazer o oposto do que as regras diziam sem desobedecer a elas. Ele encheu cadernos e fez tabelas. Inventou jogos com regras enormes e complicadas, e os jogava com os amigos.

As pessoas de fora achavam esses jogos violentos e confusos, mas Thasper e seus amigos os adoravam. O melhor momento de qualquer jogo era quando alguém parava de jogar e gritava:

— Pensei numa regra nova!

Essa obsessão com regras durou até Thasper completar 15 anos. Um dia ele vinha caminhando da escola para casa, pensando numa lista de regras para Vinte Penteados Elegantes. Disso se compreende que Thasper estava tomando consciência da existência de garotas, embora até então nenhuma das garotas parecesse ter consciência da existência dele. E estava pensando qual garota deveria usar tal penteado, quando sua atenção foi atraída por algumas palavras escritas a giz num muro:

SE AS REGRAS FORMAM UMA ESTRUTURA
PARA A MENTE ESCALAR E PENETRAR NELA,
POR QUE A MENTE NÃO PODERIA ESCALAR E
SAIR DELA? — DIZ O FILÓSOFO DA DISSOLU-
ÇÃO

Então, nesse mesmo dia, houve novamente consternação no Céu. Zond convocou à sala do trono todos os deuses elevados.

— O Filósofo da Dissolução começou a pregar — anunciou em tom sepulcral. — Imperion, pensei que tivesse se livrado dele.

— Eu também pensei — Imperion respondeu.

Ele estava ainda mais perturbado do que Zond. Se o Filósofo estava começando a pregar, isso significava que Imperion havia se livrado de Thasper e renunciado a Nestara sem necessidade.

— Devo ter me enganado — admitiu.

Nesse momento, Ock se manifestou, soltando um leve vapor:

— Pai Zond, posso sugerir respeitosamente que o senhor mesmo cuide do Filósofo, para que desta vez não haja engano?

— É exatamente o que eu ia sugerir. Todos estão em concordância? — Zond perguntou.

Todos os deuses concordaram. Estavam tão acostumados à ordem que não conseguiriam agir de maneira diferente.

Quanto a Thasper, ele estava de olhos pregados nas palavras escritas a giz, estremecendo até à sola de suas sandálias. O que era aquilo? Quem estava usando seus pensamentos particulares a respeito das regras? Quem era esse Filósofo da Dissolução? Thasper sentiu-se envergonhado. Ele, que era tão bom em questionamentos, jamais havia pensado em fazer esse. Afinal, por que a mente das pessoas não podem escalar para fora das regras?

Ele foi para casa e perguntou aos pais a respeito do Filósofo da Dissolução. Tinha certeza absoluta de que eles saberiam. Ficou muito perturbado ao constatar que eles não sabiam. Mas tinham um vizinho, que mandou Thasper procurar outro vizinho, que tinha um amigo que, quando Thasper finalmente encontrou a casa dele, disse que tinha ouvido dizer que o Filósofo era um rapaz muito inteligente que ganhava a vida zombando dos deuses.

No dia seguinte, alguém havia lavado as palavras da parede. Mas no outro dia um cartaz mal impresso apareceu colado no mesmo muro.

**O FILÓSOFO DA DISSOLUÇÃO PERGUNTA:
POR ORDEM DE QUEM EXISTE**

A ORDEM AFINAL? VENHA A SALA DE CONCERTOS PEQUENA BÊNÇÃO SUBLIME ESTA NOITE 6H30

Às 6h20 Thasper estava jantando. Às 6h24 ele tomou uma decisão e saiu da mesa. Às 6h32 ele chegou ofegante à Sala Pequena Bênção, que ficava num prédio humilde bem perto de onde ele morava. Não havia ninguém lá. Pelo que Thasper conseguiu entender do rabugento zelador, a reunião havia sido na noite da véspera. Thasper fez meia-volta, profundamente decepcionado. Quem ordenou a ordem era uma questão cuja resposta ele agora ansiava por saber. Era profunda. Ele tinha a impressão de que o homem que se denominava O Filósofo da Dissolução era verdadeiramente brilhante.

Para aumentar sua decepção, ele foi para a escola no dia seguinte por um caminho que passava pela Sala de Concertos Pequena Bênção. O local havia sido destruído por um incêndio durante a noite. Havia restado apenas as paredes de tijolos enegrecidos. Quando ele chegou à escola, algumas pessoas estavam conversando sobre isso. Disseram que o incêndio havia começado de repente pouco antes das sete horas da noite anterior.

— Vocês sabiam que o Filósofo da Dissolução esteve lá anteontem? — Thasper perguntou.

Foi assim que ele descobriu que não era a única pessoa interessada no Filósofo. Metade da sua turma era de admiradores da Dissolução. Isso, também, foi quando as garotas dignaram-se a notar a existência dele.

— Ele é incrível nisso dos deuses. Ninguém jamais fez perguntas como essa — disse-lhe uma garota.

A maior parte da turma, no entanto, tanto as meninas quanto os meninos, sabia apenas pouca coisa mais do que Thasper sabia, e a maior parte do que eles sabiam era de ouvir falar. Mas um garoto mostrou um pedaço de um artigo cuidadosamente recortado de um jornal no qual um famoso erudito discutia o que ele chamava de “A Suposta Doutrina da Dissolução”. Ele dizia, em muitíssimas palavras, que o Filósofo e seus seguidores eram grosseiros para com os deuses e contrários a todas as regras.

Isso não trouxe grandes novidades para Thasper, mas já era alguma coisa. Ele viu que, lamentavelmente, sua obsessão com as regras havia sido um enorme equívoco e, para completar, havia feito com que ele ficasse atrás do resto da turma no aprendizado dessa nova e maravilhosa Doutrina. Naquele momento, ele tornou-se um Discípulo da Dissolução. Juntou-se ao resto da sua turma na busca de tudo o que pudessem descobrir a respeito do Filósofo. Ele saía com os colegas escrevendo nos muros:

A DISSOLUÇÃO REINA OK

Depois disso, durante muito tempo a única coisa que os alunos da turma de Thasper conseguiram aprender sobre o Filósofo foi uns retalhos de questionamentos escritos a giz nos muros e rapidamente apagados.

QUAL A NECESSIDADE DA ORAÇÃO?

POR QUE DEVERIA HAVER CEM CAMINHOS PARA A DEIFICAÇÃO, NEM MAIS NEM MENOS?

NÓS SUBIMOS ALGUMA COISA PELOS DEGRAUS PARA O CÉU?

O QUE É A PERFEIÇÃO: UM PROCESSO OU UM ESTADO? QUANDO SUBIMOS PARA A PERFEIÇÃO, ISSO É UM ASSUNTO PARA OS DEUSES?

Thasper anotava todos esses dizeres obsessivamente. Estava obcecado novamente, ele próprio admitia, mas desta vez era de maneira diferente. Ele estava pensando, raciocinando. No princípio ele pensava simplesmente em perguntas inteligentes para fazer ao Filósofo. Esforçava-se para encontrar perguntas que ninguém tivesse feito ainda. Mas durante esse processo sua mente aparentemente abriu-se, e pouco tempo depois ele havia passado a pensar em como o Filósofo poderia responder a essas perguntas. Ele pensou sobre ordem e regras e Céu, e tomou consciência de que havia uma razão por trás de todas as perguntas brilhantes que o Filósofo fazia. Ele sentia a cabeça girar de tanto pensar.

A razão por trás dos questionamentos do Filósofo ocorreu-lhe de manhã, quando ele estava fazendo a barba pela primeira vez. Ele pensou: “Os deuses precisam dos seres humanos para serem deuses!”. Cego por essa revelação, Thasper permaneceu com o olhar fixo no seu próprio rosto no espelho, metade dele coberto de espuma branca. Sem humanos que acreditassem neles, os deuses nada eram! A ordem do Céu, as regras e os códigos da terra, tudo isso só existia por causa das pessoas! Isso era transcendental.

Enquanto Thasper olhava para a sua imagem, veio-lhe à mente A Carta da Pessoa Desconhecida.

— Será que isto é estar cara a cara comigo mesmo?
— ele perguntou em voz alta.

Mas não tinha certeza disso. E adquiriu a certeza de que quando chegasse o momento ele não teria que se perguntar.

Então ocorreu-lhe que o Desconhecido Crestomanci era, quase seguramente, o próprio Filósofo. Thasper ficou entusiasmado. O Filósofo estava demonstrando um interesse especial e misterioso pelo adolescente Thasper Altun. A carta desaparecida combinava perfeitamente com o esquivo Filósofo.

O Filósofo continuou esquivo. A notícia seguinte concreta dele foi uma nota no jornal de que a Galeria Celestial havia sido atingida por um raio. O telhado do prédio desabou, dizia a notícia, “segundos após o rapaz conhecido como Filósofo da Dissolução ter terminado outro dos seus sermões angustiados e cheios de insegurança, e de ter deixado o prédio com seus discípulos”.

“Ele não é inseguro”, Thasper pensou consigo mesmo. “Ele sabe sobre os deuses. Se eu sei, ele certamente sabe.”

Ele e os colegas fizeram uma peregrinação às ruínas da galeria. Era um prédio melhor do que o da Sala Pequena Bênção. Ao que parecia, o Filósofo estava subindo na vida.

Então houve um enorme excitação. Uma das alunas encontrou um pequeno anúncio no jornal: o Filósofo iria fazer uma nova palestra na imensa Sala Reino do Esplendor. Havia subido na vida outra vez. Thasper e seus amigos vestiram seus melhores trajes e foram para lá em peso. Ao que parecia, porém, havia ocorrido um engano na impressão do horário e a palestra havia terminado pouco antes. Viam-se muitas pessoas afastando-se da Sala com expressão decepcionada.

Thasper e os amigos ainda estavam na rua quando a Sala explodiu. Tiveram sorte de não serem atingidos. A polícia declarou que se tratava de uma bomba. Thasper e os amigos ajudaram a arrastar as pessoas feridas para longe da Sala em chamas. Foi excitante, mas não era o Filósofo.

A essa altura, Thasper sabia que não conseguiria ser feliz até encontrar o Filósofo. Disse a si mesmo que precisava saber se a razão por trás das perguntas do Filósofo era aquela que ele imaginava. Porém havia mais do que isso: Thasper estava convencido de que o seu destino estava ligado ao do Filósofo. Ele tinha certeza de que o Filósofo queria que Thasper o encontrasse.

Mas havia agora um forte boato na escola, e por toda a cidade, de que o Filósofo estava cansado de palestras e ataques a bomba. Ele havia se recolhido para escrever um livro. Ele o chamaria As perguntas da Dissolução. O boato dizia também que o Filósofo estava alojado em algum lugar perto da Rua dos Quatro Leões.

Thasper foi até Rua dos Quatro Leões. Lá chegando, ele não teve constrangimento. Bateu às portas e interrogou os passantes. Disseram-lhe várias vezes para ir perguntar ao dragão invisível, mas ele não deu atenção a isso. Continuou perguntando até alguém lhe dizer que a Sra. Tunap, no número 403, poderia saber. Thasper bateu à porta do 403 com o coração disparado.

A Sra. Tunap era uma senhora um tanto cerimoniosa, de turbante verde.

— Sinto muito, mas não sei, meu caro. Sou nova aqui — foi o que ela disse.

Antes, porém, que o coração de Thasper perdesse as forças, ela acrescentou:

— Mas as pessoas que moravam aqui antes de mim tinham um inquilino. Um cavalheiro muito discreto. Ele partiu pouco antes da minha chegada.

— Ele deixou um endereço? — Thasper perguntou, prendendo a respiração.

A Sra. Tunap consultou um envelope velho pregado na parede do vestíbulo.

— Aqui diz: “O inquilino mudou-se para a Praça do Coração Dourado”, meu caro.

Na Praça do Coração Dourado, porém, um jovem cavalheiro, que poderia ser o Filósofo, tinha apenas dado uma olhada num quarto e ido embora. Depois disso, Thasper precisou ir para casa. Os Altun não estavam acostumados com adolescentes e andavam preocupados por Thasper de repente querer sair todas as noites.

Estranhamente, o número 403 da Rua dos Quatro Leões pegou fogo naquela noite.

Thasper entendia claramente que os assassinos, assim como ele, estavam à procura do Filósofo. E ficou mais obcecado do que nunca em encontrá-lo. Sabia que poderia salvar o Filósofo se o encontrasse antes que os assassinos o pegassem. Ele não culpava o Filósofo por estar cada dia em um lugar diferente.

Pois era exatamente o que ele fazia. Os boatos seguintes eram de que ele estava na Rua da Perdiz Pleasaunce. Quando Thasper rastreou-o lá, ficou sabendo que o Filósofo havia se mudado para a Praça Fauntel. Da Praça Fauntel o Filósofo, aparentemente, transferiu-se para o Boulevard dos Ventos Fortes, e depois para uma casa mais pobre na Rua da Estação. Houve muitos outros lugares depois disso.

A essa altura Thasper havia desenvolvido um faro, um sexto sentido, acerca do paradeiro do Filósofo. Uma palavra, uma simples menção a um inquilino discreto, e lá ia Thasper bater às portas, interrogar as pessoas, receber ordens de ir perguntar a um dragão invisível, e deixando os seus pais perplexos com seu hábito de sair correndo de casa todas as noites. Porém não importava a rapidez com que Thasper investigava cada pista, o Filósofo sempre havia acabado de partir. E Thasper, na maioria dos casos, estava pouco à frente dos assassinos. Casas pegavam fogo ou explodiam, às vezes quando ele ainda estava na mesma rua.

Finalmente ele foi investigar uma pista muito fraca, que poderia ou não poderia levar à Rua do Novo Unicórnio. Thasper foi até lá desejando não ter de ir para a escola todos os dias. O Filósofo podia locomover-se à vontade, e Thasper passava o dia inteiro preso. Não era de espantar que ele sempre perdesse o Filósofo. Mas tinha grandes esperanças na Rua Novo Unicórnio. Era o tipo de lugar pobre que o Filósofo vinha preferindo ultimamente.

Suas esperanças, porém, foram em vão. A mulher gorda que abriu a porta riu com grosseria na cara de Thasper.

— Não me incomode, vá perguntar a um dragão invisível!

E bateu a porta na cara dele.

Thasper ficou parado na rua, profundamente humilhado. E sem uma pista de onde procurar em seguida. Horríveis suspeitas cresciam-lhe na mente: ele estava fazendo papel de tolo; ele tinha se lançado numa missão impossível; o Filósofo não existia. Para não pensar nessas coisas ele se entregou à raiva:

— Muito bem! Eu vou mesmo perguntar a um dragão invisível! Tenho dito! — ele gritou para a porta fechada.

E, impulsionado pela raiva, desceu correndo até o rio e entrou na ponte mais próxima.

Parou no meio da ponte, inclinou-se sobre o parapeito e tomou consciência de que estava fazendo o papel de idiota. Não havia dragões invisíveis. Ele tinha certeza. Mas ainda estava preso à sua obsessão, e aquilo era uma coisa que ele se propusera a fazer. Mesmo assim, se houvesse outra pessoa perto da ponte Thasper teria desistido e ido embora. Mas ela estava deserta. Sentindo-se um idiota completo, ele fez o sinal-de-oração para Ock, Governante dos Oceanos — pois Ock era o deus encarregado de todas as coisas relacionadas à água —, mas o fez secretamente, com as mãos para fora do parapeito, para que não houvesse chance de alguém ver. Então disse, quase num sussurro:

— Há algum dragão invisível aí? Tenho uma coisa a lhe perguntar.

Gotas de água rodopiaram acima dele. Alguma coisa molhada soprou-lhe no rosto. Ele escutou essa alguma coisa zumbindo. Virou o rosto para o lado do ruído e viu três manchas de água alinhadas ao longo do parapeito, cada uma a aproximadamente meio metro da outra e cada uma do tamanho de dois palmos dos dele. Ainda mais estranho, havia água pingando do nada em todo o parapeito, por uma distância de mais ou menos o dobro da altura de Thasper. Thasper soltou uma risada medrosa.

— Estou imaginando um dragão — disse em voz alta. — Se houvesse um dragão aqui, essas manchas seriam os lugares onde o corpo dele estaria encostado no pa-

rapeito. E o comprimento da parte molhada sugere que eu devo estar imaginando que ele tenha cerca de quatro metros de comprimento.

— Tenho quatro metros e meio — disse uma voz saindo do nada.

Soava assustadoramente perto do rosto de Thasper, e soprou neblina sobre ele. Thasper recuou um passo.

— Fale logo, filho-de-um-deus — disse a voz. — Que é que você gostaria de me perguntar?

— Eu... eu... eu... — Thasper gaguejou.

Não se tratava apenas de estar assustado. Aquilo era um golpe físico. Virava de cabeça para baixo todas as suas idéias sobre os deuses precisarem de que os homens acreditassem neles. Mas controlou-se. Sua voz estava quase firme quando ele disse:

— Estou procurando o Filósofo da Dissolução. Sabe onde ele está?

O dragão riu. Era um ruído diferente, como um desses apitos que fazem um som borbulhante quando se coloca água neles.

— Sinto muito, mas não posso lhe dizer precisamente onde o Filósofo está — disse a voz que saía do nada. — Você vai ter de encontrá-lo por si próprio, filho-de-um-deus. Deve ter reparado que existe um padrão.

— Certíssimo, existe mesmo um padrão! Todo lugar aonde ele vai, quando eu chego ele já saiu, e logo depois o lugar pega fogo! — Thasper disse.

— Isso também — o dragão concordou. — Mas existe um padrão nos lugares onde ele se aloja, também. Procure esse padrão. É tudo o que posso lhe dizer, filho-de-um-deus. Mais alguma pergunta?

— Não, por incrível que pareça. Muito obrigado — disse Thasper.

— As ordens — disse o dragão invisível. — As pessoas estão sempre dizendo umas às outras para virem nos perguntar, e quase ninguém faz isso. Nós nos veremos de novo.

Uma lufada de ar molhado rodopiou ao rosto de Thasper. Ele inclinou-se por cima do parapeito e viu um repuxo de água erguer-se, e depois bolhas prateadas subindo até a superfície. Depois, nada. Ele ficou surpreso ao constatar que suas pernas estavam temendo.

Thasper forçou as pernas a se firmarem e caminhou para casa. Foi diretamente para o seu quarto e, antes de fazer qualquer outra coisa, levado por um impulso supersticioso que ele não sabia que tinha dentro de si, ele pegou o deus do lar que Alina insistia que ele tivesse num nicho acima da cama. Colocou-o cuidadosamente no corredor do lado de fora da porta. Depois pegou um mapa da cidade e alguns adesivos vermelhos e marcou todos os lugares onde por pouco não encontrara o Filósofo.

O resultado fez com que ele saísse dançando de entusiasmo. O dragão tinha razão, existia mesmo um padrão. O Filósofo havia começado em bons alojamentos na melhor parte da cidade. Depois, gradualmente, mudou-se para lugares cada vez mais pobres, mas fazendo uma curva, descendo até a estação e tornando a voltar para a parte melhor. Agora, a casa dos Altun ficava justamente na borda da parte mais pobre. O Filósofo estava vindo nessa direção! A Rua do Novo

Unicórnio não era muito distante. O lugar seguinte seria ainda mais próximo. Thasper precisaria apenas procurar uma casa pegando fogo.

A essa altura já estava escurecendo. Thasper abriu as cortinas e debruçou-se na janela para examinar as ruas mais pobres. E lá estava! Havia clarões vermelhos e alaranjados à esquerda — na Rua Lua Cheia do Equinócio, ao que parecia. Thasper riu bem alto. Estava grato aos assassinos!

Ele disparou escada abaixo e saiu de casa. As perguntas ansiosas dos pais e os gritos dos irmãos e das irmãs seguiram-no, mas ele bateu a porta neles. Dois minutos de corrida levou-o à cena do incêndio. A rua era uma sucessão de vislumbres de vultos escuros. Havia gente empilhando móveis na calçada. Outras pessoas estavam ajudando uma senhora estonteada, usando um turbante marrom torto, a sentar-se numa poltrona chamuscada.

— A senhora não tinha um inquilino? — alguém perguntou-lhe em tom ansioso.

A mulher não cessava de tentar ajeitar o turbante. Era tudo em que ela conseguia pensar.

— Ele não ficou. Acho que deve estar na Meia-Lua agora. Thasper não esperou mais. Saiu correndo rua afora.

A Meia-Lua era uma estalagem na esquina da mesma rua. A maior parte das pessoas que costumavam beber lá devia estar na cena do incêndio, ajudando a salvar a mobília, mas havia uma luz fraca lá dentro, suficiente para mostrar um cartaz branco na janela. quartos, ele dizia.

Thasper irrompeu no bar. O garçom estava sentado em um banquinho perto da janela, esticando o pescoço para ver a casa queimar. Não olhou para Thasper.

— Onde está o seu inquilino? Tenho uma mensagem para ele — Thasper declarou. — É urgente.

O garçom não virou a cabeça para responder.

— Em cima, primeira à esquerda — informou. — O telhado pegou fogo. Vão ter de trabalhar depressa para salvar as duas casas vizinhas.

Thasper ouviu essas palavras já subindo a escada. Virou à esquerda. Bateu rapidamente à porta, abriu-a e entrou correndo.

O quarto estava deserto. A luz estava acesa e mostrava uma cama simples, uma mesa manchada com uma caneca vazia e algumas folhas de papel, e uma lareira com um espelho acima dela. Ao lado da lareira, outra porta estava se fechando. Obviamente alguém acabara de passar por ela.

Thasper saltou para essa porta. Mas estacou, por apenas um segundo, ao se ver no espelho acima da lareira. Não tinha pretendido parar. Mas um truque qualquer do espelho, que era velho e escuro, e todo manchado, fez o seu reflexo parecer, por um momento, muito mais velho. Ele parecia ter facilmente mais de 20 anos. Ele parecia...

Thasper lembrou-se da Carta da Pessoa Desconhecida. Aquela era a hora. Ele sabia que era. Estava prestes a conhecer o Filósofo. Precisava apenas chamá-lo. Thasper foi em direção à porta que ainda estava em movimento. Hesitou. A Carta dissera para chamar imediatamente. Sabendo que o Filósofo estava ali do outro lado da porta, Thasper empurrou-a alguns centímetros e segurou-a nessa posição com os dedos. Ainda estava cheio de dúvidas. Pensava: será que acredito mesmo que os deuses precisam das pessoas? Tenho tanta certeza disso? Que é que devo dizer ao Filósofo afinal?

Ele tornou a fechar a porta.

— Crestomanci — chamou em tom infeliz.

Houve um forte sussurro de ar em movimento atrás dele, tão forte que fez o seu corpo dar meia-volta. Thasper viu um homem alto parado junto à cama modesta. Era uma figura totalmente extraordinária, usando um roupão comprido preto, com o que pareciam ser cometas amarelos bordados. A parte interna do roupão, quando aparecia, mostrava-se amarela com cometas pretos. O homem alto tinha cabelos escuros muito lisos, olhos escuros muito brilhantes e, nos pés, o que pareciam ser chinelos de quarto vermelhos.

— Graças! — disse a estranha figura. — Por um instante pensei que você fosse atravessar aquela porta.

A voz trouxe uma lembrança de volta a Thasper.

— O senhor me trouxe para casa por meio de um quadro quando eu era pequeno — disse. — O senhor é Crestomanci?

— Sou, sim, e você é Thasper — respondeu o homem alto e esdrúxulo. — E agora nós dois precisamos partir antes que esta casa pegue fogo.

Ele pegou o braço de Thasper e puxou-o em direção à porta que levava à escada. Assim que ele abriu a porta, entrou uma fumaça espessa, cheia de estalos ríspidos. Era óbvio que a estalagem já estava em chamas. Crestomanci tornou a fechar a porta. A fumaça fez com que os dois se pusessem a tossir. Crestomanci tossia com tanta violência que Thasper ficou com medo de que ele sufocasse. Puxou os dois de volta para o centro do quarto. A essa altura a fumaça começava a entrar pelas frestas das tábuas do chão, fazendo Crestomanci voltar a tossir.

— Isso tinha que acontecer justamente quando eu estava indo para a cama com gripe! — ele disse, quando

conseguiu falar. — A vida é assim. Esses deuses organizados de vocês não nos deixam escolha.

Ele atravessou o chão enfumaçado e empurrou a porta perto da lareira.

Ela abriu-se para um espaço vazio. Thasper soltou um gritinho de horror.

— Exatamente — tossiu Crestomanci. — A intenção era de que você morresse na queda.

— Não podemos saltar para o chão? — Thasper sugeriu. Crestomanci balançou a cabeça.

— Não depois que eles fizeram isso. Não. Em vez disso, seremos obrigados a levar a luta até eles e visitar os deuses. Pode ter a bondade de me emprestar o seu turbante antes de sairmos?

Diante desse pedido estranho, Thasper não teve reação.

— Eu gostaria de usá-lo como cinto. O caminho para o Céu pode ser um pouco frio, e estou vestindo apenas pijamas sob o roupão — Crestomanci explicou com voz rouca.

O pijama listrado que Crestomanci estava usando parecia mesmo um pouco fino. Thasper desenrolou lentamente o seu turbante. Apresentar-se diante dos deuses de cabeça descoberta não seria, provavelmente, pior do que ir de pijama e roupão, ele supunha. Além disso, não acreditava que os deuses existissem. Entregou o turbante. Crestomanci enrolou a faixa azul-claro em volta do roupão preto e amarelo, e aparentemente sentiu-se mais confortável.

— Agora, agarre-se a mim e vai ficar tudo bem — disse. Ele tornou a pegar o braço de Thasper e começou a caminhar para o alto, arrastando Thasper consigo.

Por algum tempo, Thasper ficou espantado demais para conseguir falar. A única coisa que ele conseguia fazer era maravilhar-se com o fato de que eles estavam ascendendo para o céu como se estivessem subindo degraus invisíveis.

Crestomanci fazia isso como se fosse a coisa mais normal do mundo. De vez em quando ele tossia e estremeia, mas não deixava de segurar Thasper com força. Em pouco tempo a cidade abaixo deles tornou-se um amontoado de casinhas de boneca lindamente iluminadas, com duas manchas vermelhas onde as duas casas estavam pegando fogo. As estrelas se espalhavam em volta deles, acima e abaixo, como se eles já tivessem subido acima de algumas delas.

— É uma longa subida para o Céu — Crestomanci comentou. — Existe alguma coisa que você gostaria de saber no caminho?

— Sim. O senhor disse que os deuses estão tentando me matar? — Thasper perguntou.

— Eles estão tentando eliminar o Filósofo da Dissolução, o que eles ainda não perceberam que é a mesma coisa. E que você é o Filósofo, entende?

— Mas não sou, não! — Thasper protestou. — O Filósofo é muito mais velho do que eu e faz perguntas nas quais eu nem havia pensado antes de ouvir falar nele.

— Ah, sim, acho que infelizmente há uma circularidade horrível nisso tudo. É culpa de quem tentou mandar você embora quando você era criança. Pelo que eu consegui entender, você ficou com 3 anos de idade durante 7 anos, até causar tanto distúrbio no nosso mundo que fomos obrigados a encontrar e libertar você. Mas neste mundo de Theare, altamente organizado e fixo como

ele é, a profecia afirmava que você começaria a pregar a Dissolução na idade de 23 anos, ou pelo menos neste ano em que estamos. Portanto a pregação tinha de começar neste ano. Você não precisava aparecer. Algum dia você conversou com alguém que chegou a ouvir o Filósofo pregar?

— Pensando bem, nunca — Thasper afirmou.

— Ninguém ouviu. De qualquer maneira, você começou aos poucos. Primeiro escreveu um livro, no qual ninguém prestou muita atenção...

— Não, isso está errado. Ele... eu... hã... o Filósofo estava escrevendo um livro depois de começar a pregar.

— Mas você não entende? Como a essa altura você já estava de volta a Theare, os fatos precisavam alcançá-lo. Eles fizeram isso correndo para trás, até se tornar possível que você chegasse aonde deveria estar. Que era naquele quarto na estalagem, no início da sua carreira. Suponho que você agora esteja com idade suficiente para começar. E suspeito que nossos amigos celestiais lá de cima descobriram isso tarde demais e tentaram acabar com você. Não teria adiantado nada para eles, como vou lhes dizer daqui a pouco.

Ele começou a tossir novamente. Haviam subido para onde o frio era cortante.

A essa altura o mundo era um arco escuro abaixo deles. Thasper conseguia ver o rubor do sol começando a aparecer abaixo do planeta. Eles continuaram subindo. A luminosidade ficou mais intensa. O sol apareceu, um brilho imenso à distância lá embaixo. Mais uma vez Thasper teve um vislumbre de uma lembrança. Ele se esforçou para acreditar que nada daquilo era real, e não conseguiu.



— Como é que o senhor sabe de tudo isso? — perguntou bruscamente.

— Já ouviu falar em um deus chamado Ock? — Crestomanci tossiu. — Ele veio conversar comigo quando você deveria ter a idade que tem agora. Ele estava preocupado... — Crestomanci tornou a tossir. — Vou precisar economizar o resto das minhas forças para falar lá no Céu.

Eles continuaram a subir, e as estrelas nadavam à volta deles, até que a coisa que eles estavam subindo modificou-se e tornou-se mais sólida. Logo estavam subindo uma rampa escura com um brilho perolado que aumentava à medida que eles a percorriam. Ali, Crestomanci soltou o braço de Thasper e assoou o nariz num lenço com a bainha dourada, fazendo uma expressão de grande alívio. O perolado da rampa tornou-se prata e a prata tornou-se um branco cegante (ofuscante). Depois de algum tempo, eles se encontraram caminhando numa brancura plana, percorrendo corredores após corredores.

Os deuses estavam reunidos para recebê-los. Nenhum deles demonstrava cordialidade.

— Estou com medo de não estarmos vestidos adequadamente — Crestomanci murmurou.

Thasper olhou para os deuses, depois para Crestomanci e encolheu-se de vergonha. Por mais enfeitado e estranho que fosse o traje de Crestomanci, não deixava de ser evidentemente uma roupa de dormir. As coisas nos pés dele eram chinelos de pele. E ali, parecendo um pedaço de barbante azul em volta da cintura de Crestomanci, estava o turbante que Thasper deveria estar usando.

Os deuses estavam espetaculares, em calças douradas e turbantes ornamentados com jóias, e ficavam cada vez mais espetaculares à medida que os dois se aproxima-

vam dos deuses mais elevados. Os olhos de Thasper foram atraídos por um deus que usava uma resplandecente roupa de ouro e que o surpreendeu com um olhar amistoso, quase ansioso. Em frente a ele havia uma imensa figura de aparência líquida, enfeitada com pérolas e diamantes. Esse deus disfarçadamente, mas definitivamente, piscou para ele. Thasper estava intimidado demais para reagir, mas Crestomanci, calmamente, piscou de volta.

No final dos corredores, sobre um trono gigantesco, erguia-se a poderosa figura do Grande Zond, vestido de branco e roxo, com uma coroa na cabeça. Crestomanci ergueu os olhos para Zond e assoou o nariz pensativamente. Não era um ato muito respeitoso.

— Por que motivo dois mortais invadem o nosso salão? — Zond trovejou em tom frio.

Crestomanci espirrou.

— Por causa da sua própria tolice — disse. — Vocês, deuses de Theare, tiveram todas as coisas tão bem planeadas durante tanto tempo que não conseguem enxergar além da sua própria rotina.

— Vou explodi-lo por causa disso — Zond anunciou.

— Não se algum de vocês desejar sobreviver — Crestomanci respondeu.

Houve um longo murmúrio de protesto por parte dos outros deuses. Eles desejavam sobreviver. Estavam tentando compreender o que Crestomanci queria dizer. Zond entendeu como uma ameaça à sua autoridade e achou que seria melhor ser cauteloso.

— Prossiga — ordenou.

— Uma das suas características mais eficientes é que as suas profecias sempre se realizam — Crestomanci começou.

— Então, por que, quando uma profecia lhes desagrada, vocês acham que podem modificá-la? Isso, meus bons deuses, é uma grande tolice. Além disso, ninguém pode impedir a sua própria Dissolução, muito menos todos vocês deuses de Theare. Mas vocês esqueceram. Vocês esqueceram que haviam privado tanto vocês quanto a humanidade de qualquer tipo de livre-arbítrio, ao se organizarem com tanta precisão. Vocês jogaram Thasper, o Filósofo da Dissolução, para dentro do meu mundo, esquecendo-se de que no meu mundo o acaso ainda existe. Por acaso Thasper foi descoberto apenas sete anos depois. Foi sorte de Thasper que isso tenha acontecido assim. Estremeço ao pensar o que poderia ter ocorrido se Thasper tivesse permanecido com 3 anos de idade durante o seu tempo de vida designado.

— Eu fui o culpado disso! — Imperion exclamou.
— Eu assumo a culpa. — Ele voltou-se para Thasper. — Perdoe-me. Você é meu próprio filho — revelou.

Thasper ficou pensando se era isso a que Alina se referia ao dizer que os deuses lhe haviam abençoado o ventre. Ele até então achava que se tratava somente de uma maneira de falar. Olhou para Imperion, pestanejando um pouco diante do brilho do deus. Não estava totalmente impressionado. Um belo deus, um deus honesto, mas Thasper percebia que ele tinha uma visão limitada das coisas.

— É claro que perdão — respondeu educadamente.

— Foi também uma sorte que nenhum de vocês tenha conseguido matar o Filósofo. Thasper é filho de um deus. Isso significa de só pode haver um dele, e por causa da sua profecia ele tem que estar vivo para pregar a Dissolução. Vocês poderiam ter destruído Theare. Já conseguiram que esse mundo se transformasse num borrão cheio de rachaduras. Theare é organizado demais para dividir-se em dois mundos alternativos, como teria acontecido com o meu mundo. Em vez disso, foi preciso que acontecessem certos acontecimentos que não poderiam ter acontecido. Theare ficou rachado e deformado, e vocês quase causaram a sua própria Dissolução.

— Que é que podemos fazer? — Zond perguntou, perturbado.

— Só existe uma coisa que vocês podem fazer: deixar Thasper em paz — Crestomanci respondeu. — Deixem que ele pregue a Dissolução e parem de tentar explodi-lo. Isso trará o livre-arbítrio e um futuro livre. Então, ou Theare vai curar-se ou vai dividir-se, limpamente e sem dor, em dois mundos saudáveis.

— De modo que nós mesmos vamos provocar a nossa decadência? — Zond perguntou em tom infeliz.

— Isso sempre foi inevitável — Crestomanci afirmou. Zond suspirou.

— Muito bem. Thasper, filho de Imperion, com relutância dou-lhe a minha bênção para você pregar a Dissolução. Vá em paz.

Thasper fez uma reverência. Depois ficou ali parado em silêncio por um longo tempo. Não percebeu que tanto Imperion quanto Ock tentavam atrair-lhe atenção. O artigo no jornal havia falado do Filósofo como cheio de angústias e inseguranças. Agora ele sabia o motivo disso.

Olhou para Crestomanci, que estava novamente assoando o nariz.

— Como posso pregar a Dissolução? — ele disse finalmente. — Como posso não acreditar nos deuses depois que os vi pessoalmente?

— Esse é um questionamento que você certamente deveria estar fazendo. Desça para Theare e pergunte — Crestomanci respondeu com a voz rouca.

Thasper assentiu e virou-se para partir. Crestomanci inclinou-se na direção dele e disse, por trás do lenço:

— Pergunte isto a você também: os deuses podem ficar gripados? Acho que talvez eu tenha passado gripe para todos eles. Seja um bom camarada, descubra isso e depois me conte.



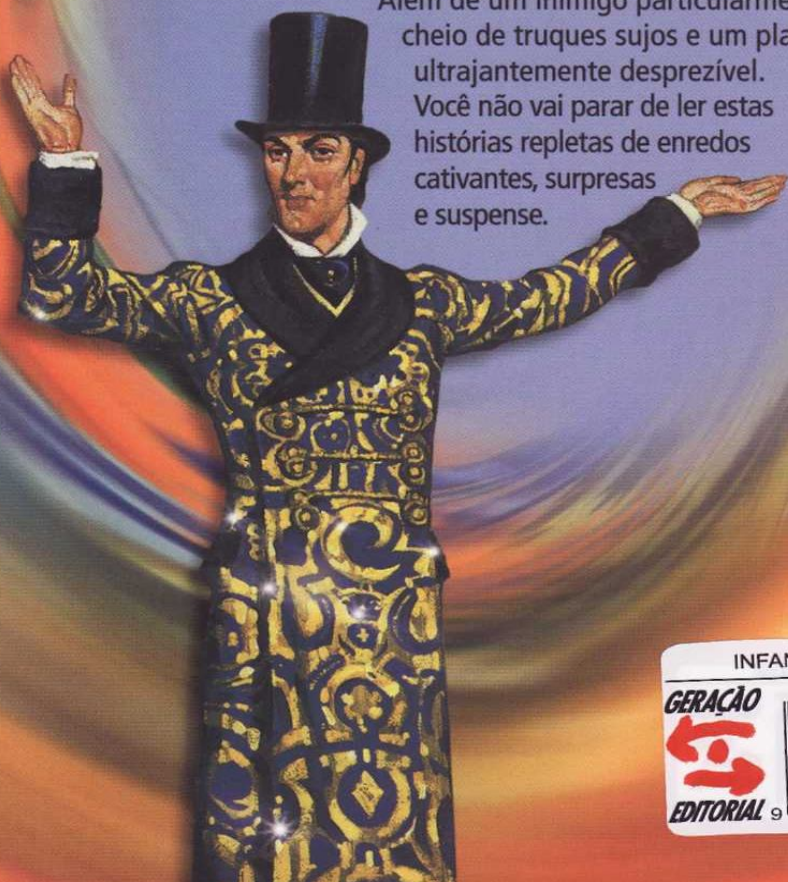
Digitalização/Revisão: Yuna

[TOCA DIGITAL](http://www.tocadigital.com)

OS MUNDOS DE CRESTOMANCI

Nos mundos de Crestomanci, ser capaz de usar a magia é uma grande vantagem. Mas as pessoas comuns também têm seus direitos, e somente o poder e as habilidades de um mago de nove vidas – um legítimo Crestomanci – pode socorrê-los, controlando e punindo as estripulias de numerosos feiticeiros, bruxos e bruxas que só querem saber de criar confusão para esses pobres inocentes. Todas as quatro histórias deste livro, quinto e esperado volume da emocionante série de Diana Wynne Jones, apresentam o enigmático Crestomanci – mais alto e mais charmoso do que nunca – e muitos de seus velhos amigos, além de novos conhecidos.

Além de um inimigo particularmente ardiloso, cheio de truques sujos e um plano ultrajantemente desprezível. Você não vai parar de ler estas histórias repletas de enredos cativantes, surpresas e suspense.



INFANTO-JUVENIL

GERAÇÃO



EDITORIAL

ISBN 978856150110-5



9 788561

501105